

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA/POSGEA

RICARDO MARTINS DE FREITAS

**A PERCEPÇÃO DA PAISAGEM AMAZÔNICA PELOS ALUNOS DO
CURSO REGULAR DE ENSINO A DISTÂNCIA (CREAD) DO
COLÉGIO MILITAR DE MANAUS**

Dissertação apresentado ao Programa de Pós-
Graduação em Geografia
Orientação: Prof. Dr. Nelson Rego

**PORTO ALEGRE
2013**

RICARDO MARTINS DE FREITAS

**A PERCEPÇÃO DA PAISAGEM AMAZÔNICA PELOS ALUNOS DO
CURSO REGULAR DE ENSINO A DISTÂNCIA (CREAD) DO
COLÉGIO MILITAR DE MANAUS**

Dissertação apresentada como requisito parcial para
obtenção do grau de Mestre em Geografia do
Programa de Pós-Graduação em Geografia da
Faculdade de Geografia da Universidade Federal do
Rio Grande do Sul.

Aprovada em _____ de 2013, pela Banca Examinadora.

BANCA EXAMINADORA

Orientador: Prof. Dr. Nelson Rego – UFRGS

Prof. Dr. Dakir Larara Machado da Silva – ULBRA

Prof. Dr. Roberto Verdum – UFRGS

Prof. Dra. Cláudia Luíza Zeferino Pires – UFRGS

Porto Alegre
Setembro de 2013

CIP - Catalogação na Publicação

Martins de Freitas, Ricardo.

A percepção da paisagem amazônica pelos alunos do Curso Regular de Ensino a Distância (CREAD) do Colégio Militar de Manaus / Ricardo Martins de Freitas. -- 2013.

116 f.

Orientador: Nelson Rego.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Geociências, Programa de Pós-Graduação em Geografia, Porto Alegre, BR-RS, 2013.

1. Amazônia. 2. Paisagem. 3. Percepção. 4. Representação. 5. Mídia. I. Rego, Nelson, orient. II. Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de ficha Catalográfica da UFRGS com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Agradecimentos

Inicialmente agradeço aos meus pais – Antônio Francisco de Freitas e Maria Clélia Martins de Freitas, pelo apoio incondicional em todas as etapas da minha vida. Agradeço, de forma especial –, à minha esposa, Ana Patrícia, aos meus filhos – Rafael e Guilherme – e aos meus irmãos, por tudo que compartilhamos.

Aos alunos entrevistados do CREAD/CMM, que compartilharam suas vivências e percepções sobre a Amazônia e a sua paisagem sem os quais não seria possível a realização desta dissertação.

Ao meu orientador Prof. Dr. Nelson Rego, por sua sabedoria e seu apoio constante durante os anos de caminhada na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

Agradeço à instituição Exército Brasileiro, por permitir a minha constante qualificação.

Aos antigos e atuais integrantes da equipe do Curso Regular de Educação a Distância do Colégio Militar de Manaus (CREAD/CMM), responsáveis por levar educação de qualidade para a Amazônia brasileira seja na sede em Manaus, ou nos Polos, especialmente nos municípios de Tefé e Tabatinga. Dentre muitos, destaco: Ten Cel Santos Silva, Cap Márcia, Cap Franco, Ten Aline e Cap Kirchmeyer.

Aos amigos Luciana Marques Pinheiro, Emerson Flávio Euzébio e Jaqueline Dias, que me apoiaram em Tabatinga tanto na aplicação dos questionários desta pesquisa, como com informações técnicas sobre o município e o registro fotográfico. Aos amigos e colegas Teresinha Dalbem Stropper, Ronaldo Queiroz, Lucimar Vieira, Juliane Magagnin da Soller, pelas orientações e apoio fundamentais para que este trabalho fosse realizado.

Aos companheiros do Colégio Militar de Porto Alegre, pelo apoio em todos os momentos: Cel Airton Paulo, Cel Rigoni, Ten Cel Tarta, Cap Sindeuax, Cap Ana Rita Peres, Ten Micheline Moraes e Professora Nara Zakauska.

À Universidade Federal do Rio Grande do Sul, ao Departamento de Geografia, à Secretaria do Pós-Gea e aos demais professores da pós-graduação com quem aprendi no decorrer das disciplinas e, em especial, aos Professores Dr Roberto Verdum, Dra. Dirce Maria Antunes Suertegaray e Dr. Antonio Carlos Castrogiovanni.

Resumo

Esta dissertação busca verificar que representações os alunos do Ensino a distância do Colégio Militar de Manaus fazem da Amazônia e, mais especificamente, de sua paisagem. Para que fosse possível descrever essas representações, fez-se necessário: identificar as percepções da paisagem amazônica pelos alunos do CREAD/CMM, apresentar as representações midiáticas da paisagem amazônica e analisar a dialética das imagens construídas acerca da paisagem amazônica a partir da vivência social dos alunos. A apreensão das representações da Amazônia se deu através da aplicação de questionários aos alunos do ensino básico dos polos do CREAD/CMM de Tefé e Tabatinga. A escolha dessas localidades levou em conta o fato de ambas serem das maiores em quantidade de alunos, o que propicia um universo maior e mais diversificado de alunos dos diversos estados brasileiros que foram residir nestes municípios amazônicos. Isso ocorre em função de os alunos serem filhos de militares que vão exercer suas atividades profissionais nessas localidades. A entrevista foi dividida em duas partes, uma sobre a percepção da Amazônia e outra sobre a percepção da paisagem amazônica. Constatou-se que, no universo desses alunos de variados estados brasileiros, a representação da Amazônia mais presente está relacionada à natureza/floresta, as populações tradicionais e a problemática do desenvolvimento. Em relação à paisagem, percebe-se que a natureza prevalece como marca/matriz.

Palavras-chave: Amazônia, paisagem, percepção, representação, mídia.

Abstract

This work aims at analyzing how the students participating in the Distance Learning Program at the Military School of Manaus (CREAD/CMM) build their representations of the Amazon Forest, specially its landscape. In order to describe these representations it was necessary to present the media representations of the Amazon's landscape and analyze the dialectic of the images based on the student's life experience.

These representations were acquired through questionnaires applied to students participating in the CREAD/CMM program in Tefé and Tabatinga, since these two cities hold the majority of the students enrolled in the program and therefore a higher and more diversified universe of students who come from many different states in Brazil but are now living in these Amazon cities to join their parents who have moved to these place to serve their military duties. The interview was divided into two parts: their perception of the Amazon and their perception of the Amazon's landscape. It was noticed that among the students, from different States in Brazil, the most common impressions are related to nature/forest, to the traditional population, and to developmental problems. In relation to the landscape, it was possible to perceive that nature is the main feature in the student's representations.

Keywords: Amazon, landscape, perception, representation, media.

Sumário

Introdução	10
Capítulo 1 - Paisagem	15
1.1-Paisagem gênese.....	15
1.2-Forma, função e estrutura.....	18
1.3-Paisagem natural e cultural.....	23
1.4-Paisagem simbólica.....	26
Capítulo 2 - A Ocupação da Amazônia brasileira	32
2.1- Ocupação e organização do espaço amazônico.....	32
2.2- Conectividade Amazônica.....	39
Capítulo 3 - Amazônia e Representação	43
3.1- Amazônia: Percepção, Paisagem e Imaginário.....	44
3.2- Amazônia: Representação e Mídia.....	51
Capítulo 4 - A percepção da Paisagem Amazônica pelos alunos do CREAD/CMM.....	61
4.1- A Percepção da Amazônia pelos alunos	61
4.1.1- A representação da Amazônia.....	61
4.1.2- A percepção da Amazônia no local.....	66
4.1.3- Perspectivas de mudanças nos municípios de Tefé e Tabatinga.....	70
4.2- A Percepção da Paisagem Amazônica pelos alunos.....	72
4.2.1- A concepção de paisagem elaborada pelos alunos.....	72
4.2.2-As paisagens que melhor representam os município de Tefé e tabatinga (marca/matriz).....	74
4.2.3- Perspectivas de mudanças na paisagem dos municípios de Tefé e Tabatinga	77
Considerações finais.....	79
Bibliografia.....	82
Anexos.....	86

Lista de Figuras

FIGURA 1. Localidades abrangidas pelo CREAD/CMM na Amazônia.

FIGURA 2. Sede do Polo do CREAD/CMM Tabatinga.

FIGURA 3. Sala de aula do CREAD/CMM Tabatinga.

FIGURA 4. Pôr-do-sol no Rio Solimões.

FIGURA 5. Mercado Municipal.

FIGURA 6. Rio Solimões visto do Umariacú.

FIGURA 7. Cyber café.

FIGURA 8. Agência bancária.

FIGURA 9. Centro comercial.

FIGURA 10. Embarcação típica “Voadeira”.

FIGURA 11. Barco Recreio.

FIGURA 12. Revenda de Telefonia Móvel.

FIGURA 13. Fronteira de Tabatinga e Letícia (Colômbia).

FIGURA 14. Visto da Rua da Amizade sentido Letícia.

FIGURA 15. Aeroporto de Tabatinga.

FIGURA 16. Polo do CREAD/CMM de Tefé.

FIGURA 17. Sede do Polo do CREAD/CMM de Tefé.

FIGURA 18. Biblioteca do Polo de Tefé CREAD/CMM de Tefé.

FIGURA 19. Sala de Aula do Polo Cread/CMM de Tefé.

FIGURA 20. Sala de aula do Pólo do CREAD/CMM de Tefé.

FIGURA 21. Pôr-do-Sol em Tefé.

FIGURA 22. Reserva de Mamirauá em Tefé.

FIGURA 23. Reserva de Mamirauá em Tefé.

FIGURA 24. Comunidade ribeirinha em Tefé.

FIGURA 25. Terra da Castanha (Tefé).

FIGURA 26. Feira de artesanato em Tefé.

FIGURA 27. Feira municipal de Tefé.

FIGURA 28. Moto-Táxi em Tefé.

FIGURA 29. Casa de forró em Tefé.

FIGURA 30. Comida típica: “Caldeirada”.

Lista de Gráficos

- GRÁFICO 1. A representação da Amazônia – Natureza.
- GRÁFICO 2. A representação da Amazônia – Urbanização/População.
- GRÁFICO 3. A representação da Amazônia – Economia/Desenvolvimento.
- GRÁFICO 4. A representação da Amazônia – Extensão/Localização.
- GRÁFICO 5. A percepção da Amazônia no Local – Natureza.
- GRÁFICO 6. A percepção da Amazônia no local – Economia/Desenvolvimento.
- GRÁFICO 7. A percepção da Amazônia no local – Urbanização/População.
- GRÁFICO 8. A percepção da Amazônia no local – Extensão/Localização.
- GRÁFICO 9. As perspectivas de Mudanças no Município de Tefé.
- GRÁFICO 10. As perspectivas de Mudanças no Município de Tabatinga.
- GRÁFICO 11. A concepção de paisagem elaborada pelos alunos do CREAD/CMM.
- GRÁFICO 12. Paisagens que melhor representam o Município de Tefé (Marca/Matriz).
- GRÁFICO 13. Paisagens que melhor representam o Município de Tabatinga (Marca/Matriz).
- GRÁFICO 14. As perspectivas de mudanças na paisagem de Tefé.
- GRÁFICO 15. As perspectivas de mudanças na paisagem de Tabatinga.

Introdução

Esta dissertação pretende compreender as diferentes representações que os alunos do Ensino a Distância do Colégio Militar de Manaus (CMM) fazem da Amazônia. Trata-se de um estudo que, para lograr êxito, visa a buscar os seguintes objetivos: identificar as percepções da paisagem amazônica pelos alunos do Curso Regular de Ensino a Distância do Colégio Militar de Manaus (CREAD/CMM); apresentar as representações midiáticas da paisagem amazônica paralelamente à imagem ideológica de civilização moderna; e, analisar a dialética das imagens construídas acerca da paisagem amazônica a partir da vivência social dos alunos.

A criação do projeto denominado “Ensino a Distância do Colégio Militar de Manaus” (EAD-CMM), aprovada, em 2002, pelo Departamento de Ensino e Pesquisa – DEP, atual Departamento de Educação e Cultura do Exército (DECEX), surgiu da necessidade de atender militares e seus filhos levando em conta o fato de haver naquela região especificidades que diferenciavam bastante aquele público-alvo de outros de outras regiões brasileiras. O projeto foi inicialmente criado com o objetivo de permitir que, nas áreas de fronteira da Amazônia Brasileira, houvesse acesso à educação de qualidade para os dependentes de militares. Posteriormente foi aberto o acesso para as crianças das comunidades amazônicas, porém perfazem uma minoria (SILVA, 2008, p. 116).

Os prejuízos à escolaridade dos filhos jovens, muitas vezes, impediam que alguns militares pudessem exercer com tranquilidade suas atribuições. Ficava evidente a situação precária a que eram submetidos e os conseqüentes prejuízos à família decorrentes de sua estada nas referidas áreas. Assim, atualmente, até mesmo os filhos de militares que servem no exterior também são atendidos pelo Ensino a Distância do Colégio Militar de Manaus.

Na figura 1, pode-se observar os polos do CREAD/CMM distribuídos pela Amazônia brasileira. Cada polo localiza-se em uma organização militar do Exército Brasileiro e atende majoritariamente aos dependentes dos militares das três Forças (Marinha, Aeronáutica e Exército), além de outros alunos das comunidades locais. No ano de 2012 eram atendidos aproximadamente 192 alunos nos polos na Amazônia (Estados do Amazonas, Pará, Acre, Rondônia, Roraima e Acre) e 170 alunos em 32 países. São eles: Uruguai, Argentina, Paraguai, Chile, Peru, Bolívia, Equador, Colômbia, Venezuela, Suriname, Guiana, El

Salvador, Guatemala, México, Estados Unidos da América, Canadá, Egito, Angola, Moçambique, África do Sul, Portugal, Espanha, Inglaterra, França, Alemanha, Polônia, Itália, Rússia, Índia, China, Indonésia, Japão.

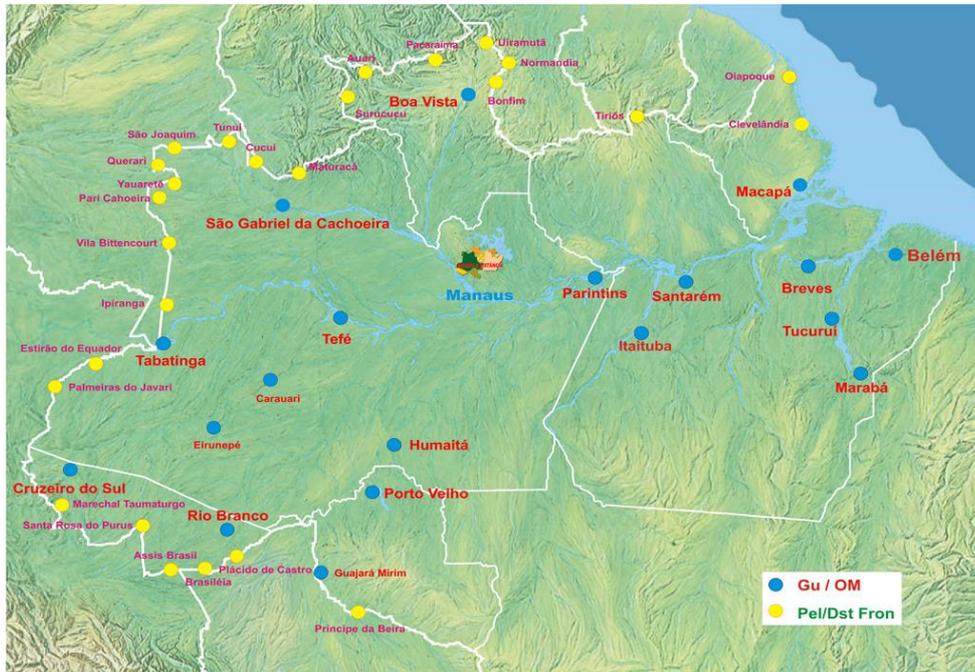


Figura 1. Localidades abrangidas pelo CREAD/CMM na Amazônia.
Fonte: SEAD/CMM.

O presente estudo resulta da minha experiência pessoal e profissional na região amazônica. Tendo morado por aproximadamente nove anos em Manaus e trabalhado como professor de Geografia no ensino presencial e a distancia do CMM, esta vivência me oportunizou uma nova leitura e novos questionamentos das percepções acerca do lugar e da paisagem amazônica. Diante disso, é possível que este trabalho possa contribuir para que o Curso Regular de Ensino a Distância (CREAD) do Colégio Militar de Manaus tenha acesso a um diagnóstico sobre a percepção dos alunos a respeito da paisagem amazônica. Este trabalho também deve contribuir para as diferentes Geografias e outras áreas do conhecimento, desmitificando significados e preconceitos existentes sobre a Amazônia.

A Amazônia povoa o imaginário da população do mundo desde o princípio da colonização aos dias de hoje na América do Sul. Por ter ficado muito tempo sem ser efetivamente conquistada, pela dificuldade de acesso, pela exuberância da sua paisagem e por sua biodiversidade, Carlos Walter constata que “A imagem mais comum do que seja a Amazônia é a de que se trata de uma imensa extensão de terra, onde o principal elemento de

identificação é uma natureza pujante, praticamente indomável, que a história nos legou intocada” (GONÇALVES, 2001, p. 20).

O contato com alunos nascidos nos mais diversos lugares do Brasil que, por serem filhos de militares, tiveram de deixar as suas cidades e vivenciar a realidade amazônica instiga a estudar a experiência deles. Essa nova realidade que eles vivenciam, ligada à região, suscita muitos questionamentos acerca da representação que fazem sobre a Amazônia e sua paisagem, visto que o nosso país apresenta uma grande diversidade física e sociocultural. Além disso, sabe-se que historicamente imagens construídas sobre a Amazônia tendem a apresentá-la como região homogênea.

A análise desenvolvida neste estudo será centrada nos municípios de Tabatinga e Tefé, pois ambos estão entre os polos com maior número de alunos atendidos pelo projeto. O CREAD do CMM possui aproximadamente 419 alunos inscritos no ano de 2013 sendo que, no município de Tabatinga, são 44 matriculados (18 no EM e 26 no EF). Já no município de Tefé, estão matriculados 61 alunos: 21 no Ensino Médio e 40 no Ensino Fundamental (Dados da SEAD/CMM).

O município de Tabatinga está localizado na fronteira ocidental da Amazônia. Sua estrutura urbana e populacional sofreu mudanças consideráveis nas últimas décadas. Sua população aproximada é de 52 mil habitantes (2010/IBGE) e, apesar de não possuir acesso por via rodoviária e tampouco uma dinâmica socioeconômica relevante, apresentou um crescimento populacional superior à média das cidades amazônicas. Esse município localiza-se no extremo oeste da Amazônia brasileira, à margem do rio Solimões, vizinho à cidade colombiana de Leticia. Tabatinga situa-se a 1.105 km por via aérea a oeste de Manaus e 1.090 km ao sul de Bogotá (EUZÉBIO, 2011).

O Município de Tefé está localizado na Planície Amazônica, na região do Médio Solimões. Tem uma população de aproximadamente 62 mil habitantes (2010/IBGE). Por estar mais próximo ao centro do Estado do Amazonas, tem uma melhor infraestrutura e um acesso mais fácil à capital Manaus em comparação com outras cidades da região de porte médio da região. Em Tefé, localiza-se a Reserva de Desenvolvimento Sustentável de Mamirauá e Flona de Tefé. A beleza cênica da paisagem do Lago Tefé e do seu entorno é descrita no site da prefeitura desse município.

Ele tem aproximadamente 12 km de extensão e em sua volta é possível encontrar diversas espécies de animais na sua fauna como onças, macacos, jacarés, botos, além das muitas espécies de peixes e aves. Os visitantes podem encontrar paisagens inesquecíveis no lago Tefé principalmente ao entardecer. O pôr do sol aqui neste local é de imensa beleza. (<<http://www.prefeituradetefe.com.br/turismo>>).

Será justamente sobre essa paisagem que se desenvolverá esta pesquisa, cuja proposta tem cunho qualitativo e busca informações acerca da percepção da paisagem da Amazônia pelos alunos do Ensino a Distância do Colégio Militar de Manaus, tendo sido entrevistados alunos dos polos de Tefé e Tabatinga. Terá também uma dimensão quantitativa, uma vez que serão levantados e analisados sob essa perspectiva dados obtidos na entrevista de alunos matriculados no ano de 2013.

Para STAKE (2011), levando-se em consideração que não existe um único significado real para um determinado evento ou experiência de vida, a pesquisa qualitativa é a mais adequada para a elaboração de estudos que buscam diversas interpretações. A partir das várias interpretações, existe a possibilidade de uma maior compreensão e um aprofundamento dos fenômenos estudados. No caso desta pesquisa sobre a percepção da paisagem Amazônica, era salutar que tivesse essa ênfase. Foi escolhida a entrevista semipadronizada de FLICK (2009), pois essa técnica permitiria que a subjetividade dos alunos aflorasse, trazendo à tona tanto o conhecimento/representação sobre a paisagem da Amazônia construída anteriormente como as novas percepções após o seu contato efetivo com a região. O modo de captar esse conhecimento dos entrevistados incluiu suposições explícitas e imediatas através de perguntas abertas organizadas em dois blocos: um sobre a percepção da Amazônia e outro sobre a percepção da paisagem amazônica. Com a finalidade de obter o maior número de informações que retratassem a percepção dos alunos sobre a temática amazônica, as questões formuladas eram todas abertas, possibilitando que o aluno pudesse se expressar de forma plural. Foram realizadas 52 entrevistas com os alunos do ensino básico dos polos de Tefé (12) e Tabatinga (40) matriculados no ano de 2013. Os alunos receberam as entrevistas impressas, que foram aplicadas por professores durante a sua rotina escolar. Esses municípios foram escolhidos por apresentarem um grande número de alunos matriculados e, além disso, aquela que foi considerada a melhor estrutura dentre os vários polos do EAD/CMM e uma maior facilidade de comunicação.

Do ponto de vista teórico-conceitual, o estudo parte de um amplo levantamento bibliográfico com os seguintes eixos de abordagem: percepção, paisagem, representação, mídia e Amazônia.

Diante disso, este trabalho está organizado em quatro capítulos. No primeiro, serão abordados os conceitos de paisagem. O segundo capítulo trata da ocupação da Amazônia brasileira, o terceiro versa sobre a Amazônia e a sua representação e, por último, o quarto

capítulo discute a paisagem percebida de fato pelos alunos do Curso Regular de Ensino a Distância do CMM.

CAPÍTULO 1

PAISAGEM

1.1 Paisagem gênese

O conceito de paisagem, a partir da década de 1970, voltou a ser um dos conceitos-chave da Geografia e, nesse sentido, foi submetido a uma releitura. Essas mudanças foram influenciadas por teorias que consideravam, entre outras, a Geografia Humanista, a Geografia Cultural e o Materialismo Histórico e Dialético. Até então, a leitura subjetiva da paisagem não fazia parte do contexto científico, pois esses aspectos não podiam ser classificados ou mensurados.

Essa releitura da noção de paisagem e o debate em relação a ela suscitam, na Geografia, uma diversidade conceitual, uma religação dos saberes e uma abertura para novas metodologias, alinhando-se à perspectiva geral da ciência na contemporaneidade.

A concepção do que seja paisagem é uma ideia que perpassa o pensamento humano desde a Antiguidade. Verdum (2012) constata baseado em Rougerie e Beroutchachvili (1991), Bolós (1992) e Roger (1995) que a arte e a pintura foram responsáveis pela representação do que seria paisagem neste período.

A origem do termo “paisagem” remete ao Renascimento, sendo que seu surgimento indica uma nova relação entre os homens e o meio ambiente (Cosgrove, 1998). Desse modo, este conceito surge a partir de uma construção coletiva entre o declínio do feudalismo e o florescimento do capitalismo.

Embasado por Berque (1995), Deffontaines (1998) e Maciel (2001), Verdum afirma que o senso geral dos indivíduos entende “paisagem” como tendo duas significações: uma objetiva e outra como representação. “A ideia de que paisagem é baseada naquilo de que a visão alcança – escala espacial – faz com que se construa sua noção como um mosaico, mais ou menos ordenado de formas e cores”, ou seja, ao primeiro contato da visão humana, nos passa um caráter de imutável, uma fotografia (VERDUM, 2012, p. 15).

Denis Cosgrove, geógrafo britânico, representa um dos expoentes Geografia Cultural anglo-saxônica. Ele retomou, a partir da década de 1970, o conceito de paisagem por meio de um forte conteúdo crítico e original. Adota uma abordagem cultural sobre a paisagem com base em seu significado simbólico e se propõe a tratar a Geografia como uma humanidade e como uma ciência social.

Na verdade, a paisagem tem uma dinâmica que pode ser percebida na escala temporal. É só compararmos imagens em períodos diferentes para percebemos que há um eterno transformar do que momentaneamente se apresenta como aparentemente imutável. Baseado em Bertrand (1995), Verdum constata que:

Todos os elementos que compõem esta dinâmica podem ser objetos de estudo, tanto em conjunto como isolados; no entanto, esta dinâmica sugere uma estrutura e um funcionamento essencialmente único, características que dariam a cada paisagem seu caráter específico (VERDUM, 2012, p. 15).

O mesmo autor observa que a concepção de “paisagem” sofre modificação ao longo do tempo, assim como as associações deste conceito com os seguintes termos: *país, lugar, unidade territorial, porção da superfície da terra firme*, etc. Em suma, alguns autores usam conceitos ligados a ambiente que muito apropriadamente poderiam ser usado para “paisagem”.

O autor Yi-fu Tuan, por exemplo, muitas vezes não trabalha de maneira direta a categoria “paisagem”, no entanto, quando trata de meio ambiente, está descrevendo e conceituando a paisagem. No início da sua obra *Topifilia*, ele descreve as premissas que nortearam a sua elaboração. Ele enfatiza os caminhos que serviram de base para a elaboração dessa sua obra: “Nenhum conceito abrangente guia o meu esforço. O melhor que posso fazer é estruturar o tema da topofilia com um conjunto limitado de conceitos”. Em seguida, ele lista os componentes do conjunto, que podemos afirmar que têm várias intersecções com a categoria paisagem:

Tentei o seguinte: (1) examinar a percepção e os valores ambientais em diferentes níveis: as espécies, o grupo e o indivíduo; (2) manter cultura e meio ambiente, topofilia e meio ambiente, tão distintos a fim de mostrar como eles mutuamente contribuem para a formação de valores; (3) introduzir o conceito de mudança, com um esquema de deslocamento da visão medieval europeia do mundo para um modelo científico, e o que isso significou para as atitudes ambientais; (4) examinar a ideia da busca do meio ambiente na cidade, no subúrbio, no campo e o selvagem, de uma perspectiva dialética; (5) distinguir tipos diferentes de experiências ambientais e descrever as suas características (TUAN, 1980, p. 3).

Para Verdum, o conceito de paisagem surgiu como referencial de expressão artística e de análise das relações entre sociedade e natureza. São apresentadas duas ideias sobre a definição desse conceito. A primeira seria a representação de recortes espaciais na arte sobre o cotidiano das sociedades do século XVII e os elementos da natureza de cunho subjetivo/pictórico. Ou seja, a paisagem seria a soma de diferentes olhares para além da visão produzida pelo artista. A segunda ideia remete aos aspectos naturais e à sua funcionalidade, mas especificamente associadas aos elementos da natureza (VERDUM, 2012).

A partir do século XIX, quando a Geografia constrói seu referencial como ciência, a paisagem é concebida como o conjunto das formas que caracterizam um determinado setor da superfície terrestre. Os geógrafos passam a analisar os elementos que compõem a paisagem, em função da sua forma e magnitude e, assim, obter uma classificação das paisagens. Portanto, é de fundamental importância, neste tipo de procedimento, que a paisagem seja considerada como conjunto dos elementos da natureza capazes de serem observados a partir de um ponto de referência (VERDUM, 2012, p. 15).

O roteiro metodológico utilizado para a realização da leitura da paisagem considera três possibilidades quanto à análise da paisagem: descritiva, a sistêmica e a perceptiva. A paisagem descritiva está baseada na descrição, e, para que seja possível a apreensão dos seus significados, faz-se necessário “a enumeração dos elementos presentes e a discussão das formas. Assim, a análise geográfica estaria restrita aos aspectos visíveis do real e, essencialmente, à morfologia da paisagem” (VERDUM, 2012, p. 15).

A análise sistêmica da paisagem é realizada a partir do estudo combinado dos elementos físicos, biológicos e sociais, que forma um conjunto geográfico indissociável, uma interface entre o natural e o social, considerada uma análise em várias dimensões. É enfatizado que na possibilidade de analisar separadamente os elementos que constituem as diferentes características espaciais, psicológicas, econômicas, ecológicas, etc., perde-se, uma leitura completa da paisagem. A complexidade da paisagem não permite reduzi-la em partes durante esta análise, uma vez que na sua constituição estão presentes um tempo morfológico (forma), uma constituição física (estrutura) e a uma funcionalidade, que são indissociáveis (VERDUM, 2012).

A análise da paisagem perceptiva é elaborada a partir de elementos que denotem marca e matriz. Neste método a paisagem pode e deve ser descritiva e inventariada, ou seja, deixar bem claro quais são as marcas existentes no local estudado. A descrição da paisagem continua sendo o ponto de partida, já a percepção varia de acordo com abstração do espectador, estando sujeita a mudança de escala no espaço ou no tempo. A paisagem é matriz,

porque esta ligada a concepções teóricas e de ações anteriores ligadas à formação da sociedade e alteração do seu entorno. Conforme constata Verdum (2012), a paisagem é concreta e múltipla conforme o olhar de cada pessoa.

Assim pode-se dizer que a paisagem é o concreto, ou seja, a coisa real, mas, ao mesmo tempo, é a imaginação, a representação destas coisas, as imagens. Cada um de nós, de acordo com a nossa trajetória, nossa consciência, experiência, vê as paisagens de forma diferente e única. Cada um constrói seus conceitos que vão refletir em suas ações e olhares, mas estes olhares estão concebidos a partir de uma matriz cultural, do coletivo das pessoas de uma determinada sociedade humana (VERDUM, 2012, p. 15).

Para Cosgrove (1998, p. 98), “A paisagem, de fato, é uma “maneira de ver”, uma maneira de compor e harmonizar o mundo externo em uma “cena”, em uma unidade visual”.

Para Berque (1998, p. 85), “A paisagem é uma marca, pois expressa uma civilização, mas é também uma matriz porque participa dos esquemas de percepção, de concepção e de ação – ou seja, da cultura – que canalizam, em certo sentido, a relação de uma sociedade com o espaço e com a natureza e, portanto, a paisagem do seu ecúmeno”.

1.2 Forma, função e estrutura

Com o objetivo de estabelecer os indicadores de percepção da paisagem, Verdum propõe a seguinte questão geral: Como reconhecer os elementos que estruturam uma paisagem e como entender a relação desses com novos elementos que são a ela integrados, nas escalas espacial e temporal? (VERDUM, 2012, p. 18).

A proposta de caracterizar um espaço geográfico qualquer a partir de uma categoria de análise espacial (paisagem) pressupõe a concepção de poder caracterizar este espaço pela utilização de um referencial que possa auxiliar na compreensão das diferentes Unidades de Paisagem (UPs) que a compõem (Verdum e outros, 2006). Neste sentido, é fundamental definir que as diferenciações entre as UPs, estão referenciadas, essencialmente, em quatro critérios: a forma, a função, a estrutura e a dinâmica (VERDUM, 2012, p. 18).

Verdum propõe dois níveis de análise metodológicos para que possamos fazer a leitura da paisagem. O primeiro seria o nível de observação e diferenciação que envolve a subjetividade individual ou coletiva segundo os referenciais vigentes na comunidade. – “A observação e a diferenciação espacial (forma e estrutura) podem ser reconhecidas por

elementos distintos da paisagem, tais como: o relevo, a cobertura vegetal, a disposição das rochas, dos solos, dos cursos e corpos d'água, etc.” (VERDUM, 2012, p. 19).

Neste nível de análise o autor corrobora que a apropriação e o uso (funcionalidade) na paisagem são observados e diferenciados de acordo com as mudanças que ocorrem patrocinadas pelo trabalho e pelas técnicas utilizadas no espaço, ou seja, a paisagem é um produto social. Para Verdum (2012, p. 19), ”A partir desses níveis de análise da paisagem pode-se propor que a concepção de paisagem assume significados distintos, isto é, têm-se padrões paisagísticos locais e identidades locais”.

O segundo nível de análise metodológica proposto pelo autor para leitura da paisagem seria o nível de escala temporal. Neste nível, devemos trabalhar a noção de dois tempos distintos: o geológico e o histórico. Para o autor, “Em relação ao tempo histórico, deve-se ter como referência que uma paisagem passa a ser incorporada e fazer parte da identidade individual e coletiva em torno de 25 anos (uma geração) (Berque, 1995; Verdum e outros, 2007)” (VERDUM, 2012, p. 17 e 18).

Para Teresa Emídio, a definição de paisagem, sob o ponto de vista do senso comum, conforme o significado encontrado nos dicionários pode ser utilizado referindo-se tanto ao espaço que abrangemos visualmente como as artes plásticas (pintura e desenho) que retratam a natureza ou algum aglomerado urbano. Entretanto, a autora enfatiza que a análise por esse viés é conceitualmente muito simplista, uma vez que “as atividades naturais e as interações entre os seus componentes deixam aí de ser tratadas” (EMÍDIO, 2006, p. 47).

Para essa autora, “Numa visão antropológica, por exemplo, cujo ponto central privilegia o ser humano, a paisagem é interpretada como produto da interação do homem com o seu meio, com a finalidade de desenvolvimento ou transformação. Haverá, acerca dela, portanto concepções arquitetônicas, sociais, geográficas, ecológicas, psicológicas, entre outras.” (EMÍDIO, 2006, p. 48).

Seguindo em sua análise, Teresa Emídio enfatiza que, mesmo que primícias do conceito de paisagem tenham surgido no século XV, à época do renascimento, a geografia se apropriou dessa temática no século XIX. Essa apropriação tinha como objetivo a compreensão das interações tanto sociais, como naturais existentes em um determinado espaço. Entretanto, as diversas abordagens (as organicistas, as funcionalistas ou utilitárias e culturais), que estão conceitualmente atreladas a uma diversidade de base filosóficas, até concepções atuais que buscam conciliar os interesses sociais e ecológicos ligados a uma visão

supostamente de desenvolvimento sustentável, não chegaram a um consenso quanto à sua definição (EMÍDIO, 2006, p. 48).

No seu texto “Meio ambiente e paisagem”, a autora procura resgatar os primórdios da categorização desse conceito na Geografia com base em Raul Alfredo Schier.

Ao discorrer sobre a trajetória de definição de paisagem. Através dos diferentes tratamentos da geografia, Raul Alfredo Schier lembra que o conceito de *Landschaft*, inicialmente relacionado ao positivismo, foi introduzido pela escola alemã de geografia como uma categoria científica com foco no conjunto de fatores naturais e humanos agrupados em unidades espaciais. Posteriormente, com uma forma de abordagem mais dinâmica, diferentemente da anterior, que era mais estática, a escola francesa de geografia definiu *paysage* (ou *pays*) como o relacionamento do homem com o seu espaço físico (EMÍDIO, 2006, p. 48-49).

Na cronologia da gênese do conceito de “paisagem”, a autora destaca que “nos anos de 1960, sob uma abordagem neopositivista, a escola norte-americana substituiu o termo *Landscape*, até então utilizado sob a influência da geografia alemão, pela ideia de região. *Landscape* passou a ser compreendido como síntese das relações complexas entre a realidade e a ação humana, porém concebida pela abordagem marxista, de visão materialista e pouco interessada nos aspectos geográficos, como produto territorial da ação entre capital e trabalho” (EMÍDIO, 2006, p. 49).

É salientado que, no mesmo período, na Alemanha e no Leste Europeu, emergiu um conceito mais holístico de *Landschaft – Landsschaftskomplex* –, que definia as unidades de paisagem pelo conjunto de seus processos ecológicos. A autora destaca que “Essa ideia se encontra expressa no termo *Landsschaftsökologie* – ‘ecologia da paisagem’ – proposto, em 1939, pelo biogeógrafo Carl Troll (1899-1975), quatro anos após Arthur Geoge Tansley (1871-1955) ter introduzido o conceito de ecossistema”.

Em relação ao termo *Landsschaftsökologie*, é enfatizado que, originalmente, designava o estudo das inter-relações do homem com o seu meio, visando à ordenação da ocupação humana através do conhecimento das limitações e potencialidades dos diferentes espaços para uma ocupação/uso racional. Baseado nesse conceito geográfico, tivemos o surgimento nos Estados Unidos da ecologia humana (EMÍDIO, 2006, p.50).

É enfatizado também que, na década de 1980, houve o ressurgimento da ecologia da paisagem, agora com uma abordagem voltada para os estudos bioecológicos, que destacam “as paisagens naturais e o manejo e a conservação de seus recursos. Foi difundida por ecólogos e biogeográficos norte-americanos, empenhados no planejamento e no manejo de reservas naturais continentais” (EMÍDIO, 2006, p.50).

Seguindo numa análise das diversas abordagens do conceito de paisagem voltada para a conceituação da visão biológica, a autora chama a atenção para o fato de que biólogo Jean Paul Metzger trabalha com o conceito de ecologia da paisagem como sendo uma área de conhecimento ligada à ecologia e que, na sua essência, é passível de dois espectros de análise: uma geográfica, que analisa primordialmente a ação do homem sobre a paisagem e a gestão do território, e outra ecológica, que enfatiza a importância do contexto espacial nos processos ecológicos e a sendo que a conservação biológica depende desta interação.

Em virtude da atual preocupação de agregar essas duas vertentes, unificando seus conceitos básicos, Metzger propõe uma definição integradora de paisagem, ou seja, “um mosaico heterogêneo formado por unidades interativas, sendo esta heterogeneidade existente para, pelo menos, um fator, segundo um observador e numa determinada escala de observação”. Esse “mosaico heterogêneo” é visto, em sua essência, pelos olhos do homem, na abordagem geográfica, e pelo olhar das espécies ou comunidades estudadas, na abordagem ecológica (EMÍDIO, 2006, p. 50 e 51).

Vimos anteriormente que os geógrafos e os biólogos são dois grupos que se dedicam e dependem primordialmente da paisagem, e trabalham incessantemente sobre as sua conceituação. Devemos destacar, também, os arquitetos como profissionais que dependem da compreensão da paisagem para o desenvolvimento de sua atividade profissional.

Essa autora observa, geralmente nos estudos referente à paisagem, são dados enfoques nas questões à espacialidade e à estética, e que numa abordagem ambiental devem ser considerados os elementos funcionais e integrativos que estão relacionados à dinâmica da própria natureza (ecossistemas). Esta abordagem ligada às questões ambientais obrigou necessariamente que os estudiosos incorporassem aos seus estudos e aos seus diagnósticos ideias sobre desenvolvimento sustentável relacionado à questão da paisagem. (EMÍDIO, 2006, p. 56)

Podemos perceber que, devido à existência e/ou materialidade, pode ser percebida em áreas conceituais e reais como regiões, territórios ou lugares estando sempre ligada concomitantemente à cultura das pessoas que a percebem e a constroem e a reconstroem de acordo com a sua inserção cultural e ideológica nas sociedades em que vivem. Da interação entre as relações humanas e o meio ambiente, temos a reconstrução construção da paisagem. A autora destaca uma citação de Raul Alfredo Schier que denota bem esse processo de construção e reconstrução das paisagens, fruto da ação homem e meio, “compreendidas como portadoras de funções sociais, (as paisagens) não são produtos, mas processos de conferir ao

espaço significados ideológicos com base nos padrões econômicos, políticos e culturais vigentes” (EMÍDIO, 2006, p. 56).

“Paisagem” é um conceito plural, não existe possibilidade de lhe atribuir um único significado, pois cada olhar sobre ela trará uma interpretação diferenciada. Essa diversidade de interpretação enriquece e, ao mesmo tempo, torna o seu estudo e compreensão bem complexos, uma vez que a análise desta categoria exige um estudo abrangente nos obrigando a sair do nosso preconceito buscar outros conceitos das sociedades/indivíduos envolvidos no seu passado e no presente.

O estudo da paisagem, portanto, exige um enfoque a partir do qual a avaliação possa ser feita, para então serem definidos o conjunto de elementos envolvidos, a escala a ser considerada e a sua temporalidade. Enfim trata-se de apresentar o objeto “paisagem” em seu contexto geográfico e histórico, levando-se em conta a configuração sociocultural e os processos ecológicos e antrópicos (EMÍDIO, 2006, p. 56).

A paisagem também nos proporciona uma leitura do tempo (passado/presente) e traça perspectivas para o futuro. Quando comparamos um ambiente natural versus o atual transformado, estamos relacionando o passado e o presente. Quando fazemos um planejamento urbano, é necessário fazer um levantamento dos recursos naturais existentes (transformados ou não), das ações do homem até o momento (alteração da paisagem) e do que se pretende para o futuro, qual a intencionalidade. Toda essa ação do homem vai gerando um mosaico que é a própria paisagem. Para Teresa Emídio, algumas paisagens têm a capacidade de se conservarem por mais tempo, e outras por menos. Essa mudança na fisionomia das paisagens ocorreria por uma variação fisiológica natural ou pela antropização.

Nesse contexto, assim contribuindo para a realização da leitura de paisagem, no que se refere à pontualidade antrópica, devem-se identificar as funções existentes, diretamente associadas ao perfil dos usuários que determinam a qualidade e quantidade de intervenções no meio (EMÍDIO, 2006, p. 63).

Quanto à mensuração das paisagens, Emídio constata que “paisagem, por não possuir começo nem fim, torna-se impossível de ser representada em sua totalidade. Essa dificuldade induz o profissional a definir, no sentido de restringir, uma parte desse todo, a fim de facilitar a sua percepção e compreensão e, portanto, poder determinar e caracterizar seu objeto de trabalho”. Para tornar possível a prática profissional, a autora introduz o conceito de recorte de paisagem, que, na verdade, não estaria ligado diretamente a dimensões ou parte das paisagens. O conceito de recorte da paisagem está ligado à dinâmica funcional, não à

dimensão propriamente dita. A autora buscou na obra de Wantuelfer Gonçalves: “Este conceito excluindo qualquer critério de dimensão, mas completado com ideia de dinâmica funcional” (EMÍDIO, 2006, p.62 e 63).

As escalas de paisagem são outro viés de análise que pode ser utilizado. A autora enfatiza que “além da escala espacial – que indica a extensão (tamanho) e a resolução (representação espacial) – e da escala temporal (período determinado), não se deve desconsiderar a existência da escala de percepção, aquela por meio da qual cada espécie animal – incluindo o homem – percebe a paisagem em função de suas características ecológicas” (EMÍDIO, 2006, p. 65).

1.3 Paisagem natural e cultural

Dentre os conceitos e/ou categorias basilares da ciência geografia, podemos citar como primordiais a de *espaço geográfico*, *território*, *lugar* e *paisagem*. Conforme Corrêa e Rosendahl,

A paisagem tem-se constituído em um conceito-chave da geografia, tendo sido vista como o conceito capaz de fornecer unidade e identidade à geografia num contexto de afirmação da disciplina. A importância na história do pensamento geográfico tem variado. Este conceito foi mesmo relegado a uma posição secundária, suplantada pela ênfase nos conceitos de região, espaço, território e lugar (CORRÊA e ROSENDAHL, 1998, p. 7).

A transformação do espaço geográfico e a produção das diversas formas espaciais presentes na atualidade materializam os anseios dos grupos humanos. Conforme a constatação de Moraes, as sociedades se transformam a partir de projetos, interesses, necessidades, utopias. Para ele, a transformação do espaço geográfico

São projeções dos homens (reais, seres históricos, sociais e culturais), na contínua e cumulativa antropomorfização da superfície terrestre. Um processo ininterrupto, onde o próprio ambiente construído estimula as novas construções. Isto é: a paisagem é ao mesmo tempo um resultado e alimento dos projetos de produção do espaço. A práxis humana implica a constante edificação de formas não naturais na crosta do planeta, formas alimentadas por pré-ideações que têm o espaço vivenciado como estímulo (MORAES, 2005, p. 23).

Existe uma tradição na geografia que é diferenciar as paisagem natural e a paisagem cultural. Conforme Teresa Emídio, a paisagem natural refere-se elementos da natureza em interação (topografia, vegetação, solo, rios e lagos), enquanto a paisagem cultural seria a

natureza transformada ou humanizada – referindo-se às transformações infligidas pelo homem ao ambiente natural objetivando a apropriação. Para a autora, “Essa separação entre paisagem natural e paisagem cultural explicita que o homem, ao atuar como sujeito da ação sobre a natureza tem a capacidade de transformar e, portanto, de projetar outra forma possível de ambiente que se estabelece depois da apropriação humana” (EMÍDIO, 2006, p. 66).

A autora apresenta três categorias de paisagem relacionadas às áreas naturais, rurais e urbanas, das quais as duas últimas são referentes à paisagem cultural. Apesar da compartimentação feita muitas vezes elas se confundem. Conforme atesta a autora, “Não obstante estejam tais áreas aqui separadas, em virtude de fins didáticos, isso não significa que a realidade física de um território seja necessariamente assim constituída”. Para ela, a dicotomia entre campo e cidade, que se expressaria na oposição rural *versus* urbano, deixaria de existir uma vez que determinadas práticas que ocorriam somente no meio urbano já são encontradas no meio rural, “consolidando-se um continuum territorial, em que se encontram reunidos todos esses lugares, vizinhos uns dos outros” (EMÍDIO, 2006, p. 66 e 67).

A paisagem de áreas naturais seriam aquelas nas quais não existiria a ação do homem, o que, na atualidade, praticamente inexistente, pois vivemos em sociedades majoritariamente urbanas. A autora caracteriza esta como sendo as paisagens de ecossistema autônomo (EMÍDIO, 2006, p. 68).

Os seus principais componentes são os elementos bióticos – que compreendem o conjunto dos vegetais e animais – e os abióticos – incluídos todos os componentes do meio físico, entre os quais os hidrográficos, geológicos (rochas, solos, etc.) e geomorfológicos (formas de relevo, topografia, etc.), além de fatores químicos (elementos inorgânicos como oxigênio, o carbono, etc. e compostos como a água, o gás carbônico, entre outros) e climáticos (umidade, vento, temperatura, pressão, etc.) (EMÍDIO, 2006, p.68).

Para a autora, as paisagens de áreas rurais seriam aquelas ligadas ao meio rural. “É a paisagem do campo: plantações, pastos, silvicultura, usinas de energia, lazer, rotas de viagens, etc., cujo ecossistema original foi alterado pela interferência antrópica que visa à rentabilidade econômica”. Nessas áreas, há uma alteração da dinâmica natural da vegetação, alterando o equilíbrio natural das espécies vegetais e animais, além de atingir meio abiótico. Cabe salientar que as atividades rurais ligadas à grande produção econômica que tanto alteram essas paisagens muitas vezes estão ligadas a uma produção econômica que os fatores decisórios estão no meio urbano (EMÍDIO, 2006, p. 69).

Para Teresa Emídio, as paisagens de áreas urbanas estão ligadas às sociedades e ao espaço que elas ocupam nos diversos períodos (temporalidade), sendo que três fatores relacionados dão origem à sua gênese. São eles: o Sítio, que nada mais é que a situação geográfica onde estão assentadas as sociedades; a sociedade, que é o agente transformador da paisagem de acordo com as suas aspirações econômicas, sociais e culturais; e, por último, as edificações, malha viária e espaços livres, que são os elementos físicos visualizados, ou seja, a própria paisagem urbana (EMÍDIO, 2006, p. 81 e 82).

A autora entende que, para efeito de estudos sobre a paisagem urbana, é necessário entender o significado de dois conceitos: cenário urbano e cenário humano. O cenário urbano seria “um lugar, marco referencial, ponto de encontro ou qualquer conjunto edificado dentro da estrutura geral do aglomerado, que se destaca do entorno construído e permite ao cidadão usufruir do espaço,” (...). Já o cenário humano seria relativo aos espaços abertos de uso público como ruas, avenidas e praças, dentre outros (EMÍDIO, 2006, p. 82).

Como consequência da ação antrópica, temos o meio urbano, que nada mais é que a transformação/organização no tempo e no espaço de um ecossistema artificial que forma uma paisagem que representa “a cultura, a qualificação e a participação política do cidadão em seu hábitat”. Podemos afirmar que o meio urbano é um produto da urbanização, que é fenômeno humano que altera sobremaneira o meio (EMÍDIO, 2006, p. 82).

Portanto, ele é um produto social em permanente processo de alteração, cujo desenho é a imagem de uma somatória de fatores físicos e socioeconômicos em um determinado tempo. Isso é que torna a paisagem um objeto de estudo, mostrando o que mudar como mudar e o que preservar, e oferecendo a cada caso uma solução própria, de acordo com a sua localização no espaço e no tempo (EMÍDIO, 2006, p. 82 e 83).

Teresa Emídio afirma que a paisagem surge como resultado das relações estabelecidas entre os componentes bióticos e abióticos do ambiente, e o homem tem a grande capacidade de imprimir a sua marca no espaço e no tempo com todas as representações possíveis das sociedades humanas: significados econômicos, sociais, ecológicos, culturais e científicos. A autora salienta que, nesse contexto, o homem participa ativamente da construção e percepção dos significados impressos na paisagem (EMÍDIO, 2006, p. 164).

1.4 Paisagem simbólica

Refletir sobre a paisagem implica compreender o conceito de “topofilia”. A elaboração desse conceito envolve aspectos ligados à cultura que são percepção, atitude, valor e visão do mundo, considerados elementos-chaves nessa conceituação. Para Tuan (1980), esses conceitos se superpõem, e o sentido de cada termo terá significância em seu próprio contexto. Mesmo assim, alguns significados preliminares são abordados.

Percepção é tanto a resposta dos sentidos aos estímulos externos, como a atividade proposital, na qual certos fenômenos são claramente registrados, enquanto outros retrocedem para a sombra ou são bloqueados. Muito do que percebemos tem valor para nós, para sobrevivência biológica, e para propiciar algumas satisfações que estão enraizadas na cultura. Atitude é primariamente uma postura cultural, uma posição que se toma frente ao mundo. Ela tem maior estabilidade do que a percepção e é formada de uma longa sucessão de percepções, isto é, de experiências. (...) A visão do mundo é a experiência conceitualizada. Ela é parcialmente pessoal, em grande parte social. Ela é uma atitude ou um sistema de crenças; a palavra sistema implica que as atitudes e crenças estão estruturadas, por mais arbitrárias que as ligações possam parecer, sob uma perspectiva impessoal (objetiva). (TUAN, 1980, p. 4 e 5)

Da superposição dos conceitos listados anteriormente surgiria a *topofilia* que seria a ligação entre a pessoa e o lugar ou ambiente físico. Ainda no entender de Tuan, a *topofilia* seria um conceito difuso, vívido e concreto como experiência pessoal. Para esse autor, o sentido da visão, considerando os cinco sentidos tradicionais, seria o mais relevante devido à maior necessidade do homem em relação a ele para progredir no mundo, uma vez que é predominantemente um animal visual. Através dos olhos, ocorre uma maior apreensão do mundo, um detalhamento espacial superior aos outros sistemas sensoriais: a audição, olfato, paladar e tato (TUAN, 1980, p. 7).

Ainda esse autor ressalta que a percepção é uma atividade, um estender-se para o mundo. Quando os órgãos dos sentidos são pouco utilizados, eles se tornarão menos eficazes, e, conseqüentemente, menores percepções nos proporcionarão. Para Tuan, “nosso sentido tátil é muito delicado, mas, para diferenciar a textura ou dureza das superfícies, não é suficiente colocar um dedo sobre elas; o dedo tem que se movimentar sobre elas. É possível ter olhos e não ver; ouvidos e não ouvir.” (TUAN, 1980, p. 14)

Nessa perspectiva, segundo Emídio (2006), o processo que leva o homem à percepção da paisagem, também se inicia com o olhar, que proporciona “defrontar-se com imagens que o sensibilizam e o fazem perceber formas, cores, texturas que são interpretadas de acordo com

sua personalidade e bagagem cultural”. Para compreender a paisagem, se faz necessário um aprimorado estudo sobre a percepção dela, porque cada olhar gera uma interpretação desde a mais emocional até a mais técnica, pois cada observador sempre tem uma intencionalidade (EMÍDIO, 2006, p. 56 e 57).

Os valores de quem observa a paisagem geram uma tendência pessoal na interpretação. A multiplicidade de observadores gera múltiplas interpretações. Numa viagem de férias, temos a tendência a observar a paisagem com uma visão mais prazerosa. Num paraíso praiano, por exemplo, um observador mais perspicaz pode perceber agressões e/ou idealizações de uma paisagem. Já num trabalho técnico-profissional temos uma intencionalidade. Logicamente que temos, muitas vezes, uma visão míope sobre a paisagem do nosso cotidiano. As imagens que as paisagens do cotidiano ou a mídia nos transmitem, muitas vezes, escondem armadilhas/intencionalidades que somente estando no local um observador muito atento poderá decifrar.

Figueiró salienta que paisagem é um conceito “inventado” na modernidade (século XIX). O que existia anteriormente eram as pinturas e artes nos jardins que poderiam ser enquadradas como *paisagem* (FIGUEIRÓ, 1998, p. 41).

Para Figueiró, foi a partir da teorização de Hommeyerem que pudemos afirmar que a noção de paisagem foi incorporada à Geografia. Essa incorporação foi possível através do conceito de *Landschaft*. Conceito que pressupõe um duplo significado, ou seja, uma associação entre o conjunto dos elementos observados e do espaço vivido. Com essa nova significação para esse conceito, foi possível manter viva a ideia de paisagem (FIGUEIRÓ, 1998, p. 46).

O conceito de paisagem ficou durante um período significativo relegado a um segundo plano dentro da Geografia. Na década de 1970, houve uma revalorização desse conceito no âmbito da Ciência Geográfica. Esse “retorno”, ou a recuperação do status, ocorreu em função de novas acepções e variadas matrizes epistemológicas. Correa e Rosendahl caracterizam eficazmente esse período.

Na realidade, a paisagem geográfica apresenta simultaneamente várias dimensões que cada matriz epistemológica privilegia. Ela tem uma dimensão morfológica, ou seja, é um conjunto de formas criadas pela natureza e pela ação humana, e uma dimensão funcional, isto é, apresenta relações entre as suas diversas partes. Produto da ação humana ao longo do tempo, a paisagem ocorre em certa área da superfície terrestre, apresenta uma dimensão espacial. Mas a paisagem é portadora de significados, expressando valores, crenças, mitos e utopias: tem assim uma dimensão simbólica. (Corrêa e Rosendahl, 1998, p. 7).

Para Moraes, a paisagem é um registro de um determinado período. Esse autor afirma que a paisagem é um documento de cultura.

E enquanto tal foi tratada pela Geografia Cultural de Carl Sauer e Max Sorre. Mesmo antes, no artigo “as condições geográficas dos fatos sociais”, Vidal de La Blache instigava os geógrafos a passearem pelos lugares como quem visita um museu. Sem dúvida, as formas criadas permitem uma leitura enquanto símbolo de uma cultura e uma época. Elas exprimem concepções e mentalidades, são construções impostas à natureza – e a “civilização” já foi muitas vezes definida como esta progressiva autonomização estética dos grupos humanos. A arquitetura é uma grande expressão do antinaturalismo, o habitat é uma natureza subjugada. Espaço apropriado, o que pressupõe um sujeito (MORAES, 2005, p.24).

Para Claval, através do estudo da paisagem os geógrafos têm abordado os problemas culturais. Mesmo assim, para esse autor a paisagem, efetivamente, nunca refletirá todos os aspectos culturais dos diferentes grupos humanos, uma vez que os atores sociais são múltiplos, e só excepcionalmente houve alguma coordenação na feitura das paisagens.

Muitos autores salientam que o significado da paisagem é múltiplo, ou seja, para cada sujeito essa categoria terá importância e significado diferente. Como bem pontua Figueiró,

Torna-se importante salientar que a paisagem não existe por si mesma, senão enquanto corpo de ideias ligado a uma visão ontológica daquilo que enxergamos e para qual dirigimos os nossos estudos. Ela representa, pois, um conceito socialmente construído ao longo de um período histórico [...] (FIGUEIRÓ, 1998, p. 41).

Conforme Luchiari, as mudanças na forma da paisagem sempre provocam mudança nas sociedades e só podem ser consideradas de acordo com as práticas sociais que lhe deram origem. Para a autora, a produção de uma nova materialização do espaço modifica a forma/paisagem, introduzindo novas funções, valores e objetos. E explica ainda que “esses objetos, formas dotadas de conteúdo, permeadas pelas ações e contextualizadas por um sistema de valores, são imbuídas de significação e intencionalidade. A noção de intencionalidade estabelece uma estreita relação entre ação e objeto” (LUCHIARI, 2001, p.12).

A professora Dirce Suertegaray (2001) considera o espaço geográfico como o conceito balizador da Geografia. Percebe a paisagem como um dos conceitos operacionais, assim como os de território, lugar e ambiente, que possibilita analisar o espaço geográfico (uno e múltiplo) numa perspectiva conjuntiva de elementos naturais e tecnificados, socioeconômicos e culturais.

A autora afirma ainda que o conceito de paisagem pode ser concebido como forma e funcionalidade. Não necessariamente como uma relação de causa e efeito, mas como um processo de constituição e reconstituição de formas na sua conjugação com a dinâmica social (Suertegaray, 2001). Ainda, segundo a autora,

(...) a paisagem pode ser analisada como a materialização das condições sociais de existência diacrônica e sincronicamente. Nela poderão persistir elementos naturais, embora já transfigurados (ou natureza artificializada). O conceito de paisagem privilegia a coexistência de objetos e ações sociais na sua face econômica e cultural manifesta (Suertegaray, 2001, p. 5).

Figueiró afirma que “em diferentes culturas, o conceito de paisagem surge fortemente ligado à questão espacial, ao conjunto do território, seja nas línguas de origem romana (derivada de *Pagus*) ou de origem germânica (associada à palavra *Land* {território}: *Landscape*, *Landschaft*)” (FIGUEIRÓ, 1998, p. 42).

Em relação à difusão da ideia de *paisagem* na Geografia, Figueiró credita ao naturalista alemão Alexander Von Humboldt, que retrata, segundo esse autor, a tentativa de combinação entre duas concepções metodológicas diferenciadas: “as ideias do conhecimento ilustrado francês ao mesmo tempo em que, transcendendo o racionalismo puro, se utiliza da visão totalizadora e do senso estético dado pelo romantismo alemão” (FIGUEIRÓ, 1998, p. 47).

Segundo Berque, podemos assinalar que, em termos de funcionalidade, a paisagem pode ser plurimodal, e, ao mesmo tempo, há uma integração entre ela e o sujeito. Conforme citação abaixo:

(1) a paisagem é plurimodal (passiva-ativa-potencial etc.) como é plurimodal o sujeito para o qual a paisagem existe; 2) a paisagem e o sujeito são cointegrados em um conjunto unitário, que autoproduz e se autorreproduz (e, portanto, se transforma, porque há sempre interferências com o exterior) pelo jogo, jamais de soma zero, desses diversos modos. O jogo seria de soma zero se a paisagem não tivesse nenhum sentido (isto é, nem significado, nem tendência evolutiva), o que nunca é o caso. Esse jogo impregnado de sentido é a cultura (...) (BERQUE, 1998, p. 85).

Luchiarri enfatiza que, devido às mudanças advindas com o capitalismo, tivemos uma transformação na paisagem e no seu conceito, propiciada pela aceleração do processo de industrialização e urbanização que possibilitou certa desordem entre a morfologia das paisagens e o seu real significado, que a autora denomina “representação simbólica”. Ela ressalta que estamos num período que envolve uma ansiedade estética e ecológica e, em

função disso, estão ocorrendo tentativas de se construir novas concepções sobre a natureza e sobre a paisagem (LUCHIARI, 2001, p. 18).

Para Luchiari, o processo social dos diferentes períodos deixa marcas no tempo que imprimem materialidade, produzindo novas formas/paisagens. “As paisagens construídas e valorizadas da sociedade revelam sua estrutura social e conformam lugares, regiões e territórios. A paisagem é a materialidade, mas é ela que permite à sociedade a concretude de suas representações simbólicas” (LUCHIARI, 2001, p. 12-13).

Numa outra abordagem, Cosgrove aponta a perspectiva da cultura como poder, identificando dois tipos fundamentais de paisagens geográficas: da cultura dominante e das alternativas. Cada cultura exerce papel e impacto diferentes sobre a paisagem. Nessa perspectiva, para Cosgrove (1998, p. 111), o poder da cultura dominante refere-se ao “grupo ou classe cuja dominação sobre outros está baseada objetivamente no controle dos meios de vida: terra, capital, matérias-primas e força de trabalho”.

Podemos constatar facilmente que essa exclusão social é uma representação simbólica. Podemos citar como exemplo a questão do uso seletivo do território. Essa seletividade coloca a paisagem em destaque e gera os seguintes antagonismos: preservação natural *versus* desenvolvimento social: “Apenas os que puderem pagar pelas paisagens naturais idealizadas no imaginário social contemporâneo ganharão a hegemonia nessa nova configuração territorial” (LUCHIARI, 2001, p. 19).

Luchiari ressalta que,

Se a paisagem é representação, não se esgota: reproduz-se, renova-se, regenera-se, tal qual a sociedade. A sociedade explora a representação e não depende exclusivamente das paisagens naturais, pois pode buscá-las noutros lugares – sempre que uma primeira paisagem explorada for degradada –, ou reconstruída artificialmente – possibilidade que tem obtido cada vez mais status na sociedade contemporânea (LUCHIARI, 2001, p. 23).

Outra abordagem contemporânea do conceito de paisagem é a contribuição do professor Milton Santos (2002), que a considera como o sistema de objetos, que constitui o espaço geográfico. Ele define a paisagem como um conjunto heterogêneo de objetos que têm idades diferentes e um conjunto de forma que constitui uma espécie de marca da história das técnicas. Desse modo, a paisagem é um sistema material que remete à ideia de não permanência, de movimento que pode ser mais ou menos rápido. Já o espaço geográfico é um sistema de valores que se transforma permanentemente, pois contempla a paisagem aliada à vida que nela existe. Nesse sentido, o espaço é sempre um presente, uma construção única. E, ainda, a paisagem seria a história congelada, porém viva.

Nesta revisão acerca do conceito de paisagem, podemos concluir que, apesar de ter sido um conceito inventado na modernidade, já era representado anteriormente nas pinturas. É um conceito que necessita de diálogo com outras categorias da Geografia, como lugar, região e território. O seu significado (sua marca) está em constante transformação, depende muito de quem a observa, do período histórico e de como foi socialmente construído.

CAPÍTULO 2

A OCUPAÇÃO DA AMAZÔNIA BRASILEIRA

2.1 Ocupação e organização do espaço amazônico

A década de 1960 representa o marco de uma nova forma de organização do espaço amazônico. A partir de então, a vida das populações amazônicas que anteriormente se organizavam em torno dos cursos d'água foi profundamente modificada, em virtude da decisão política de integrar essa região ao resto do país, atendendo à lógica da expansão do capitalismo mundial.

Dentre as implicações geopolíticas de ordem externa, cabe destacar a questão da vulnerabilidade dessa extensa e isolada região, pois, no período, tínhamos movimentos revolucionários contrários ao regime militar que facilmente, devido à extensão e à dificuldade de locomoção naquela área, poderiam se organizar como foco de resistência. Isso ocorreu porque havia uma preocupação geopolítica em relação aos países vizinhos, que, embora fossem menos industrializados, tinham o interesse de influenciar as populações, principalmente as fronteiriças, uma vez que o governo central do Brasil manteve aquela região muito pouco ocupada. Cabe frisar que as populações tradicionais locais estavam em situação de vulnerabilidade. Não existiam políticas públicas efetivas para a região tanto no tocante à questão de ocupação territorial como para a assistência e o desenvolvimento das sociedades locais (BECKER, 1997).

A necessidade de interferência do Estado através de políticas nas questões relativas ao território brasileiro, mas especificamente à Amazônia, fez-se necessária a partir dos anos 70, com os megaprojetos. Para Oliveira (1994), as consequências da expansão econômica do país rumo à Amazônia brasileira foram aceleradas, no final das décadas de 1970 e 1980, através da realização dos grandes projetos: Carajás, Tucuruí, Transamazônica e a Zona Franca de Manaus, que geraram um grande impacto socioeconômico e grandes transformações espaciais e abriram as portas da modernização econômica para a região. Essa reconquista seguiu a lógica do Estado brasileiro e do grande capital que comandaram a conquista e passaram a

deter os direitos sobre o local conquistado, conformando as relações sociais e territoriais de acordo com os seus interesses.

De acordo com Becker (1997), a modernização colocada em prática pelo governo federal não prosperou por completo, uma vez que diversos atores sociais privados e públicos lutavam por seus interesses e, muitas vezes, sobrepujavam a vontade do Estado, não apenas porque foi desigualmente distribuída, mas porque a realidade não se desenvolveu conforme o plano. Na estratégia governamental, interferem os interesses e os confrontos dos atores sociais privados e públicos, expressos em sua territorialidade. Entendida como uma estratégia que tenta afetar, influenciar ou controlar ações através do controle sobre uma área específica, a territorialidade estabelece limites à ação do estado.

Becker (1997) caracteriza o cenário de ocupação desse período de duas maneiras: uma ligada à Territorialização dos Grupos Sociais e a outra referente aos embates dentro da burocracia estatal pelos interesses público/privado e nacional/estrangeiro, que ela denomina Conflitos no Bloco do Poder.

Em relação à Territorialização dos Grupos Sociais, Becker salienta que os primeiros ciclos econômicos ligados à exploração dos recursos naturais da Floresta Amazônica pouco a modificaram, isso até o início dos anos 1960. Nesse período, apesar da pouca alteração do ecossistema amazônico, tivemos um processo em larga escala de genocídio das populações indígenas. Cabe salientar que, no final desta década, começou a se intensificar o processo de privatização das áreas públicas via governo central. Conforme a autora, até este período, a terra não tinha valor como mercadoria, não se verificando grandes conflitos de territorialidade. A economia extrativista sustentava as oligarquias regionais (Becker, p.19, 1997).

Do ponto de vista da economia regional, pode-se afirmar que, nesse período, década de 1960, conforme a autora esclarece, houve uma mudança crucial: o capital de fora da Amazônia passou a comandar a região. Do domínio dos aviadores passa-se ao domínio dos grandes grupos econômicos do Centro-Sul e estrangeiros, interessados, sobretudo, em mineração, extração da madeira e pecuária, genericamente denominados “sulistas”. Acompanhados de empreiteiros, técnicos e, sobretudo, de camponeses e trabalhadores em terra, localizam-se ao longo das rodovias invertendo a distribuição do povoamento e da produção e capturando essas áreas da órbita de Belém para a de São Paulo (BECKER, p. 20, 1997).

Ocorre também uma ruptura no tempo e espaço regionais, provocando alterações em relação ao tempo de acesso à região e ao tipo de relação dos diversos atores em relação ao território. Conforme Becker, alteram-se drasticamente o tempo e o espaço regionais; e as relações socioeconômicas, que, por via fluvial, se faziam em meses e dias, passam a se contar em termos de horas; a terra adquire valor como mercadoria; e os atores disputam sua apropriação definindo seus territórios. Inicialmente os grupos dominantes, a seguir os camponeses, e hoje também os seringueiros e índios se territorializam. A territorialidade exacerbada, manifesta em violentos conflitos entre todos os atores e contra o estado, altera a estratégia estatal. Os conflitos de terra e de território onde se localizam as jazidas minerais, subjugando índios e camponeses, são os mais conhecidos... (BECKER, p. 20, 1997). Essa estratégia do governo federal e os agentes privados otimizaram as disputas pelo controle da região e pela expropriação da região. Uma disputa muito intensa até os dias de hoje, que é física, real, e também simbólica.

O regionalismo (ou nacionalismo) é apenas um caso particular das lutas propriamente simbólicas em que os agentes estão envolvidos quer individualmente e em estado de dispersão, quer coletivamente e em estado de organização, e em que está em jogo a conservação ou a transformação das relações de forças simbólicas e das vantagens correlativas, tanto econômicas como simbólicas; ou se se prefere, a conservação ou transformação das leis de formação dos preços materiais ou simbólicos ligados às manifestações simbólicas (objetivas ou intencionais) da identidade social. Nesta luta pelos critérios de avaliação legítimos os agentes empenham interesses poderosos, vitais por vezes, na medida em que é o valor da pessoa enquanto reduzida socialmente à sua identidade social que está em jogo (BOURDIEU, p.124, 2005).

A implantação de uma política de gestão regional que visava ao desenvolvimento de regiões afastadas, ou não integradas de modo satisfatório ao cenário nacional, foi amplamente utilizada nesse período dos governos militares. O objetivo inicial era o de integração nacional, que marcou os sucessivos projetos nacionalistas do país na década citada, os quais eram norteados pela noção de desenvolvimento. A ação governamental do período que objetivavam interferências nas regiões brasileiras, tinha objetivos claros a serem atingidos. Enfim, essa ocupação territorial colocada em prática pelos governos do período visava explorar os recursos naturais e ocupar a área, pretensamente um vazio demográfico, além da manutenção em segurança um território pouco povoado. Na Amazônia, a imposição dessa política pública economicista e autoritária foi, sob certo aspecto, de fácil concretização, já que, conforme Becker, o que caracterizava esse território era “a ausência de organizações sociais

preexistentes capazes de resistir a novas apropriações, resultando no ritmo acelerado e na extensão em que se processa sua transformação, elementos que a configuram como uma fronteira” (BECKER, 1997, p.8).

Como descreve Bertha Becker, desde a colonização, o povoamento da Amazônia esteve ligado a surtos, que ela classifica de devassadores. É a exploração dos recursos naturais em prol da expansão do capitalismo mundial (BECKER, 1997, p.11).

Podemos caracterizar, baseados em Becker, que os devassamentos da Floresta Amazônica ocorreram de acordo com momentos históricos nacionais e internacionais, ligados a ciclos econômicos ou de ocupação territorial. No Início da Colonização, tivemos a busca das chamadas “drogas do sertão” após o Ciclo da Borracha, devido à industrialização dos Estados Unidos e Europa, gerando a necessidade de produção do látex, o que vai do final do século XIX ao início do XX. Em seguida, tivemos as Frentes Pioneiras de agropecuária e minerais espontâneos, oriundas do nordeste brasileiro, que vão dos anos 1920 a 1930, sendo intensificadas nos anos de 1950 a 1960. Para finalizar, a autora coloca que, na década de 1970, o próprio estado brasileiro capitaneia o devassamento ordenado do espaço amazônico (BECKER, 1997).

No início da década de 70 do século passado, uma nova agenda se configura para a Amazônia. Representa a implantação de uma política de modernização a partir da industrialização, da exploração de minérios (como o Grande Projeto Carajás), de construções de ferrovias e de novas usinas hidrelétricas. Nesse contexto de transfiguração ecológica e cultural da Amazônia, verifica-se um elevado crescimento da população (desencadeado pelas migrações intra e extra regionais) e também um devassamento progressivo das suas paisagens florestais e não florestais. Para Ferreira e Salati (2005, p. 35), a partir da década de 1970,

a “descoberta” da riqueza mineral e da pobreza dos solos tornará essas duas “frentes” responsáveis por um novo *boom* na transfiguração desse mosaico ecológico e sociocultural ao mesmo tempo em que se incrementa o *slogan* de “integrar para não entregar”. É a explosão das estradas que cortam esse espaço amazônico. É a era dos incentivos fiscais e das grandes migrações induzidas para o Eldorado prometido.

O movimento ecológico e os estudos antropológicos surgem nessa época para propor o repensar dessa relação. Uma definição de *paisagem*, na perspectiva do capital, é apresentada por Harvey (1985, p. 150 *apud* SOJA, 1993, p. 191):

O capitalismo luta perpetuamente, portanto, por criar uma paisagem social e física à sua própria imagem, e indispensável para suas necessidades em determinado ponto do tempo, simplesmente para, com igual certeza, minar,

desintegrar e até destruir essa paisagem, num ponto posterior do tempo. As contradições internas do capitalismo expressam-se através da formação e reformação inquietas das paisagens geográficas. É de acordo com essa música que a geografia histórica do capitalismo tem que dançar, ininterruptamente.

Segundo Becker, o governo federal colocou em prática três estratégias para a ocupação da Amazônia. A primeira foi à implantação de redes de integração espacial que têm como principais exemplos a implementação de rede ferroviária, muito ligada ao escoamento de metais preciosos. A Transamazônica, a Perimetral Norte, a Cuiabá-Santarém e a Porto Velho-Manaus. Cabe salientar que muitas destas vias de integração ficaram inconclusas. Vide a rodovia BR-319, que liga Porto Velho a Manaus, e que só recentemente será asfaltada, ou a própria Transamazônica que nunca fora concluída. A segunda estratégia foi à superposição de territórios federais sobre os estaduais. Usando dessa estratégia, o governo federal conseguiu manipular a posse dos territórios estaduais pela apropriação das terras. Através da criação dos territórios federais por decreto, era possível a jurisdição absoluta, ou o direito à propriedade. E, por fim, a terceira estratégia consistiu em subsidiar os fluxos de capitais com “interesse em integrar e desenvolver a Amazônia” e que terminou fomentando o aumento dos fluxos migratórios das diversas regiões brasileiras. Notadamente a partir de 1968, como frisa a autora, “mecanismos fiscais e creditícios subsidiaram o fluxo de capital do Sudeste e do Exterior para a região, através de bancos oficiais, particularmente o Banco da Amazônia S.A. (BASA), por outro lado, induziu-se a migração através de múltiplos mecanismos, visando ao povoamento e à formação da mão de obra” (BECKER, 1997, p. 19).

Nesse período tinha-se uma aparente modernização: parecia que a região estaria, finalmente, inserida no capitalismo mundial e seria integrada física e economicamente ao Brasil, e que um estado forte e com políticas públicas bem efetivas daria o suporte. A partir da década de 1980, com as crises que abalaram o Estado brasileiro, isso não ocorreu. Para esse autor, foram as “rodovias e as políticas regionais dos governos militares que realmente determinaram o futuro da região”. Como a construção e a manutenção da infraestrutura não tiveram continuidade, houve uma ocupação desordenada da região e um aumento dos conflitos, além da pauperização da população (CLEARY, p.164, 1994).

A Amazônia, nos últimos trinta anos, tem experimentado uma nova fase desse processo, que parece eterno, de atraso-modernização. Das experiências anteriores, permanece a exclusão social e a dilapidação do seu rico patrimônio de recursos naturais e culturais, agora intensificados, posto que se dispõe de recursos tecnológicos mais modernos, isto é, como sempre atualizados. O que temos de novo, pós anos 60, é a captura, que parece

definitiva, do espaço regional amazônico pelo centro-sul do país, num contexto no qual este se acha profundamente permeado pelo processo de mundialização em curso (GONÇALVES, 2001; p.68).

Os conceitos de paisagem-marca e de paisagem-matriz (BERQUE, 1998) serão aplicados às paisagens do bioma Amazônia a partir da década de 1970, período em que surgiram mudanças estruturais e fundamentais na região que ficaram marcadas nas paisagens. Se essas mudanças não forem reconhecidas, “não entenderemos os processos em curso e nem poderemos fazer uma reflexão para subsidiar políticas mais consequentes para a região” (BECKER, 2011, p. 23).

De maneira geral, podemos afirmar que a formulação de políticas públicas e a sua posterior colocação em prática sempre foram equivocadas no tocante à ocupação do território e ao homem, seja ele imigrante ou originário da Amazônia brasileira. Os gestores sequer mensuraram benefícios de planos e programas que envolvessem o ambiente e a população. Muitos equívocos foram cometidos. Ab’Sáber discorre acertadamente sobre a ocupação e a alteração da Amazônia.

Houve implantações de rodovias no coração das selvas, com inteira ausência de previsão de impactos físicos, ecológicos, sociais e fundiários, fatos que acarretou frentes múltiplas de devastação, a partir das margens e cruzamentos dos eixos viários em construção, e ao longo da beira dos rios e igarapés. Em contrapartida não existiu qualquer elaboração de um sistema de gerenciamento, criativo e precavido, para atendimento dos usuários, ao longo de imensos estirões de estradas. Imprevisão e omissão em relação à proteção das águas de rios, “riozinhos” e igarapés, de onde provém o peixe, alimento tradicional de milhões de amazônidas ribeirinhos, pobres e desamparados (AB’SÁBER, 1989, p. 112-113).

Faltou um embasamento teórico e técnico sobre as questões pertinentes à região, já que um zoneamento no espaço amazônico requer trabalhar com muitas variáveis: natureza complexa, populações variadas etnicamente e relações socioeconômicas muito desiguais. Ab’Sáber nos aponta estas dificuldades.

Um esforço para realizar um zoneamento dito ecológico e econômico, de um espaço geográfico da ordem de grandeza de um grande domínio morfoclimático e fitogeográfico, é uma tarefa que implica muitos pressupostos. A saber: demanda de uma reflexão orientada para o atendimento integrado do complexo natural da região, incluindo o conhecimento da natureza dos seus contrastes internos. Envolve uma metodologia eco desenvolvimentista para as questões básicas de utilização dos espaços físicos e ecológicos, a par de uma metodologia pragmática e cuidadosa sobre a forma mais conveniente e dinamizadora para a utilização dos recursos eventuais do subsolo. Envolve a recuperação correta das experiências anteriores, incluindo uma análise das razões do seu fracasso ou

do seu sucesso. Implica um cruzamento dos conhecimentos sobre os fatos fisiográficos e ecológicos com os fatos da conjuntura econômica, demográfica e social da região. Tem de se proceder a uma avaliação do papel que as cidades e a rede urbana preexistente podem desempenhar nos processos de desenvolvimento incentivado. (AB'SÁBER, 1989, p. 115).

Embora o desenvolvimento socioambiental não tenha sido a tônica do passado, faz-se necessário chamar a atenção para fato de que, na realidade atual da Amazônia, já foram incorporadas algumas práticas ambientalmente corretas ligadas ao desenvolvimento sustentável e o respeito aos direitos das populações tradicionais na Amazônia brasileira. As transformações ocorridas na última década do século passado e primeira deste, felizmente, chegaram a essa região. Como bem reconhece Becker, “é importante reconhecer isso, uma vez que, num processo repleto de sangue, suor e lágrimas, como foi o processo de ocupação da Amazônia, na década de 1970 e começo dos anos 1980, surgiram também mudanças estruturais e fundamentais na região” (BECKER, 2007, p. 23).

Ocorreram mudanças estruturais na Amazônia, o que possibilitou uma nova relação Amazônia-Mundo, segundo Becker. A Mudança na Conectividade, a ligação por estrada é a mais conhecida, apesar da precariedade, mas a principal seria a propiciada pelas redes de telecomunicações, possibilitando uma conexão mais efetiva entre o Brasil e exterior (governo, grupos, ONGs). Com isso houve a potencialização de parceria nas diversas escalas (local, regional, nacional e internacional). Outra mudança citada pela autora foi a econômica “porque se tratava de uma área de extrativismo que, agora, possui uma indústria relativamente importante, com impactos negativos muito conhecidos. A Amazônia ocupa hoje o segundo lugar no país na produção mineral e o terceiro na produção de bens de consumo duráveis” (BECKER, 2007, p. 24).

Podemos afirmar que homem é um ser social que transforma o espaço através de duas vertentes produto/produtor, o que provoca tensionamentos socioambientais, transformando a natureza que, em virtude disso, se apresenta socializada, instrumentalizada, tecnificada ou cibernética. Na Amazônia, esses conflitos ocorrem de forma desigual dependendo da área, já que esta região brasileira é plural, além de ter sofrido uma ocupação mais intensa e predatória recentemente. As representações da Amazônia são diversificadas tanto internamente como pelas outras regiões brasileiras (SUERTEGARAY, 2000).

Essas mudanças possibilitaram o surgimento de muitos grupos sociais, projetos alternativos, movimentos socioambientais nas décadas de 1980 e 1990. Cabe enfatizar que certos mitos sobre a Amazônia foram descortinados nesse período. Podemos afirmar que as percepções no nível global, nacional, regional e local foram alteradas devido às mudanças

ocasionadas pela tecnologia. As escalas e as percepções estão ligadas a interesses e motivações diversas dependendo do período (BECKER, 2007, p.25).

2.2 Conectividade Amazônica

Para Lévy, um mundo interconectado não é necessariamente um mundo homogêneo. A velocidade da aproximação dos diversos lugares do planeta não significa que haja igualdade de acesso e oportunidades. A unificação que vem ocorrendo no planeta continua sendo desigual apesar de estar ocorrendo um aumento nas conexões. Até porque continuam existindo os centros e as periferias. O centro continua sendo as potências hegemônicas culturalmente, economicamente e tecnologicamente. A unificação que ocorre em função do desenvolvimento acontece a partir das áreas mais habitadas, onde se dá o favorecimento da construção do conhecimento e o acesso aos meios técnicos científicos na atualidade. Para Lévy, “Em uma situação em que os grupos humanos estão dispersos ou conectados apenas de maneira tênue, as diferenças entre as zonas do mundo são sutis. Quanto mais o desenvolvimento humano transpõe etapas, mais se reforçam as diferenças” (LÉVY, 2001, p.30).

O autor previu também que o “Ciberespaço seria o epicentro do mercado, o lugar da criação e da aquisição de conhecimentos, o principal meio de comunicação e da vida social”. A internet representaria uma nova organização da sociedade que viria substituir a cidade física. Nessa nova organização, encontraríamos praticamente todas as atividades que existem na cidade, além de outras que surgiram. Para ele, “a principal originalidade da cidade virtual é que ela é única e planetária, ainda que ela conte evidentemente com cinturões protegidos (redes especializadas) e com bairros reservados (intranets e extranets)”. Para o autor, as cidades e o ciberespaço têm em comum o fato de serem ao mesmo tempo locais de trocas de informações, mercado, desenvolvimento da cultura, sociabilidade (LÉVY, 2001, p. 41).

Para o autor, os homens têm muita vontade de compartilhar informações, situação que ficou facilitada em função da interconexão mundial. Essa situação envolve toda humanidade de maneira simultânea nas questões relativas “a escolha, a liberdade, a solidariedade, a interdependência e a consciência.” O autor também constata que, pelo fato de a humanidade ser uma, essa situação gera um mercado único mundial. Ele destaca que este mercado se organiza de uma maneira muito rápida, surpreendente e definitiva devido à voracidade em relação à interconexão mundial, situação que surpreende os seus mais sagazes fomentadores e

que “O que nem as grandes religiões, nem a instrução pública, nem a declaração universal dos direitos humanos, nem o simples bom senso tinham conseguido construir – a unidade concreta da humanidade – está se realizando pelo comércio” (LÉVY, 2001, p.54).

Um comércio de ideias, em princípio, no interior da comunidade científica e intelectual mundial. O comércio intelectual da comunidade científica alimentou o desenvolvimento das técnicas de produção, de transporte e de comunicação que levou às primeiras fases da planetarização, desde o Renascimento até a primeira metade do século XX. Foi ainda a comunidade científica e universitária, e principalmente sua parte jovem, que desenvolveu a informática, depois a comunicação interativa e coletiva pelas redes digitais que desembocaram na primeira fase do crescimento da Internet. De agora em diante, pouco a pouco, o comércio das ideias se fundirá ao comércio em geral, até não poder mais se distinguir dele. Em uma economia global em que o conhecimento se tornou o principal fator de concepção, de produção, de venda e, finalmente, o principal produto, qualquer comércio é um comércio de ideias mais ou menos objetivadas (LÉVY, 2001, p.54 e 55).

De maneira geral, podemos afirmar que a formulação de políticas públicas e a sua posterior colocação em prática sempre foi equivocada no tocante à ocupação do território e ao homem, seja ele imigrante ou originário da Amazônia brasileira. Os gestores sequer mensuravam os benefícios de planos e programas que envolvessem o ambiente e a população. Muitos equívocos foram cometidos. Ab’Sáber discorre acertadamente sobre os fracassos das políticas públicas brasileiras para a Amazônia,

Ocorreram reconhecidos fracassos nas políticas agropecuárias. Fracassos na política indigenista. Incompetência e permissivíssimo na política de terras. Ausência total de criatividade na busca de modelos autossustentados e não predatórios de utilização econômica. (AB’SÁBER, 1989, p. 112)

Nos anos 90 do século anterior, ocorreram mudanças estruturais na Amazônia que possibilitaram uma nova relação Amazônia-mundo, segundo Becker. A mudança na conectividade, a ligação por estrada é a mais conhecida, apesar da precariedade, mas a principal seria a propiciada pelas redes de telecomunicações que possibilitou uma conexão mais efetiva com o Brasil e exterior (governo, grupos, ONGs). Com isso, houve a potencialização de parceria nas diversas escalas (local, regional, nacional e internacional). Outra mudança citada pela a autora foi à econômica, porque se tratava de uma área de extrativismo que, agora, possui uma indústria relativamente importante, com impactos negativos muito conhecidos. A Amazônia ocupa hoje o segundo lugar no país na produção mineral e o terceiro na produção de bens de consumo duráveis (BECKER, p. 24, 2007).

Berta Becker (2011, p. 23) destaca que, nessa fase, embora a conectividade promovida pelas estradas fosse mais conhecida, a mais importante foi a conectividade pela rede de telecomunicações, permitindo conexões da Amazônia, inclusive com o exterior.

Segundo Becker, a mudança fundamental ocorreu na estrutura do povoamento, que era toda fundamentada ao longo dos rios e que, hoje, desenvolve-se ao longo das estradas implantadas na região; e, sobretudo, mudança na estrutura do povoamento no que se refere ao processo de urbanização. De acordo com o Censo de 2010, aproximadamente 73% da população, na Região Norte é urbana. A Amazônia é uma floresta urbana. (BECKER, 2007, p 24).

Para a geógrafa Bertha Becker,

“o mais importante em todo esse processo é a mudança na organização da sociedade, é mudança na sociedade da Amazônia. Essa é a base de todo o processo e está ligada às grandes mazelas da região: as telecomunicações, a mobilidade do trabalho, a urbanização. O fato é que houve uma tomada de consciência enorme por parte da população, um aprendizado social e político, e a sociedade se organizou como nunca antes se tinha se verificado, nem na região nem, talvez, no Brasil” (BECKER, p. 24, 2007).

Conforme Becker (2007) , essas mudanças foram potencializadas pelo surgimento de muitos grupos sociais, projetos alternativos, movimentos socioambientais nas décadas de 1980 e 1990. Cabe destacar, também, que certos mitos sobre a Amazônia foram descortinados nesse período. Pode-se afirmar que diversas percepções seja ao nível global, nacional, local e regional. Sendo que, na maioria das vezes, a mídia constrói essas percepções de acordo com os interesses hegemônicos,

O que a mídia do centro hegemônico emite não é casual ou desconectado de seu universo consumidor, mas é produto de uma estratégia norteadora de um contrato de leitura. Se assim fala e escreve a mídia, é assim ou mais ou menos assim que seu leitores/ouvintes/espectadores desejam e esperam que seja dito e escrito. As posições sobre a ecologia e suas consequentes preocupações sobre o mundo natural, especialmente aquilo que tratam genericamente de floresta tropical não podem ser tomadas como pontos de vista apenas da mídia dos centros dominantes do Norte, porém mais ou menos também das instituições e das sociedades desses centros (DUTRA, 2009, p.41).

Contemporaneamente, a história da rápida transformação nas paisagens e a perda significativa de recursos ambientais da Amazônia remetem ao esgotamento do modelo de desenvolvimento nacional – “Integrar para não entregar” – e às transformações do capitalismo mundial, em tempos de “acumulação via espoliação”. Sendo assim, no início dos anos 1970,

as propostas para a Amazônia não demonstravam qualquer preocupação com os recursos naturais.

Para a sociedade brasileira, a Amazônia continua inserida na racionalidade capitalista forjada desde o início da sua conquista: reserva material e de biodiversidade. A maioria não se apercebeu que a Amazônia contém algumas das chaves da pós-modernidade, ou do cumprimento integral da própria modernidade, ao colocar em pauta os limites da lógica do capitalismo, em contraposição à lógica da cultura. A sua biodiversidade e o conhecimento tradicional podem engendrar uma nova sistemática produtiva voltada para as necessidades humanas.

Desde o final do século XX, observa-se uma escalada de destruição dos recursos ambientais, culminando na alteração drástica das paisagens. Essas alterações, por vezes, podem ser negativas e irreversíveis. Essa ideia de paisagem está relacionada às novas ações incrementadas pelo capital no espaço. Nesse cenário, houve uma revalorização do conceito de paisagem, sobretudo na Geografia. Como a Amazônia é uma das regiões que ainda preserva muito da dinâmica de sua paisagem natural, além de ser uma grande reserva de recursos naturais para a humanidade, encontra-se em evidência.

CAPÍTULO 3

AMAZÔNIA E REPRESENTAÇÃO

Este capítulo se propõe a discutir a representação que a mídia produz em relação à Amazônia, bem como os conceitos relativos à percepção e à paisagem amazônica por diversos teóricos contemporâneos.

As imagens acerca da Amazônia são extremamente complexas e contraditórias. Mais recentemente, ela passou a ser, sobretudo, sinônimo de biodiversidade. Pode ser definida como “a maior reserva de biodiversidade do planeta e uma das maiores em recursos minerais” (FERREIRA & SALATI, 2005, p. 25). Por vezes, ela é lembrada pelo avanço do desmatamento ou pelas políticas de conservação, pela cultura dos povos da floresta ou pela cultura dos habitantes das cidades.

Segundo Gonçalves (2001), as imagens que os amazônidas têm a respeito da Amazônia são plurais, pois adquirem múltiplos significados socioecológico-culturais específicos do seu cotidiano. Em contrapartida, para os de fora, a imagem é mais homogênea, aparece no singular, uma extensa e densa floresta tropical de riquezas naturais incalculáveis e pouco habitadas.

Nesse sentido, os não amazônidas, diferentes atores políticos e econômicos (nacionais e internacionais) que se sucederam no tempo, imprimiram as suas marcas no espaço amazônico, que ficaram registradas na paisagem. Desse modo, na perspectiva de Cosgrove (1998), esses atores da cultura dominante, utilizando-se de vários instrumentos técnicos e científicos, procuram produzir as paisagens de acordo com a sua realidade de mundo e impor a aceitação dessa imagem como realidade de todos. Nesse caso, a cultura alternativa dos amazônidas, apesar de todo o seu patrimônio cultural, apenas marginalmente influencia o espaço amazônico.

A presença da Amazônia na mídia tem se manifestado de maneira crescente, nas últimas décadas, sobretudo a partir da década de 70, período em que foram colocados os

grandes projetos de desenvolvimento para essa região. Além disso, a preocupação com a questão ambiental adquiriu maior visibilidade no cenário nacional e mundial.

Nesse sentido, no período atual considerado como técnico-científico-informacional (MILTON SANTOS, 1999), graças à instantaneidade da informação, a mídia oportunizou uma maior divulgação das representações sobre a paisagem amazônica.

Neste período, os objetos técnicos tendem a ser ao mesmo tempo técnicos e informacionais, já que, graças à extrema intencionalidade de sua produção e de sua localização, eles já surgem como informação; e, na verdade, a energia principal de seu funcionamento é também a informação. Já hoje quando nos referimos, às manifestações geográficas decorrentes dos novos progressos, não é mais de meio técnico que se trata. Estamos diante da produção de algo novo, a que estamos chamando de meio técnico-científico-informacional (SANTOS, 1999, p. 190).

3.1 Amazônia: Percepção, Paisagem e Imaginário

Segundo Tuan (1980), o meio ambiente natural e a visão do mundo estão estreitamente ligados. A visão do mundo, quando não é derivada de uma cultura estranha, necessariamente é construída dos elementos do ambiente social e físico local. Para ele, nas sociedades não tecnológicas, o ambiente físico ainda é o limite e o conteúdo para a base social e cultural, ou seja, é o meio de vida. Sendo assim, é um limitante para a visão do mundo. Ele cita, como exemplo dessa relação homem/natureza/percepção, os pigmeus Bambutina da floresta equatorial do Congo. Como um hábitat humano, a principal diferença do meio ambiente da floresta equatorial está em sua natureza completamente envolvente. Não está diferenciada em céu e terra; não há horizonte; carece de marco visual; não tem nenhuma colina importante que possa ser reconhecida; e não há árvore nitidamente isolada, como o baobá na planície do Calaari; não há vista longínquas.

Atualmente essa visão de mundo restrita ao ambiente natural dificilmente ocorre, já que o mundo está dominado pela técnica e pela mídia. Apesar de a região amazônica estar em situação periférica, a maior parte de sua população tem acesso às informações. Conforme destaca Lévy (2001), os novos formatos de mídia ligados à conectividade propiciaram uma planetarização das populações mundiais. Essa interconexão geral propicia um maior adensamento, a distribuição das redes de transporte e de comunicação, uma retração do espaço, uma aproximação da humanidade e mais perspectivas de interação na Amazônia.

A Amazônia, entendida como espaço físico-geográfico e humano, não constitui algo homogêneo nem um vazio. Aqui sobrevivem grupos aos quais a mídia, com frequência, chama de “povos da floresta”, às vezes “povos da Amazônia”, para os quais se torna familiar a presença de antena parabólicas, sucedâneas do rádio, tornando-se presentes, no lugar, realidades do mundo contemporâneo (DUTRA, 2009, p. 17).

Na região amazônica, a exuberância da paisagem da floresta equatorial causa a impressão de homogeneidade, mas, na verdade existe, uma complexidade formada em séculos, mesmo que a visão sazonal não denote. Apesar do contato com a realidade contemporânea, nos lugares de paisagens pouco alteradas, o efeito do meio ambiente da floresta na percepção é determinante. Com efeito, Tuan observa que as “mais intensas experiências estéticas da natureza possivelmente nos apanham de surpresa. A beleza é sentida, como o contato repentino com um aspecto da realidade até então desconhecido; é antítese do gosto desenvolvido por certas paisagens ou sentimento afetivo por lugares que se conhece bem” (TUAN, 1980, p. 108).

A paisagem das cidades na Amazônia como muito já foi dito por diversos relatos tem toda a sua configuração e vida determinadas pelo rio. Isso não significa que não tenha similitudes com outras cidades da Amazônia, em outros lugares da região e quiçá do mundo. Essa situação de beira-rio gera uma identidade semelhante apesar das peculiaridades. Numa análise mais criteriosa, percebem-se as características muito próprias de cada lugar, muito diferente de idealizações. Pode-se afirmar que,

(...) A cultura e o espaço compõem um quadro de vida específico, onde o passado emerge cotidianamente com toda a sua força e beleza em hábitos e ritos, no criar e habitar, revelando um espaço impregnado de nostalgia, de esperança, de sonhos e lendas. O cotidiano evidencia a força do lugar, ou o forte vínculo entre homens e mulheres e seu espaço de vida; ao mesmo tempo em que nos deixa-nos entrever, nos vãos e desvãos da rotina e dos ciclos, o vínculo do lugar com o mundo e suas contradições e confrontos materializados em formas e relações, (...) (PEREIRA, 2008, p. 82)

Na contemporaneidade, temos cada vez menos contato com o meio físico, ou o acesso ao ambiente natural é cada vez mais indireto e limitado a ocasiões especiais. Isso se deve ao processo de urbanização e transformação da natureza. O autor também ressalta que a influência da tecnologia na vida do homem torna o contato com o ambiente natural cada vez mais restrito e ligado principalmente a momentos recreacionais (TUAN, 1980).

Em suma, de acordo com Tuan (1980), o termo *topofilia* nada mais é que a associação do sentimento em relação ao lugar. Para ele, faz-se necessário examinar o papel do lugar ou

meio ambiente como produtor de imagens para topofilia, já que, para ele, esse sentimento não é difuso e pressupõe uma ligação emocional. Nessa produção de imagens, é ressaltado também que, apesar das imagens serem tiradas do meio ambiente, não significa que haja uma determinação direta do meio e que certos meios propiciem o despertar de sentimento chamados topifílicos, pois isso depende sempre do observador. Para Tuan, “Os estímulos sensoriais são potencialmente infinitos: aquilo a que decidimos prestar atenção (valorizar ou amar) é um acidente do temperamento individual, do propósito e das forças culturais que atuam em determinada época” (TUAN, 1980, p 120).

Em alguns casos, esse sentimento pode gerar frases de efeito promocional os chamados “cognomes de cidades”, que visam exclusivamente à promoção da imagem destas localidades, o que pode ser por um aspecto imaterial. É destacado que o orgulho cívico e a concorrência econômica estão muitas vezes associados com o objetivo de criar rótulos para a cidade (cognomes ou epítetos) que visam a passar uma ideia do que a cidade tem de especial. Esse promocionismo, segundo o autor, “pretende criar uma imagem favorável e pouco respeita a complexidade da verdade. Mas a imagem, para ser eficaz, deve ter algum fundamento nos fatos. Um traço forte representa a personalidade toda” (TUAN, 1980, p. 232 e 236). Cabe ressaltar aqui o exemplo da cidade de Tefé, cenário no qual se desenvolve o objeto desta pesquisa, que regionalmente é conhecida pela “Festa da Castanha”.

A elaboração de como é vista e percebida a Amazônia nos dias atuais ainda está impregnada de conceitos, juízos, símbolos, mitos e valores da civilização europeia. É através das narrativas dos conquistadores europeus que as imagens são percebidas até os dias de hoje. Ugarte esclarece que “Muitas vezes, essas imagens mentais, conforme veremos, eram transformadas em imagens formais, isto é, em gravuras, feitas por especialistas que ilustravam folhetins, livros e mapas” (UGARTE, 2003, p. 4).

Segundo Ugarte, foi durante o processo de conquista colonial que a Amazônia tornou-se uma das “margens” do chamado Novo Mundo. O autor enfatiza que, diferentemente de outros locais do planeta, como o Vale Mexicano ou Andes Centrais que de margem se tornaram centros do mundo colonial, a Amazônia, no entanto, continuou como margem, a que podemos chamar de periferia, até os dias de hoje. O autor ainda pontua que não houve efetiva ocupação dessa área durante todo o século XIV. Na verdade, ocorreram incursões esparsas, uma vez que não existiam nessa região estabelecimentos coloniais europeus. Para o autor, essa análise da Amazônia como estando em situação marginal remete à visão do colonizador.

Deve ficar claro, todavia, que estamos analisando a perspectiva dos europeus. Eles não somente revelaram a si mesmo essas “margens” – limites – do mundo, mas também, e principalmente, transformaram tais “margens” em periferia – cultural, econômica e política – de seu universo social (UGARTE, 2003, p. 3).

O autor exemplifica sobre como era feita a representação do espaço amazônico no início da colonização. São citados alguns mapas elaborados por cartógrafos nos quais o Rio Amazonas era representado na forma de uma gigantesca serpente. No mapa produzido pelo cartógrafo italiano Sebastião Caboto, em 1544, são representadas cinco cidades que não existiam: “[...] vemos cinco cidades inexistentes à época (três na margem esquerda, e duas na direita). Sebastião Caboto representou a partir do que fora relatado por Orellana, uma alegoria do combate entre os espanhóis e as ‘amazonas’” (UGARTE, 2003, p.15).

Outro desbravador da Amazônia no século XIV que elaborou um mapa figurativo da região foi Diogo Homem. Esse cartógrafo, segundo Ugarte (2003), também fez um mapa indicando cidades inexistentes, o Rio Amazonas é registrado como um Mar de Águas Doces; e cenas do cotidiano amazônico, como um ajuntamento indígena, aparecem nessa representação simbólica. A reprodução o Rio Amazonas é novamente imaginada como se fosse uma serpente.

Sobre os contornos do rio, vemos ilustrações de cidades inexistentes na região à época da conquista. Três bandeiras e um escudo de armas indicam o domínio espanhol. O rio Amazonas é registrado com o nome de Mare Aque Dulces (Mar de Águas Doces) e avança no Oceano Atlântico, lembrando a primeira denominação que foi dada por Pinzón, por causa das águas doces que avançavam sobre o mar. Abaixo do rio, vemos duas alegorias em que aparecem um acampamento dos conquistadores espanhóis – com homens em armas, tendas, cavalos- e um ajuntamento de indígenas. Nele, podemos observar uma cena antropofágica, em que pedaços de carne humana estão sendo assadas e outros estão pendurados numa árvores; à sua direita o cartógrafo registrou o nome *canibales* (UGARTE, 2003, p. 16).

Na revisão das visões/representações dos mitos mais significativos sobre a Amazônia, STEINBRENNER (2007) contextualiza que, desde a conquista do chamado novo mundo até os dias atuais, está a de Eldorado. Essa lenda que remonta a colonização seria sobre uma cidade com todas as construções em ouro maciço, com tesouros extraordinários e que atraiu viajantes no século XVI. No século XIX, essa lenda compeliu os naturalistas a cruzarem o oceano e adentrarem-se na Amazônia. Posteriormente, esse mito do Eldorado ressurgiu no ciclo da borracha através da migração em massa dos nordestinos no final do século XIX. Novamente como reedição deste mito tivemos os garimpos ou o acesso pelas terras nas décadas de 1970 e 1980.

Manuel Diegues Júnior¹ observa que, pelas marcas deixadas pelos portugueses e pelo cristianismo, a Amazônia, durante a colonização, pode ser caracterizada como uma área luso-cristã.

Essa área cultural luso-cristã, para assim considerar os dois fundamentos que a marcaram – o elemento lusitano, aglutinando a população portuguesa, a ponto de lhe dar o próprio nome e o cristianismo, base que lhe alicerçou a solidez espiritual, espalhado e difundido por portugueses viajantes, navegadores, colonos, missionários – representa, em sua unidade, não a soma, mas a conjugação, ou melhor, a integração de diversidades que possibilitam encontrar tanto no Brasil como em Portugal, na Ásia ou na África, regiões culturais como características, sobretudo de natureza material, que permitem distinguir umas das outras (DIEGUES, 1960, p. 4).

O autor observa que a Amazônia foi denominada pelo sociólogo Gilberto Freire como sendo luso-tropical, conciliando o seu elemento étnico fundamental (português) e a condição geográfica do ambiente em que ela se disseminou.

A luso-tropicologia é justamente essa expansão dos valores fundamentais da cultura portuguesa que se transformou de cultura nacional em cultura transnacional, de cultura tanto europeia como latina em cultura pancontinental ou tropical. O que Portugal realizou podemos verificar ter sido uma transplantação de cultura através do oceano, de umas para outras regiões da terra, de condições mesológicas diferentes (DIEGUES, 1960, p. 5 e 6).

Esse autor explicita como se deu a penetração na Amazônia portuguesa que começa no século XVII. A partir desse contato, o colonizador se defronta com outra natureza/paisagem da faixa marítima e interior do nordeste brasileiro. Nessas paragens, os elementos que dominam são a floresta úmida e água, em grande proporção. O autor destaca as impressões díspares de alguns desbravadores da época acerca da Amazônia.

Ao sábio Alexandre Rodrigues Ferreira, no século XVIII, a terra afigurava-se um paraíso. O entusiasmo não foi, nem tem sido comum a outros observadores da Amazônia. As condições de área tropical, já por si bastante discutidas, mais se tornaram ponto de divergência em relação à Amazônia. O Paraíso de Alexandre Rodrigues Ferreira tem sido chamado também inferno verde. E a situação de inabitabilidade da área, por muitos proclamada, transforma-se para outros em zona perfeitamente habitável (JÚNIOR, 1960, p. 42 e 43).

A ocupação efetiva da Amazônia ocorreu principalmente a partir da década de 1970 em função do avanço da fronteira da agropecuária, do desenvolvimento das técnicas, do

¹ O humanista Manuel Diegues Júnior: nascido em Maceió, Alagoas, onde realizou os seus estudos do primário e secundário e posteriormente Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais pela Faculdade de Direito de Recife. Durante a sua estada em Recife, ao realizar o curso de Direito, pesquisou com Gilberto Freyre, nas áreas de Sociologia e Antropologia Cultural. Profissionalmente atuou no exercício de cargos públicos. Tendo atuado também como Diretor de Programas do Instituto de Ciências Sociais da Universidade do Brasil. Foi, também, professor da Antropologia Cultural e Etnográfica do Brasil na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (JÚNIOR, 1960, p. 4).

conhecimento científico e técnico. Na época em que este livro foi escrito, início da década de 1960, muitos dos mitos sobre a ocupação da Amazônia permaneciam.

Floresta e água formam os dois elementos definidores dessa região, onde nem sempre elas são amigas do homem. Em certas épocas do ano os rios transbordam, sobem as moradias, destroçam o que encontram, depois voltam ao seu nível normal. A vegetação densa, fechada, resiste, por vezes, à penetração, muito embora especialistas que estudaram a floresta amazônica a considerem de natureza penetrável; e foi isto justamente o que facilitou, a princípio, a extração das drogas e, hoje, a das madeiras e da borracha (DIEGUES, 1960, p.43).

Os estudos sobre a paisagem das cidades ribeirinhas da Amazônia normalmente são elaborados com base na descrição. O autor destaca que essa descrição vai sendo elaborada de acordo com aproximação das embarcações, pois é propiciado um verdadeiro quadro, cujo limite está entre o rio e o céu, envolta por vegetação verde-escuro. Na configuração dessas cidades, temos, normalmente, uma rua principal, em geral paralela ao rio. Nessa rua localizam-se os principais equipamentos urbanos. O rio ao mesmo tempo estabelece limite e faz parte da cidade. Na confluência entre o rio e a cidade, temos a beira, que é uma área visceral para os moradores, local de chegada, partida, comércio e de interação social. “Nela e a partir dela dispõe, de forma aparentemente caótica, um conjunto de objetos espaciais/geográficos, como armazéns, comércios, portos, feira, trapiches e barcos, estes últimos, de tipos, cores e tamanhos variados” (TRINDADE JÚNIOR, *et alli*, 2008, p.35-36).

Os equipamentos mais comuns nessas cidades geralmente são a prefeitura, igrejas, câmara de vereadores, escolas, postos de saúde, feira. Esses equipamentos ou estão na rua principal, ou nas proximidades. Cabe salientar que geralmente a igreja está localizada em uma praça central em frente ao rio, situação tão comum em outras paragens brasileiras. As antenas das empresas de telefonia constituem-se em outro elemento incorporado devido à inserção dessas cidades no avanço das redes técnicas proporcionada pelo capitalismo. Em função das distâncias e situação viária, não é comum a presença de carros. Os meios de transporte mais comuns são as motos e bicicletas. Nas ruas, geralmente de chão batido, circulam os moto-táxis, um serviço muito peculiar da região que é muito dependente do “humor” do tempo amazônico, tanto no verão quanto inverno (TRINDADE JÚNIOR, *et alli*, 2008, p.36).

Para Gonçalves (2001), a Amazônia sempre tem sua imagem vinculada à floresta, aos rios, à violência e ao desmatamento, embora já seja fundamentalmente urbana. Conforme pode ser constatado pelo Censo do IBGE na década de 2000, mais de 70% dos seus habitantes já estão residindo em cidades. Essa urbanização foi fruto do modelo agrário de colonização na

década de 1970, gestado pelo governo central, e de um modelo industrial na forma de enclave que atraiu muitos mais empregou poucos. Nesse contexto, cabe destacar a importância das duas metrópoles amazônicas: Belém e Manaus. Em relação à urbanização de Manaus, Ab’Sáber, no seu livro “Amazônia do Discurso à Práxis” , caracteriza a importância da sua localização estratégica em relação às margens do Rio Negro.

Se é que o centripetismo hidrográfico existe em muitas outras regiões brasileiras, mormente na Bacia do Paraná e em parte da Bacia do Maranhão-Piauí, foi somente na Amazônia que ele pesou sobremaneira no ritmo de desenvolvimento de uma grande cidade. Explica-se facilmente o fato: ali o aglomerado urbano, por mais de dois séculos, não dependeu de nenhuma rota terrestre, mas tão somente dos rios de planície e de uma história econômica ligada intimamente à navegação fluvial (AB’SÁBER, 2004, p.201).

Ab’Sáber considera que Manaus é a verdadeira capital da hinterlândia amazônica, por estar situada entre a Amazônia Ocidental e a Oriental. A sua localização no principal eixo de navegação fluvial do Brasil tornou essa capital privilegiada em termos de utilização desse meio para transporte. É importante frisar que os rios são o principal meio de transporte da Amazônia. Para este autor , “Possui, por essa razão, uma situação geográfica absolutamente privilegiada em face das extensões amazônicas e do gigantesco quadro de drenagem da bacia hidrográfica regional” (AB’SÁBER, 2004, p.201).

Quem chega a Manaus nos dias de hoje percebe que, apesar do seu atual gigantismo, preservou uma parcela razoável de como estar organizada a sua área Central. Em que pese a destruição de boa parte do patrimônio arquitetônico, resquício do Ciclo da Borracha, de maneira geral, preservou-se parte da paisagem do centro, uma vez que quase não foram construídos grandes edifícios nessa área. Para o autor,

Tanto as fotografias antigas como as descrições de viajantes que por lá passaram há trinta ou quarenta anos atestam essa ausência de transformações recentes, dignas de maior nota. Paul Walle, que visitou a cidade em 1908, encontrou-a, aparentemente, muito parecida com aquela que visitamos em 1953 (AB’SÁBER, 2004, p.216).

Ab’Sáber faz uma descrição da cidade de Manaus a partir do seu Centro Histórico descrevendo a sua paisagem a partir de pontos que são referência para quem mora e conhece a cidade. Podemos afirmar que o conceito criado por Berque em relação à paisagem marca/matriz está presente, no trecho a seguir:

Em relação à Cidade, a Praça Osvaldo Cruz, que asila a velha e grandalhona Catedral de Manaus, situa-se irregularmente entre a zona portuária e a encosta das colinas que formam a zona comercial da cidade. O fundo da velha praça, que outrora dava para o rio, é barrado pela existência dos edifícios da alfândega e do porto. Ruas laterais dão acesso, de um lado, aos armazéns do cais e, de outro, ao grande mercado municipal de beira-rio. Antigamente, entre o sítio da alfândega e a zona do mercado existia a embocadura de um pequeno igarapé, o qual foi inteiramente soterrado e incorporado ao sítio urbano da porção central da cidade (AB'SABÉR, 2004, p.215-216).

Pode-se afirmar que o imaginário sobre a paisagem da Amazônia ainda está muito impregnado pelos relatos e descrições do período da colonização europeia. Esse espaço é plural em sua essência, sabe-se das transformações/ocupação do seu território ocorrida principalmente a partir da década de 1970. Mas existem marcas e matrizes (índios, vegetação, a cidade de Manaus, água, etc.) que ainda guardam muitos resquícios. E, ainda, as diferentes percepções a cerca das paisagens de Manaus e do espaço amazônico estão de acordo com as abordagens teórico-conceituais apresentadas neste texto.

3.2 Amazônia: representação e mídia

Toda comunicação pode ser escrita ou não. A imagem é uma representação do real, ela torna presente uma ausência exibindo sua própria presença. Se impõe no lugar do real, representando, se colocando no lugar de algo. A representação da paisagem amazônica é um fenômeno que propicia que se torne presente muitas imagens: florestas, índios, biodiversidade e rios. A presença desse universo é percebida a partir de um discurso que se coloca imageticamente no lugar da própria paisagem. A floresta indica uma ausência e ao mesmo tempo uma presença. Essa apreensão do real é simbólica. Podemos explicitar esta situação conforme Bourdier,

Os “sistemas simbólicos” distinguem-se fundamentalmente conforme sejam produzidos e, ao mesmo tempo, apropriados pelo conjunto do grupo ou, pelo contrário, produzidos por um corpo de especialistas e, mais precisamente, por um campo de produção e circulação relativamente autônomo (...) (Bourdieu, p. 12, 2005).

No livro de Roger Chartier “À Beira da Falésia: A História entre Certezas e Inquietudes”, há a conceituação que serve de embasamento para a discussão sobre a representação da Amazônia, visto que é uma temática/realidade constantemente presente na mídia, de forma idealizada e sempre enfocando o ambiente natural/destruição, biodiversidade

e populações tradicionais. Poucas pessoas no Brasil e no mundo efetivamente conhecem essa realidade. Os alunos do CREAD/CMM, representados pelos Polos de Tefé e Tabatinga, são um grupo de brasileiros que tem uma representação anterior e um contato que permitirá construir outros saberes sobre a região. Nesse sentido, conforme Chartier:

Na primeira acepção, a representação é o instrumento de um conhecimento mediato que revela um objeto ausente, substituindo-o por “imagem” capaz de trazê-lo à memória e “pintá-lo” tal como é. A relação de representação, assim entendida como correlação de uma imagem presente e de um objeto ausente, uma valendo pelo outro, sustenta toda a teoria do signo do pensamento clássico, elaborado em sua maior complexidade pelo lógico de Port-Royal (CHARTIER *apud* LOUIS MARIN, 2002, p. 74).

Toda representação simboliza algo, trata-se de uma dimensão reflexiva ou opacidade enunciativa pensando do ponto de vista mais crítico, ou seja, pré-concepções. Nas respostas dos alunos, existe a presença de um saber anterior: algumas vezes com teores verdadeiros, e outras não. Podemos exemplificar essa opacidade enunciativa com muitas das representações que a mídia continua a reverberar, de forma negativa, incompleta ou simplesmente errada e que continua internalizada pela população em geral e pelos alunos em especial: pulmão do mundo, lugar exótico, potencial de exploração, sem civilização, dentre outros. Nas palavras do autor:

“Um dos modelos dentre os mais operatórios para explorar o funcionamento da representação moderna – quer seja linguística ou visual – é o que propõe a consideração da dupla dimensão de seu dispositivo: dimensão ‘transitiva’ ou transparente do enunciado, toda representação representa alguma coisa; dimensão ‘reflexiva’ ou opacidade enunciativa, toda representação apresenta-se representando alguma coisa” (CHARTIER *apud* USHER, 2002, p.166-167)

A opacidade enunciativa (CHARTIER, 2002) está impregnada de configurações ideológicas, culturais e políticas. Existe todo um modo de produção de leitura da paisagem produzida pela mídia. Isto não quer dizer que não possa existir modos de produção e de leitura de paisagem local que interajam num campo de relação de força, num território contestado. Em outro momento, o mesmo autor faz uma analogia com a teoria de Michel Foucault.

“Como em Michel Foucault, para quem analisar os aparelhos disciplinares não significa, entretanto concluir que a sociedade é forçosamente disciplinada, em Marin, desmontar as máquinas textuais que constroem o leitor-destinatário como efeitos emitidos da

mensagem não obriga a supor que os leitores reais se conformem totalmente ao ‘leitor simulacro’ do discurso” (CHARTIER *apud* USHER, 2002, p.174).

Hoje em dia temos uma Amazônia diversa que pode ser urbana e, ao mesmo tempo, temos outras Amazônias singulares que aguçam o interesse do mundo e da mídia, em busca de “paraísos terrestres”. Nesse cenário midiático, a televisão tem um papel muito importante, por seu alcance e recursos técnicos, que muitas vezes transforma uma realidade em um espetáculo de visual. Temos então a construção de várias representações

Assim, o ambiente natural é retrabalhado, com material gravado servindo para montagem de outro produto, capaz de se adequar às exigências espetaculares da televisão. Contrastes e situações degradantes da realidade real são discursivamente apagados. Por exemplos, o casebre de um pescador no interior da Amazônia não serão mostrados como lugar que abriga gente que trabalha e sobrevive em condições sub-humanas mas será, tanto quanto possível, produzido como um lugar de paz, de tranquilidade e mesmo um local romântico. Há imagens que são de tal modo manipuladas que se assemelham a pura criação artística, sem maiores compromissos como o real captado pela câmara (DUTRA, 2009, p. 33)

Dutra (2009) constata que os programas televisivos que têm a Amazônia como foco continuam retratando-a como um lugar parado no tempo, uma área de vazios humanos, abundante em recursos naturais, mas as populações locais não são capazes de gerir os recursos naturais, dando-lhes uma racionalidade econômica.

A mídia exógena continua construindo as representações sobre a região, onde as populações locais são retratadas como “diferentes, exóticos e só em virtude desses pré-construídos tornam-se frequentes nas pautas da mídia”. O autor constata que este “exotismo” ocorre pelo fato de a sua linguagem ser diferenciada em relação à dos produtores midiáticos, além de serem percebidos, pelo discurso hegemônico da mídia, “como grupos humanos congelados no tempo, espécie de seres estranhos ao mundo contemporâneo” (DUTRA, 2009, p. 23).

O autor constata que o exotismo construído na época da colonização continua presente nos programas televisivos, de forma fragmentada e através de um discurso multifacetado sobre os significados da ecologia. Conforme Dutra,

Percebe-se, assim, que a chamada questão ecológica é uma questão discursiva, em que, por exemplo, o enunciado central biodiversidade, novo nome para designar, *lato sensu*, as “drogas do sertão” ou a abundância dos recursos naturais vivos, não designaria um objeto que a ciência vai aos poucos descobrindo, mas que serve para estruturar uma espécie de duto simbólico que dá passagem a uma multiplicidade de discursos sobre a natureza (Dutra, 2009, p. 24).

Para Bueno (2002), as menções sobre a Amazônia na mídia, normalmente transmitem visões generalizadoras e estereotipadas sobre a região. Muitas vezes ideias e números que demonstram extensão: Amazônia Clássica, Amazônia Legal, Amazônia Internacional. Esse tipo de visão tende sempre a ser homogeneizadora, simplificando realidades complexas. A autora salienta que existem diversas visões sobre a Amazônia que envolvem múltiplos agentes e distintas escalas.

Existem dois principais níveis de construção da representação sobre a Amazônia: o exógeno, estruturado pelos discursos enunciados externamente, e o endógeno, elaborado pelos protagonistas que vivem na região. Este segmento interno pode ser dividido em inter-regional, representado pelos discursos dos intelectuais e da mídia regional (...), e o local, constituído pela visão da população tradicional (BUENO, 2002, p.2).

Segundo Bueno (2002), algumas das expressões que estiveram ligadas aos primórdios do contato com a Amazônia continuam em voga e tendo (re)significados. “Eldorado” e “Paraíso” são duas delas. A primeira estaria ligada às atividades econômicas que desbravaram as entranhas da Amazônia nas décadas de 1960 e 70 do século passado numa reinserção da economia da região no cenário nacional após décadas de ostracismo. A noção de Paraíso remete às atividades turísticas alternativas em locais que aparentemente teriam uma natureza intocada e é diferenciada do turismo de massa que causa saturação, visto que, apesar de vastas áreas terem sido inseridas na dinâmica nacional, existem muitas outras praticamente intactas tanto em ocupação como em conhecimento.

O discurso midiático atual sobre a região amazônica continua com dois enfoques principais, que seriam a questão do vazio demográfico e a abundância de recursos naturais. Conforme o questionamento de Dutra,

A partir dessas hipóteses, indagamos: A Amazônia, tal como construída na mídia, não estaria passando da condição de estoque de “drogas do sertão” disponíveis para o benefício do “gênero humano” para torna-se, hoje, por sua “biodiversidade”, indispensável para a sobrevivência do planeta? Isso, com todas as possíveis consequências extra discursivas produzidas por discursos socialmente estabelecidos, cujos enunciados essenciais são incluídos pela mídia: plenitude de recursos e vazio humano? (DUTRA, 2009, p.24).

Ao questionar por que a região amazônica é tão importante para o Brasil e o mundo, o autor constata que quanto maior o avanço científico sobre a sua biodiversidade e os seus usos científicos práticos, maior “o número e complexidade de espécies animais e vegetais e ecossistemas relevantes não só para o futuro do Brasil, mas para o futuro do planeta como um

todo” (DUTRA, 2009, p. 157). O futuro técnico-científico da humanidade passa pela Amazônia.

As pesquisas também na área da bioquímica e química de produtos naturais têm demonstrado que uma das fronteiras de inovação tecnológica na área da biotecnologia está sediada justamente na Amazônia, quer dizer, quanto mais avançam essas pesquisas, mais se constata que essa inovação depende da descoberta de novos princípios ativos que já se sabe que eles se encontram em espécies animais e vegetais, especialmente em micro-organismos da região amazônica. Então, ela é de fato um patrimônio genético, é um celeiro para o desenvolvimento de novas tecnologias e produtos na área dos chamados biomateriais. Ela é fundamental para o futuro da humanidade nesta área (DUTRA, 2009, p. 157-158).

DUTRA (2009) salienta que a Amazônia estaria deixando a condição de estoque de recursos disponíveis para, em função da sua biodiversidade, tornar-se necessária para a manutenção da humanidade, seja pelo equilíbrio ecológico do planeta ou pela utilização dos seus recursos genéticos para os mais diversos fins. O autor ressalta que essa mudança no discurso da mídia inclui elementos de outros campos científicos, dentre os quais economia, política, geopolítica, relações internas e internacionais.

Portanto, se assim é dito nos textos da mídia, o que brota da análise da massa de enunciados recorrentes são noções de um aparente aprofundamento de antigas representações, ou seja, aquelas reiterações que dão a Amazônia como espaço naturalmente destinado a projetos contemporâneos de resolução de problemas que lhe são externos, reafirmando a sua dependência como espaço tributário não autônomo e, como tal, sem história, sem culturas, sem sujeitos capazes de determinar suas vidas. Se assim é no discurso predominante, de maior visibilidade, é assim que essas noções ganham vida naqueles ambientes, nacionais e estrangeiros ou internacionais, onde se discutem coisas como o futuro do planeta, concretizando-se ou tendentes a se concretizarem em realidades tangíveis, não midiáticas (DUTRA, 2009, p. 235).

Apesar de todo conhecimento e levantamentos científicos existentes sobre a Amazônia nos dias de hoje, ainda prepondera uma percepção de homogeneidade em relação à sua paisagem. Situação herdada das descrições dos naturalistas, dentre os quais estão La Condamine, Spix e Martius, Euclides da Cunha e Alberto Rangel. A autora observa que “Estes viajantes, ao descreverem suas impressões a partir dos rios, ainda tinham a oportunidade de, num segundo olhar, numa observação mais cuidadosa, perceber que essa homogeneidade é apenas aparente” (BUENO, 2002).

O poder simbólico, poder subordinado, é uma forma transformada, quer dizer, irreconhecível, transfigurada e legitimada, das outras formas de poder: só se pode passar para além da alternativa dos modelos energéticos que

descrevem as relações sociais como relações de força e dos modelos cibernéticos que fazem delas relações de comunicação, na condição de se descreverem as leis de transformação que regem a transmutação das diferentes espécies de capital em capital simbólico e, em especial, o trabalho de dissimulação e de transubstanciação das relações de força fazendo ignorar-reconhecer a violência que elas encerram objetivamente e transformando-as assim em poder simbólico, capaz de produzir efeitos reais sem dispêndio aparente de energia (BOURDIEU, p.15, 2005).

Para BUENO (2002), o conhecimento científico com o viés geográfico torna-se presente nas representações sobre a Amazônia brasileira em meados do século XX. Isso ocorreu graças às políticas integracionistas para a região, a partir do governo Vargas, com a criação do IBGE, no governo JK e nos governos militares. Ela pontua a partir dos governos listados anteriormente que a Geografia passa a ter um papel fundamental não apenas na organização do conhecimento sobre a Amazônia brasileira, mas sobretudo, na construção de um discurso oficial sobre a região que vai determinar o modo dos brasileiros enxergarem esta região. Até nos programas escolares, especialmente nos de Geografia, o estado se encarregará de construir a sua visão oficial.

A concepção sobre Amazônia, dos brasileiros nascidos nos últimos 50 anos, foi formada sob forte influência de toda a geopolítica montada para aquele território nos governos militares. Esses discursos estão, em maior ou menor grau, incorporados à consciência sobre a região. Este período é de particular interesse, pois as ideias produzidas e veiculadas nesta época estão muito presentes nas representações feitas hoje acerca dela (BUENO, 2002, p.6).

A autora constata que o interesse pela Amazônia é variável de acordo com os períodos e o interesse dos governos, sempre com um viés econômico e geopolítico. Na década de 1950, devido às políticas desenvolvimentistas propostas para a região pelo governo brasileiro, fizeram aumentar o interesse dos meios de comunicação por esta região. Já na década de 1960, com os governos militares, essa área do Brasil terá uma importância no discurso de segurança nacional e na prática geopolítica do Estado brasileiro. Políticas públicas para a ocupação, proteção e desenvolvimento desta região são a tônica. A delimitação de uma Amazônia Legal (1966) e a criação da Sudam deram o suporte para investimentos na região. Essas políticas de Estado foram acompanhadas por propaganda oficial, e a divulgação pela mídia colocou a região como última fronteira a ser conquistada pelo Brasil. Imagens de derrubada da floresta, grandes projetos mineralógicos, colonização por brasileiro de outras regiões foram retratados como sinônimo de desenvolvimento. A visão exógena domina completamente os relatos midiáticos do período.

Num levantamento feito entre as décadas de 1970 e 2000 por BUENO (2002) em reportagens de manchete de primeira página, ou edições especiais da Revista Veja, uma das mais importantes do Brasil, ela constatou que o discurso sobre a temática Amazônica prioriza o ambiente natural, populações indígenas e a ocupação e a destruição do bioma amazônico. Na abordagem da temática populacional, é sempre tratado das populações indígenas, muitas vezes de forma estereotipada. Durante a década de 1980, o discurso ambientalista entrou com força total na pauta da mídia. A preservação da natureza e a defesa dos povos tradicionais fizeram com que a Amazônia voltasse à ordem do dia. A mídia, através dos seus diversos meios, tem o poder de criar e refletir as diversas visões da sociedade. Em relação à mudança do discurso sobre a Amazônia, podemos salientar

No caso da Amazônia, assunto frequente nas reportagens produzidas por esses meios de comunicação, as mudanças no cenário sócio-econômico-político – não apenas brasileiro, mas também mundial – vão estar refletidas nessas matérias. Desse modo, comparar reportagens realizadas em momentos distintos é imprescindível para um entendimento da transformação do discurso em relação à região (BUENO, 2002, p. 101).

A autora constata que há, por trás das imagens e dos textos da revista Veja, uma representação ideológica do que seja Amazônia, ou seja, através desse meio a visão e as intencionalidades de uma classe social dominante são expostas. As imagens criam um imaginário sobre a região que deve ser bastante questionado devido às generalizações, as intenções e as distorções que provocam na formação do senso comum. A autora questiona se a veiculação massiva de imagens contribui para o conhecimento da região e sua problemática. Muitas vezes imagens muito semelhantes têm textos com conteúdos diversos de acordo com o momento histórico (BUENO, 2002, p. 139).

Para Steinbrenner (2007), a produção do conhecimento sobre a Amazônia sempre esteve ligada à construção de mitos que ora revelam a sua realidade ora ocultam muitas realidades. A autora destaca a utilização do mito para descrever essa área como uma ferramenta simplificadora e estratégica a partir de uma visão externa que em última instância trata do uso, ou não dos recursos.

Desde os relatos dos primeiros viajantes a percorrerem a bacia do Rio Amazonas no século XVI até as narrativas recentes, presentes na mídia, a representação do espaço amazônico tem sido regida pela temática ambiental, cunhada pela noção do exotismo, ora paraíso ora inferno. Região entendida, repetidamente, como fonte disponível de riquezas naturais para a solução de problemas externos – sejam eles lusitano no passado distante; nacionais, a partir das políticas desenvolvimentistas dos anos 50 ou globais, diante das noções de biodiversidade e sustentabilidade planetária, na atualidade (STEINBRENNER, 2007, p. 1).

Neste artigo também são discutidos os mais relevantes campos discursivos que disputam a produção e dão mais comumente sentido sobre a Amazônia – o científico, o político e o midiático. O viés comum produzido por esses três campos discursivos coloca a questão ambiental como principal, esquecendo muitas vezes dos indivíduos. Omite, também, que aproximadamente 70% dos seus 22 milhões de habitantes (PNUD, 2005) vivem e sofrem as agruras de uma urbanização desordenada devido à acelerada ocupação. A autora enfatiza que muitas cidades amazônicas têm índices de saneamento piores que muitos países africanos. Para Steinbrenner (2007), poder-se-ia dizer que a Amazônia urbana não se configura como uma representação. Objetivamente, Bourdier confirma,

A teoria mais acentuadamente objectivista tem de integrar não só a representação que os agentes têm do mundo social, mas também, de modo mais preciso, a contribuição que eles dão para a construção da visão desse mundo e, assim, para a própria construção desse mundo, por meio do trabalho de representação (em todos os sentidos do termo) que continuamente realizam para imporem a sua visão do mundo ou a visão da sua própria posição nesse mundo, a visão da sua identidade social (BOURDIEU, 2005, p.139).

Conforme questionamento da autora: como seria possível revelar uma Amazônia além do mito, suprimindo as leituras superficiais do senso comum, rumo à construção de um novo imaginário sobre a região, mais multifacetado, mais realístico, uma vez que a Amazônia pode ser natureza, campo e cidade, ou todas estas dimensões em diversas simbioses? Para que uma interpretação mais complexa e mais condizente com a realidade Amazônica surja Steinbrenner enfatiza que os discursos midiáticos abalizados pelos campos científicos formarão uma nova representação social sobre a região.

Nesse sentido, a comunicação pública da ciência desenvolvida na Amazônia e sobre a Amazônia coloca-se como foco central de estudo. Isto diz respeito mais especificamente aos limites e desafios à divulgação científica desenvolvida pelas universidades públicas da Amazônia, em sua relação como os meios de comunicação de massa, em superar ou não o mito amazônico, simplificador e reducionista das diversidades e complexidade regionais (STEINBRENNER, 2007, p.3).

No texto também é pontuado que a centralidade ambiental é o cerne da representação social inviabilizando os grupos humanos. É salientado que, na atualidade, as populações urbanas da Amazônia vivem um caráter contraditório e perverso, apesar do intenso processo de urbanização, muitas vezes não é representado no imaginário criado pela mídia.

Nesse sentido, os principais campos discursivos que disputam a produção de sentido sobre a Amazônia – em especial a tríade formada pelos campos científico, político e midiático – parecem criar, dentro do princípio da interdiscursividade (BAKHTIN, 1995), uma espécie de zona de influência de mútua afetação, marcada por uma regularidade comum, a centralidade

ambiental, que tem por sua vez como contrapartida da o “não dito”, a invisibilidade humana ou na atualidade, a opacidade urbana, manifesta ao longo do tempo em expressões emblemáticas como a do “vazio humano”, do “pulmão do mundo” e mesmo a de “estoque genético do planeta” (STEINBRENNER, 2007, p. 5).

No texto de Steinbrenner, é destacado que, desde a inserção da Amazônia na História da humanidade, a sua descrição é permeada por uma aura mítica tanto nos textos produzidos quanto nas imagens. A autora salienta que mitificar a realidade não significa criar ilusões sobre ela, ou que a sua criação esteja baseada em erros. Até porque não há como contestar a grandiosidade e a diversidade ambiental da Amazônia. E, também, a força do mito está em capturar alguns significados da realidade social. A realidade como é e a sua percepção pelos indivíduos que depois viram verdades generalizadas. Esterelidade configurada através do mito propicia a simplificação dos conteúdos, por isso a sua fácil inserção no imaginário popular e a dificuldade de superação (STEINBRENNER, 2007, p. 6).

A grandiosidade natural da Amazônia enquanto senso comum é, portanto, uma obviedade construída por um olhar de fora para dentro, o olhar do descobridor, que percebe a região enquanto paisagem, que prioriza a prioriza enquanto bioma, mas que negligencia ou inviabiliza o ser humano que a habita (STEINBRENER, 2007, p.6).

Após os períodos citados anteriormente, mas especificamente na década de 90 do século passado, a autora observa que surge uma nova visão do mito ligado agora à sustentabilidade do planeta e à preservação da sustentabilidade. É frisado, com base em Bertha Becker (2004), que, com a globalização, houve uma valorização da natureza como um capital que pode ser utilizado no presente ou ficar como reserva para o futuro, e como fonte de poder para quem decifrá-la via ciência.

Nesse sentido, a disputa das potências detentoras da tecnologia pelos estoques de natureza, localizadas sobretudo, em países periféricos, incide vigorosamente sobre o Brasil, em especial sobre a Amazônia. É, portanto, na condição de Eldorado reeditado que o “imenso capital natural” da região tem seu valor renovado (STEINBRENNER, 2007, p. 9).

A mídia só representa a Amazônia com uma visão mitológica e exótica da natureza. Essa construção do imaginário amazônico é muito eficaz, devido ao seu alcance, e termina por influenciar outras instâncias que se dedicam a formar opinião do que venha a ser a Amazônia. Sendo assim, podemos afirmar que na atualidade a temática ambiental, baseada em mitos está inserida em quase todos os setores da mídia quando a Amazônia é enfocada. Para a mídia, a destruição, ou preservação da natureza/biodiversidade continua sendo a marca/propaganda/símbolo máximo da Amazônia.

Esta centralidade do discurso ambiental, feito pela mídia, apesar de representar muito do que seja Amazônia, termina se dissociando de uma realidade social, visto que a maior parte da sua população vive em áreas urbanas quase sempre degradadas devido à destruição do “Eldorado” criado historicamente e mantido pela mídia pouco crítica e pelo senso comum. A urbanização mais recente da Amazônia é consequência de algumas políticas públicas equivocadas que gerou um processo de urbanização desordenado hoje deve fazer parte do mosaico de representações sobre esta região.

Finalizando, podemos afirmar que a representação que a mídia brasileira transmite sobre a Amazônia não permite que os receptores dessas mensagens tenham informações mais criteriosas das realidades deste rincão brasileiro. Situação que dificilmente se reverterá, visto que, na maioria das vezes, às mensagens propagadas acerca da Amazônia priorizam a natureza. As imagens transmitidas variam de acordo com os interesses de grupos, econômicos ou de governos no tempo, sendo as mais significativas: paisagem homogênea, paraíso terrestre, vazio demográfico, reservatório de água, fonte de biodiversidade e pulmão do mundo. Há toda uma construção de um imaginário que continua se perpetuando. Os meios de comunicação espriam diariamente o noticiário com informações baseadas em estereótipos que privilegiam o ambiente natural em detrimento, na maioria das vezes das populações. As populações geralmente retratadas são as tradicionais, ou carentes. Muitas vezes, essas populações tradicionais aparecem como se parte da paisagem fizessem.

CAPÍTULO 4

A PERCEPÇÃO DA PAISAGEM AMAZÔNICA PELOS ALUNOS DO CREAD/CMM

Pode-se afirmar que a Amazônia pode bem servir para que se discutam as categorias basilares da Geografia: Espaço, Lugar, Território, Ambiente, Região e Paisagem. Essas categorias nos dão a oportunidade de compreensão das suas especificidades, se tornam janelas para a compreensão da região amazônica e uma ferramenta para a conscientização da necessidade do uso sustentável de seus recursos. Para os alunos que estão vivenciando essa experiência no Curso Regular de Ensino a Distância do Colégio Militar de Manaus (CREAD/CMM), oportunizado pelo Colégio Militar de Manaus (CMM), o contato com a paisagem da Amazônia é uma experiência ímpar.

Para possibilitar a apreensão da representação da paisagem amazônica pelos alunos, foi elaborado um questionário com dois eixos principais: a percepção da Amazônia e a percepção da paisagem da Amazônia. Foram entrevistados 40 alunos do polo de Tabatinga e 12 alunos do polo de Tefé. Esses dois polos foram escolhidos em função de estarem localizados em áreas dessa região nas quais as características regionais são bem acentuadas, por terem uma boa quantidade de alunos e por oferecerem excelente infraestrutura. Todos os alunos são do ensino básico: 32 do ensino fundamental, e 20 do ensino médio. Nas entrevistas, foi possível perceber que a maioria dos alunos são filhos de militares e oriundos de outros estados do Brasil.

4.1 A PERCEPÇÃO DA AMAZÔNIA PELOS ALUNOS

4.1.1 A REPRESENTAÇÃO DA AMAZÔNIA

A Tese “A Importância da Comunicação na Construção do Espaço Geográfico Escola”, do Professor Antônio Carlos Castrogiovanni (2004), trata sobre a relação entre os

conceitos ligados à comunicação (Imagem, Nominalismo e Cultura) e sobre o seu significado quanto à utilização sobre espaço geográfico. Para o autor, a Imagem suscita uma fascinação e é valorizada superando, muitas vezes, a escrita. A Imagem seria polissêmica, e o sujeito tem a liberdade de escolher as que preferirem de acordo com os seus códigos culturais. O autor cogita que a Imagem do Espaço Geográfico geralmente é produzida em segunda mão, ou seja, tende a ser conotada ou simbólica. Segundo o autor,

O Nominalismo é a Comunicação verbal dos Sujeitos e dos Objetos que constituem o Espaço Geográfico. A densidade do nome, que faz existir o Lugar é constituído por significados, que evocam uma realidade construída pela comunicação atribuindo significações (CASTROGIOVANNI, 2004).

Castrogiovanni (2004) destaca que a Comunicação de um nome gera o Nominalismo, que são os diversos significados que uma palavra pode ter. O autor utiliza o conceito de Cultura com base em Barthes: “um conjunto infinito de leituras, de conversas, ainda que sob a forma de fragmentos prematuros e mal compreendidos”. A Cultura é caracterizada como múltiplos fenômenos sociais e os interesses de uma sociedade. Nesse sentido, muitos dos alunos trazem consigo variadas representações do que seria a Amazônia. Essas representações podem ser apreendidas na questão da entrevista relacionada sobre o que a Amazônia representava primeiramente para alunos. Vale ressaltar que, ao responder às questões, cada aluno podia fazer referência a mais de uma característica, tendo em vista que as questões eram abertas. Em função das respostas, foi possível organizar quatro grupos de temas pertinentes à primeira percepção que os alunos possuíam em relação à Amazônia: Natureza, Economia/Desenvolvimento, Urbanização/População e extensão/localização.

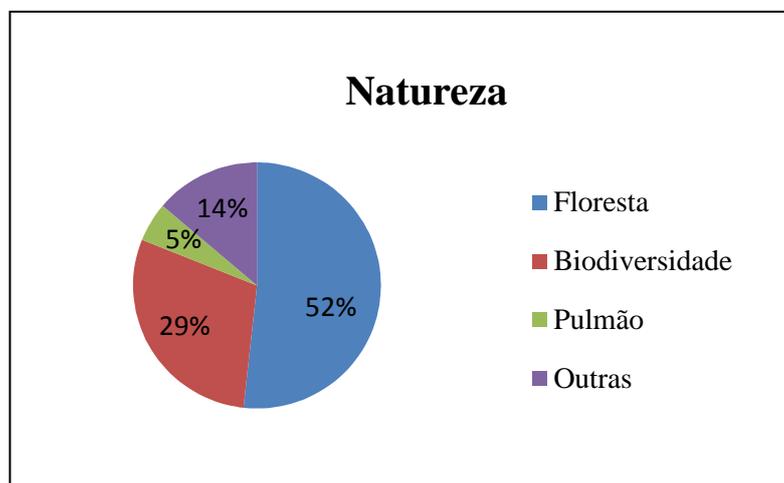


Gráfico 1. A representação da Amazônia – Natureza.

Na questão ‘a’ do segundo tópico do questionário foram totalizadas 91 menções. Destas, o tema natureza foi o mais citado, com 58 ocorrências. Desse total, mais de 50% destacou a floresta (52%) como a primeira imagem que a Amazônia o faz lembrar. A biodiversidade aparece como a segunda mais lembrada (29%), seguida pela ideia errônea de pulmão do mundo (5%). As outras respostas totalizaram 14%, apontando para uma gama de diferenciadas respostas, como “secas e enchente”, “Rio Solimões”, “Calor insuportável”, “várias praias”, dentre outras.

A floresta e a biodiversidade são os temas mais lembrados como conhecimento anterior que os alunos já detinham sobre a Amazônia. Esses dois são símbolos maiores da região estão relacionados a diversos significados. A biodiversidade e a exuberância da floresta representam a marca mais presente no senso comum e no grupo de alunos estudados. Esses dois termos remetem à preservação da floresta como reserva genética, além de apresentar um componente político no qual se pode incluir desde as políticas públicas para a região, pressão de grupos econômicos visando à exploração dos recursos e uma diversidade de movimentos sociais (indígenas, caboclos e ambientalistas).

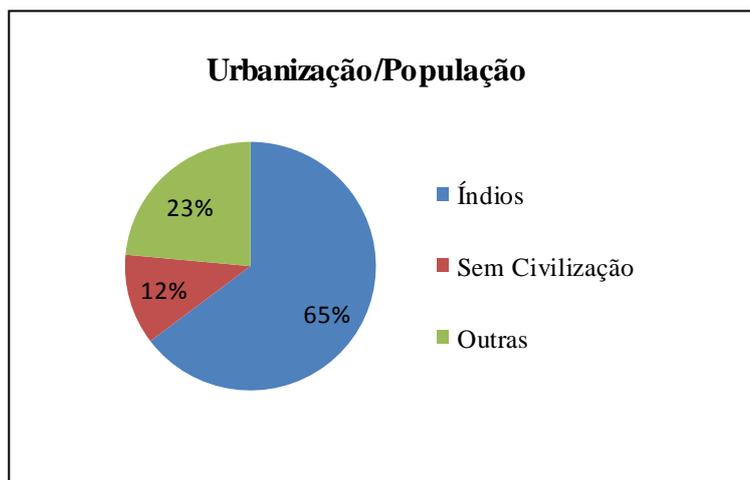


Gráfico 2. A representação da Amazônia- Urbanização/População.

A segunda temática mais lembrada fazia referência à urbanização/população. Essa temática foi citada 17 vezes. A característica mais evidenciada: cerca de 65%, refere-se às populações indígenas, 12% reconhecia a Amazônia como uma área na qual não haveria civilização, e as outras respostas totalizaram 23% dentre as menções mais relevantes. Desse item, destacam-se: “pouca população”, “culturas diferentes”, “lugar calmo”, “não tinha cidades”.

Conforme Dutra (2009), a mídia exógena constrói a representação da Amazônia e da sua população de forma preconceituosa, geralmente retratando a população e as suas cidades como exóticas, o que propicia uma influencia na visão dos alunos antes do contato com a região. Para eles, os amazônidas seriam predominantemente indígenas, não haveria civilização nem cidades na região. Esse discurso hegemônico passa a ideia de que as populações que vivem na Amazônia estariam estagnadas no tempo e não estariam inseridas no mundo contemporâneo.

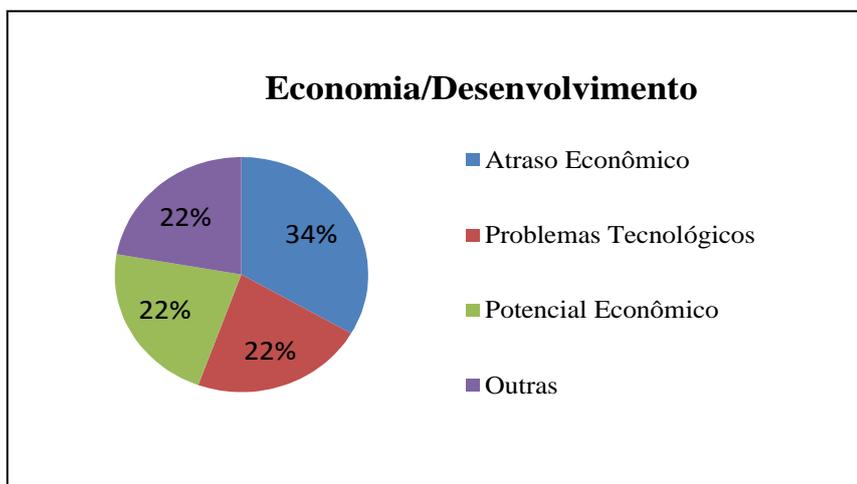


Gráfico 3. A representação da Amazônia – Economia/Desenvolvimento.

Economia/Desenvolvimento foi o item que ficou em terceiro lugar no número de menções, totalizando 9. Desse total de menções, 34% estão relacionados a um suposto atraso econômico da região, 22% relacionados a problemas de tecnologia, e 22% apontam que a região teria um grande potencial econômico. Cabe ressaltar ainda que 22% elencaram outras respostas que destacaram a Amazônia como sendo um instrumento para o desenvolvimento nacional, valorizando a sua essência econômica. Observa-se, nessas colocações dos alunos, a velha contradição dos olhares sobre a Amazônia. Por um lado, ela é vista como uma região atrasada, que não consegue se inserir no capitalismo mundial. Por outro lado, para muitos, ela representa uma riqueza de recursos que poderá trazer desenvolvimento para a Região. Desse modo, pode-se remeter ao pensamento de Gonçalves (2001) segundo o qual, sob a perspectiva atual, o futuro técnico-científico da humanidade e do planeta passa pela Amazônia. Essa ideia é compartilhada por outros autores contemporâneos, como Becker (2011) e Dutra (2009).

Nesse momento da análise, cabe revisitar uma das visões mais significativas sobre a Amazônia que é a de “Eldorado” (STEINBRENNER, 2007). Os alunos, apesar de perceberem

um “atraso”, que certamente encontra explicação quando em comparação com a sua origem, que, no caso são, as áreas mais dinâmicas e urbanizadas do Brasil, julgam que a região continua sendo um reservatório infindável de riquezas, com um potencial muito grande de exploração e um instrumento para o desenvolvimento nacional (Dutra, 2009). Se nos detivermos a observar, esta lenda do Eldorado permeia a o imaginário sobre a Amazônia desde a sua conquista até a história mais recente, o que, de certa forma, pode ser exemplificada pelo ciclo da borracha, os grandes projetos da década de 1970 e, mais recentemente, como depósito de biodiversidade, que assegurará a redenção de muitos males da humanidade.

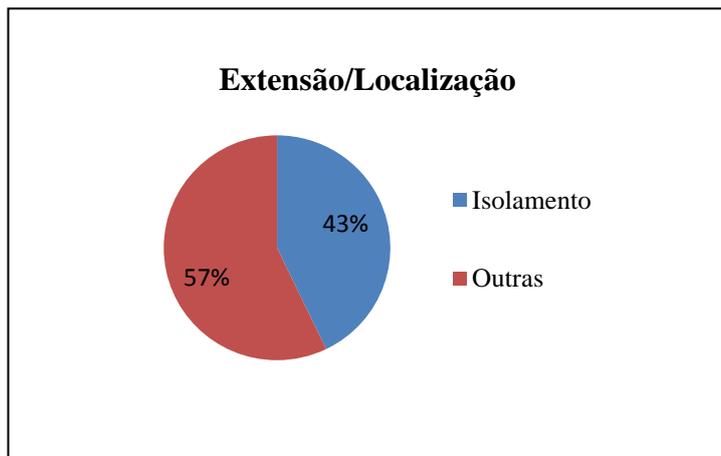


Gráfico 4. A representação da Amazônia – Extensão/Localização.

Por último, temos como tema a Extensão/localização da região apresentada num total de sete menções. Deste total, 43% destacaram a questão do isolamento da Amazônia, e 57% citaram informações diversificadas. Entre elas, a de que seria o local mais importante do Brasil, uma grande extensão territorial, representava o coração do país e um lugar exótico. Está subentendido nas respostas a ideia de que a Amazônia é uma região bastante isolada, por estar muito afastada dos centros mais dinâmicos do país.

Parece interessante aqui apontar as visões que os alunos colocam em relação região amazônica ligada à sua grande extensão e à noção de vazio demográfico “um lugar no meio do nada”, que certamente está relacionada à sua baixa densidade demográfica. Essa noção dos alunos está preponderantemente ligada à construção imagética que se perpetua através da mídia. O discurso que torna invisíveis as populações locais é o mesmo que, quando aborda o tema Amazônia, dá ênfase à extensão espacial, vazio demográfico e o de riquezas quase incomensuráveis. Para Becker (1997), está ideia de vazio demográfico que se perpetua no

imaginário brasileiro, e certamente dos alunos, foi o mesmo que ensejou pelos governos militares da década de 1970 uma ocupação territorial com o objetivo de explorar os recursos e ocupar a área para garantir a segurança num território pouco povoado e que, com isso, fez emergir relações sócio-territoriais conflituosas. Pode-se afirmar que esse cenário de alteração espacial e da estrutura populacional, deu origem aos discursos contraditórios construídos pela mídia. Mas, como os meios de comunicação sempre elegem um discurso preponderante que, no caso dessa região, impõe a natureza, ou a destruição dela, como central, e omite as populações amazônicas. Segundo o IBGE (2010), a região norte, que possui boa parte da Amazônia, tem a população majoritariamente urbana e perfaz um total de aproximadamente 73,5%.

4.1.2 A PERCEPÇÃO DA AMAZÔNIA NO LOCAL

A questão ‘b’ do tópico dois do questionário versa sobre a percepção dos alunos da Amazônia já estando eles no local. Trata-se, portanto, do contato dos alunos com a região após terem ido fixar residência e discutindo sobre se a percepção que tinham os agradava. Nessa segunda questão, foram totalizadas 85 menções.

Em função das respostas obtidas através da questão, também foram organizados quatro grupos de temas relativos à percepção *in loco* sobre a Amazônia: Natureza, Economia/Desenvolvimento, Urbanização/População e extensão/população.

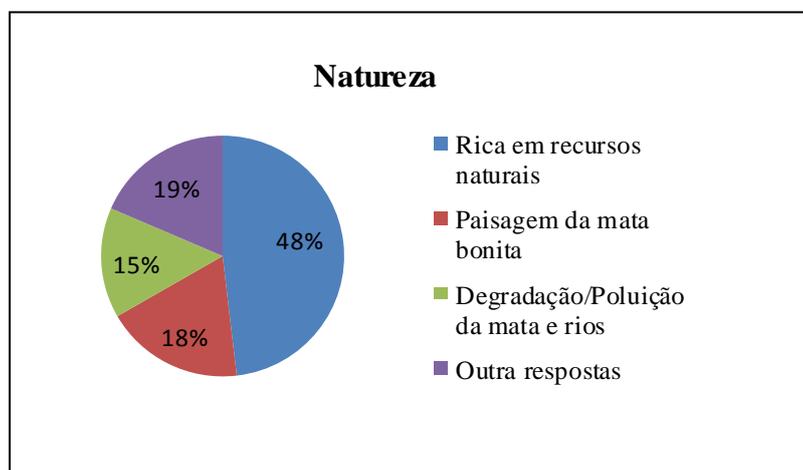


Gráfico 5. A percepção da Amazônia no local – Natureza.

A Natureza foi o tema mais lembrado, com 28 menções, sendo que a percepção da Natureza como rica em recursos naturais teve 48% das menções, paisagem da mata bonita obteve 18%, degradação/Poluição da mata e rios foram citadas por 15% dos alunos. As outras respostas obtiveram 19% das menções constantes nesse item, das quais destacamos as seguintes: “a floresta não me agrada”, “nunca me agradou o cheiro de peixe e certas frutas”, “eu vi macacos e jacarés” e “um lugar maravilhoso onde podemos viver com a natureza”.

No contato dos alunos com a região, percebe-se que a riqueza em recursos naturais é a resposta que mais se sobressai, confirmando uma percepção que está no imaginário do mundo, e que, no caso, os alunos puderam confirmar. Essa constatação remete novamente à concepção da Amazônia como Eldorado, ou como fonte inesgotável de recursos. Pode-se afirmar que essa visão e percepção da Amazônia é a mesma que foi elaborada pelos europeus segundo Ugarte (2003). É também a visão que o brasileiro comum tem da região. A informação nova que os alunos trazem em suas respostas é o fato de terem presenciado a degradação/poluição das matas e rios, ou seja, algumas máculas/marcas no paraíso propiciadas pela civilização moderna: “não me agrada a destruição dos rios e matas”. Nesse contato com a realidade, ocorre um despertar para uma nova visão, em que a ênfase sobre as riquezas naturais da região e da beleza da paisagem está junto da questão da degradação do ambiente. Cabe salientar os estudos do geógrafo Aziz Ab’Sáber (1989) sobre a necessidade de se conhecer a distribuição dos recursos naturais e sobre o uso do zoneamento ecológico-econômico para evitar a degradação e destruição do ambiente amazônico.

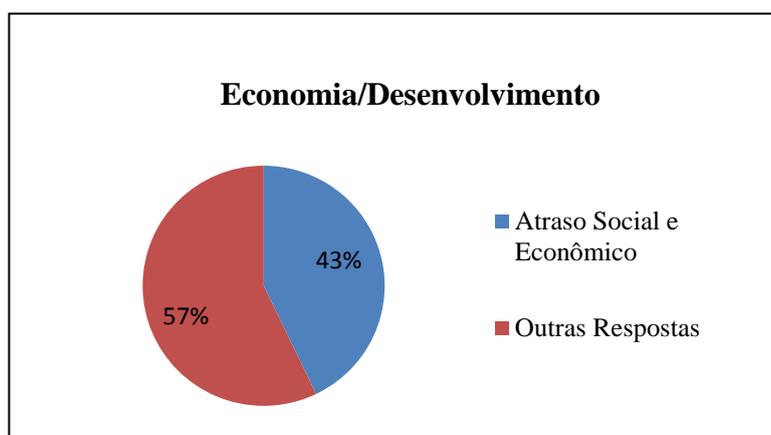


Gráfico 6. A percepção da Amazônia no local – Economia/Desenvolvimento.

Economia/Desenvolvimento foi a terceira temática mais citada, com 14 menções. A percepção de atraso social e econômico recebeu 43% desse total, enquanto outras respostas receberam 57%. Destas se destacam as seguintes: “sem muita tecnologia”, “em

desenvolvimento”, “a cidade está crescendo”, “muito a explorar”, “os políticos não têm projetos para o futuro da cidade” e “a população vive da pesca e do comércio”.

Neste tópico, constata-se um questionamento, que é também uma contradição: como uma região tão rica em recursos naturais tem ao mesmo tempo um atraso social e econômico tão grande? Este atraso social e econômico remete à representação que a mídia faz da região, da comparação que os alunos fazem com os seus locais de origem e da constatação após a vivência no local. Conforme Dutra (2009), a mídia representa a Amazônia como um lugar parado no tempo e que, apesar da abundância de recursos naturais, as populações locais não são capazes de gerir, dando-lhes uma racionalidade econômica. Já na fala dos alunos, surge a comparação do que seria desenvolvimento segundo uma concepção que tem como ponto de partida à realidade urbana que até então conheciam os alunos: “suponho que, daqui a dois três anos, já vai ter um shopping”. Ao mesmo tempo uma constatação: “Os políticos não têm projetos para o futuro da cidade”.

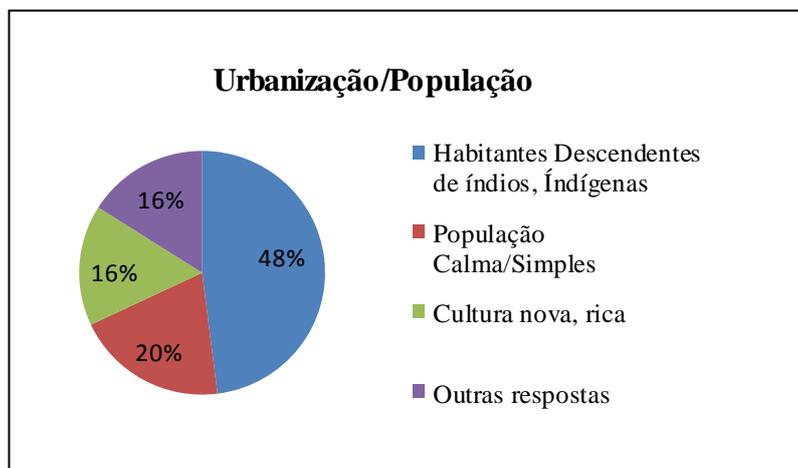


Gráfico 7. A percepção da Amazônia no local – Urbanização/População.

Urbanização/População foi à segunda temática mais citada (foram 25 menções). Desse total, a caracterização da população local como indígenas e seus descendentes teve 48% das ocorrências, enquanto o item referente à População Calma/Simples obteve 20% das citações. Já a cultura nova obteve 16%. Outras respostas obtiveram 16% e destacaram a receptividade ou não da população com os de fora da região, conforme a percepção destes sobre aqueles.

Percebe-se que cerca da metade dos alunos caracteriza as populações dos municípios pesquisados como indígenas ou seus descendentes, além de citarem alguma característica aparente no comportamento, conforme as citações a seguir: “Que a população indígena ocupa grande parte, e sim me agrada, pois são oportunidades de obter uma cultura maior” e

“Indígenas, matas, rio, cheiro. Claro que essa percepção não me agrada muito. Muitas mudanças devem ser feitas”. Outros comentários importantes dos alunos são os que caracterizam população e urbanização. São eles: “as pessoas são bastante simples, não são tão simpáticas”, “tem bastante frutas, peixes e animais diferentes”, “o povo sofre muito com as secas e as chuvas fortes”, “a população vive da pesca e do comércio”, “a alimentação é cara”, “a flora prevalece em toda a cidade”.

Apesar do contato com a realidade das cidades amazônicas, poucos alunos relataram sobre características delas, provavelmente em função das suas vivências anteriores, já que, para a maioria, remete a ruas asfaltadas e grande quantidade de prédios. Dentre os que se aperceberam desta realidade, cabe destacar o relato a seguir de um aluno da cidade de Tefé: “Sim, pois vi que era totalmente diferente do que pensava, que a Amazônia em si é um lugar maravilhoso, onde nós podemos viver com a natureza, e as pessoas que vivem aqui são bem receptivas. Podemos respirar um ar bem mais limpo do que em outras cidades grandes, e fazer coisas que outros lugares como: ficar mais junto das pessoas, porque é uma cidade bem pequena, passear de barco, etc.”.

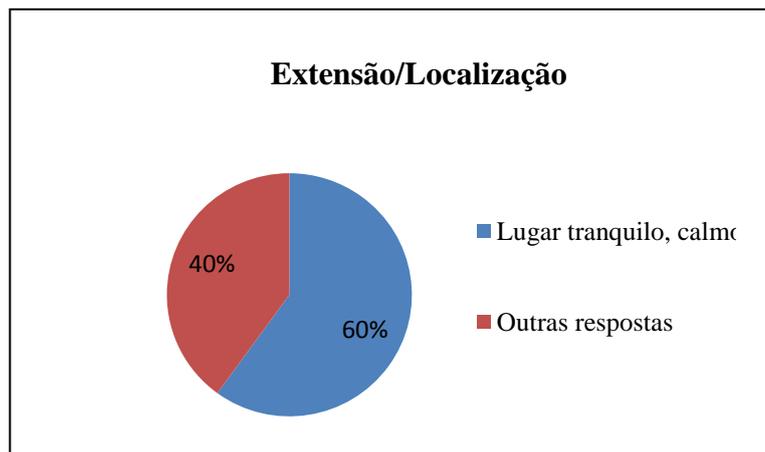


Gráfico 8. A percepção da Amazônia no local – Extensão/Localização.

Por último, temos com tema a Extensão/localização da região num total de 5 menções. Deste total, 60% destacaram a Amazônia como um lugar tranquilo, e 40% deram respostas, tais como é um “local limitado e só quem reside sabe da importância”. Para Bueno (2002), as menções sobre a Amazônia na mídia como num todo transmitem visões generalizadoras através de números e ideias que demonstram extensão, tais como Amazônia legal, Amazônia Internacional, etc. Essa visão simplifica em muito as realidades vivenciadas. Essa

representação da Amazônia é calcada na visão exógena. Por outro lado, existe uma visão endógena elaborada pelas populações locais.

A partir do momento em que os alunos passam a residir no local, eles começam a ter uma visão diferenciada da anterior e mais próxima dos habitantes locais. A dimensão reflexiva ou opacidade enunciativa dos alunos (CHARTIER, 2002) começa a cair por terra. A vivência nos municípios amazônicos os levar a ter uma visão do lugar como tranquilo e a revelar a importância deles, apesar das limitações de acesso a bens e serviços a que estão sujeitos em comparação aos das suas cidades de origens.

4.1.3 PERSPECTIVAS DE MUDANÇAS NO MUNICÍPIO DE TEFÉ E TABATINGA

O questionamento ‘c’ do tópico dois sobre a percepção da Amazônia é referente às perspectivas de mudanças nos municípios em que os alunos residem e se essa perspectiva os agrada. Em função das respostas, também foram organizados quatro grupos de visões sobre o futuro do município: *positiva, negativa, mista e não percebe mudança*.

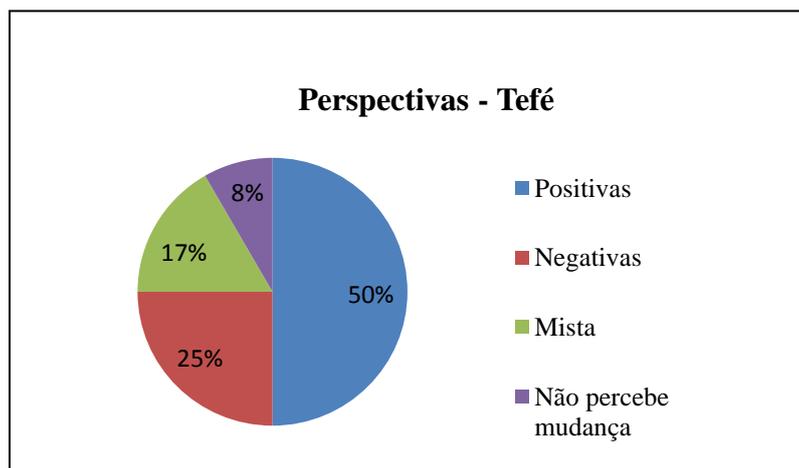


Gráfico 9. As perspectivas de mudanças no município de Tefé.

No município de Tefé, do total de 12 alunos, 50% têm uma visão positiva. Citando vários motivos que os levam a ter esta perspectiva: desenvolvimento devido à construção de um fórum municipal, restaurantes, condomínios, vinda de pessoas de outros lugares à procura de emprego, como professores, e asfaltamento de ruas. A visão negativa sobre o futuro do município foi percebida em 25% das respostas dos alunos: muitos empresários têm planos para a cidade, condomínios serão feitos, planos de grandes construções, será uma mudança

drástica e o charme de Tefé é ser uma cidade pacata. Alguns alunos percebem que há uma grande diferença comparada com o Rio de Janeiro: não tem cinemas e área de lazer, é como se estivesse em outro país. Ainda ressaltam a necessidade de reformarem os colégios públicos, bem como as ruas e a feira municipal.

Cerca de 17% dos entrevistados apontaram uma visão mista sobre as perspectivas para a Amazônia. Entre elas, apesar da internet ser ruim, a cidade é boa, falta consciência dos cidadãos tefeenses em cuidarem de sua cidade, o fato de o esgoto correr a céu aberto, a problemática do lixo, a falta de diversão, não tem shopping, a cidade é boa, só se tem que aprender a viver nela, apesar da criação das novas lojas e condomínios faltam mudanças no aspecto da beleza e higiene da cidade. Apenas um aluno revela não perceber mudança na cidade.

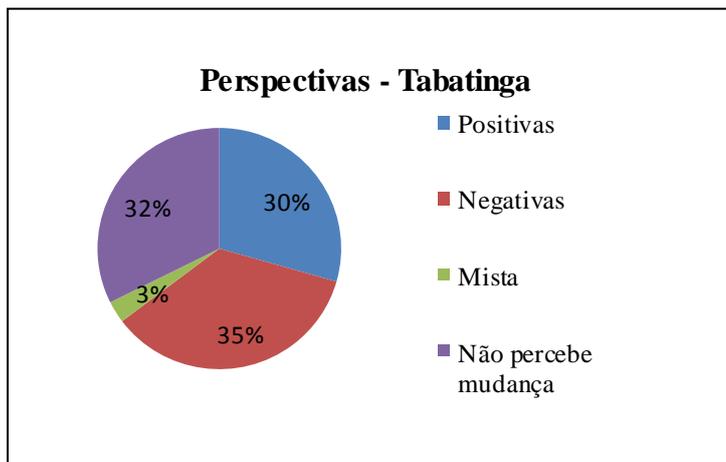


Gráfico 10. As perspectivas de mudanças no município de Tabatinga.

No município de Tabatinga, do total de 34 alunos, 30% têm uma visão positiva e acabam citando vários motivos que os levam a ter esta perspectiva: aumento do comércio, mais patrulhamento nas ruas, crescimento da população e cidade evoluindo na questão econômica. A análise negativa sobre o futuro do município foi percebida em 35% das respostas dos alunos: roubo de recursos públicos, famílias pobres, infraestrutura precária, falta de perspectiva para o futuro, internet precária, lazer, saúde educação precários. Foi apontado, também, que, na cidade de Tabatinga, não há nenhum tipo de visão para o futuro por parte da autoridade responsável.

A visão mista sob a perspectiva dos alunos está presente em 3% das entrevistas, aparecendo da seguinte maneira: O crescimento populacional e urbanização poderiam ser mais bem administrados. Em relação à percepção de mudança no município, 32% dos alunos

não a percebe, ressaltando a falta de reformas em algumas escolas públicas e de asfaltamento em alguns bairros.

Analisando a resposta dos alunos, pôde-se perceber que muitas das perspectivas que os alunos consideram como positivas estão ligadas a soluções ou modelos de fora da região ou à melhoria da infraestrutura dos municípios de Tefé e Tabatinga. A construção de prédios (Fórum e Shopping), a vinda de pessoas de fora para trabalhar e o asfaltamento de ruas são sinais de desenvolvimento. Conforme Trindade Júnior (2008), os equipamentos mais comuns nessas cidades são a prefeitura, igreja, escolas, feiras e prédios públicos, que estão localizados numa rua principal e próximo ao rio. Qualquer alteração seja, a construção de um prédio novo ou shopping para os alunos representa um sinal de progresso, pois inevitavelmente eles vão comparar estas mudanças com as suas cidades de origem, que, na visão deles, seriam mais desenvolvidas.

As perspectivas negativas estariam ligadas à transformação ou não da cidade e de sua paisagem. Os alunos criticam a precária infraestrutura da cidade, o atraso tecnológico (lentidão da internet), a falta de alternativas de lazer e a falta de perspectiva para o futuro. A visão mista revela que, apesar dos problemas de infraestrutura (lixo, esgoto a céu aberto), as cidades estariam evoluindo (criação de lojas e condomínios), mesmo que os cidadãos locais não tenham a consciência de cuidar das suas cidades.

Os alunos que não percebem mudanças são os que citam a falta de reforma na infraestrutura (reforma em escolas públicas e asfaltamento). Na fala de um aluno: “Não percebo mudanças no município, e esse atraso assusta-me”.

4.2 A PERCEPÇÃO DA PAISAGEM AMAZÔNICA PELOS ALUNOS

4.2.1 A CONCEPÇÃO DE PAISAGEM ELABORADA

Paisagem é um conceito plural, para o qual se descarta a possibilidade de possuir um único significado. Para cada olhar, teremos uma interpretação. Essa pluralidade ao mesmo tempo enriquece e torna complexa a análise, obrigando-nos a buscar novos horizontes no universo analisado (passado e presente) (EMÍDIO, 2006). Na análise das respostas do universo dos alunos do CREAD/CMM referentes à conceituação do que seria paisagem, tópico 3 do questionário, percebe-se a possibilidade de agrupá-las em três concepções: uma

que faz menções a ideia de aspectos naturais (Natural), outra ligada à natureza transformada ou artificializada (Artificial) e, por último, uma que remete a idealizações e sentimentos (Idealizada/Etérea).

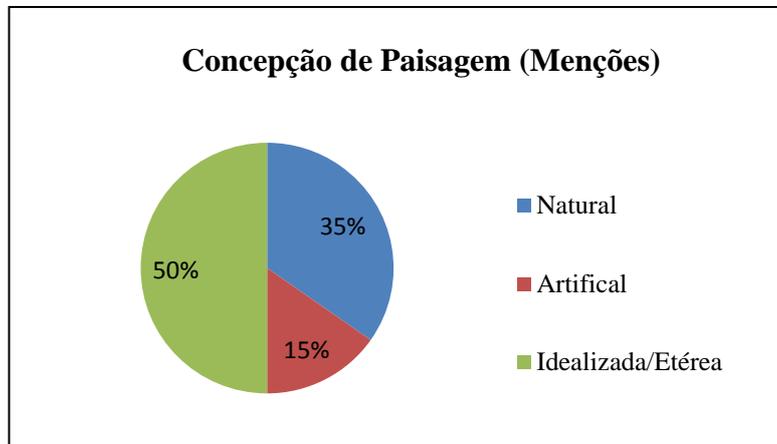


Gráfico 11. A concepção de paisagem elaborada pelos alunos do CREAD/CMM.

A questão ‘a’ do terceiro eixo da entrevista que trata sobre a percepção da paisagem questiona que conceito os alunos têm de paisagem. Foram computadas conjuntamente as respostas dos municípios de Tefé e Tabatinga, totalizando 72 menções, que foram divididas em três grupos: Natural, Artificial e idealizada/etérea. As concepções de paisagens classificadas como Idealizada/Etérea foram as mais citadas, totalizando 50% das menções. Dentre elas, estão o fato de ser um lugar bonito, cheio de belezas, vista linda, o que se vê, local agradável, energia positiva, local tranquilo, imagem agradável, imagem de um lugar, imagem maravilhosa. As concepções classificadas como natural perfizeram um percentual de 35% e elencaram elementos naturais, tais como natureza, floresta, mares, rios e pôr-do-sol. O grupo classificado como artificial é o que, em sua concepção de paisagem, leva em consideração os elementos da natureza transformados pelo homem, como, por exemplo, Cidade, imagem urbana, o campo, modificações da natureza e uma pista de skate.

Segundo Cosgrove (1998), todas as paisagens são simbólicas, cabendo ao geógrafo decodificar os significados da paisagem. O método utilizado deve passar pela leitura detalhada do “texto” (a paisagem), através de uma compreensão hermenêutica e da capacidade imaginativa em seu contexto de tempo e espaço. Destaca a importância do trabalho de campo, bem como da elaboração e da interpretação de mapas. Os resultados dos estudos são comunicados através dos textos. A linguagem, portanto, é crucial na representação dos significados. Nesse sentido, segundo Cosgrove (1998, p. 110),

Inevitavelmente, nossa compreensão é informada por nossos próprios valores, crenças e teorias, mas está apoiada na busca de evidência de acordo com as reconhecidas regras desinteressadas do mundo acadêmico. No ato de representar uma paisagem, palavras escritas e mapas, que são códigos simbólicos, são as principais ferramentas de nosso ofício.

Para Cosgrove (1998), por intermédio da paisagem, a Geografia está em toda parte e deve ser apreciada. Muitas vezes, porém, age-se no sentido “de obscurecer em vez de aumentar” esse prazer. Conceitua a paisagem como “uma maneira de ver”, que possibilita leituras diferentes, simultâneas e igualmente válidas.

Para esse autor, a paisagem é um texto cultural que apresenta camadas de significados. Para ler as paisagens, devem-se utilizar as mesmas habilidades interpretativas geralmente usadas para analisar um filme, um poema e um romance. Ele não fala unicamente sobre paisagem, mas ela sempre é vista em relação ao sujeito (COSGROVE, 1998).

4.2.2 AS PAISAGENS QUE MELHOR REPRESENTAM O MUNICÍPIO DE TEFÉ E TABATINGA (MARCA/MATRIZ)

A paisagem geográfica, para Augustin Berque (1998), é concomitantemente marca e matriz. Como marca, pode ser descrita e inventariada, pois expressa uma civilização. Como matriz, a paisagem resulta dos esquemas de percepção, concepção e ação do sujeito, ou seja, da cultura. Assim, a paisagem de Berque é uma das matrizes da cultura e o lugar onde as atividades humanas gravam as suas marcas.

Na questão ‘b’ do terceiro eixo do questionário percebe-se que a citação dos alunos em relação às paisagens que são marca e matriz dos municípios de Tefé e Tabatinga denotam um sentimento de topofilia, conceito criado por Tuan (1980), que, resumidamente, seria a ligação entre a pessoa e o lugar ou ambiente físico. Este conceito é, ao mesmo tempo, difuso, vívido e concreto como experiência pessoal e envolve todos os sentidos, mas, em especial, a visão, que é responsável pela apreensão do mundo e por um detalhamento espacial superior aos outros sistemas sensoriais. O surgimento desse sentimento foi ocasionado a partir do momento em que os alunos passaram a residir nessas cidades, pois neste momento a visão deles torna-se endógena, ou seja, os alunos já são partícipes da vida local, o que envolve as relações sociais, a percepção representação da paisagem. Destacam-se algumas respostas dos alunos que denotam este conceito em Tabatinga, por exemplo, um deles relata o contato dele com o rio e os animais que são símbolos onipresentes da Amazônia: “O Rio Solimões e os animais, pois

vivemos na Amazônia onde há rios e animais”. Outro aluno elenca “A famosa – As pedras do Comara – quando o rio baixa, as pedras ficam a mostra, com o pôr-do-sol fica lindo”. Outro aluno cita “A população ribeirinha, pois quase toda a população mora nas margens do rio daqui”. Sobre Tefé, também, há relatos de alunos bastante significativos e que surpreendem no sentido da intimidade com o lugar: “Como símbolo da cidade de Tefé é a Castanheira, que é o que as pessoas mais comem em Tefé, é chamada de Terra da Castanheira”. Um aluno desta cidade detalha ainda mais esta festividade importante para o local: “A festa da Castanha, vêm cantores de todos os lugares do Brasil. O ano passado veio o Skank; já passaram por lá, Thiaguinho, Bruno e Marrone”. Dentre outras citações, bastante significativas sobre a paisagem de Tefé, temos: “O Rio Tefé representa o maior meio de alimentação e de renda de população”. E “O Rio Tefé porque, quando ocorre a enchente, traz grandes problemas”. Essas “falas”, esses depoimentos dos alunos só se tornam possíveis após o contato real com o local, que se deu por irem residir na região, sendo, portanto exemplos típicos de Topofilia.

Nessa questão da entrevista que versa sobre as paisagens que melhor representam os municípios de Tefé e Tabatinga, ou seja, a Marca/Matriz dos locais estudados foram computadas 14 menções sobre o município de Tefé e 42 sobre o de Tabatinga.

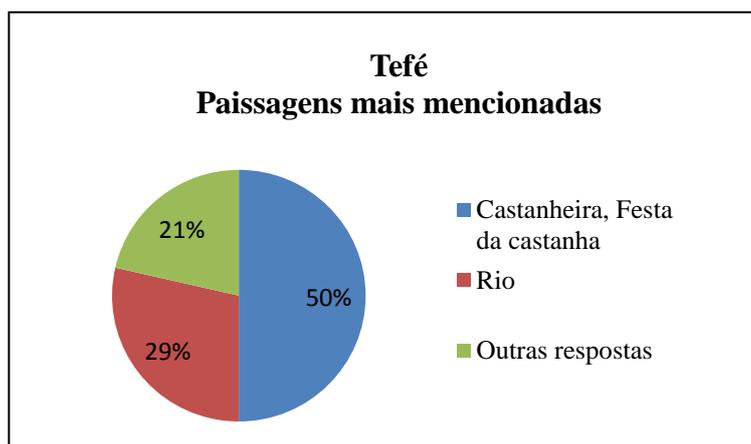


Gráfico 12. Paisagens que melhor representam o município de Tefé (Marca/Matriz).

Em Tefé, sobressaiu-se a referência à Castanheira/Festa da castanha com 50% das respostas. A presença marcante do rio também foi bastante lembrada como marca do município com 29% das respostas. Neste município, também foram lembradas as seguintes paisagens: moradores da cidade, Lago Tefé e Floresta. No caso de Tefé, o reconhecimento pela maioria dos alunos de que a Castanheira/Festa da Castanha como marca matriz confirma o que observa Tuan (1980) que, quando o sentimento em relação ao local gera frases de efeito promocional, os chamados *cognomes de cidades*, que promovem o lugar ou ambiente

produzindo algo, alguma cultura em especial, teríamos a denominada Topofilia. Para os habitantes e para os alunos do CREAD/CMM, a Festa da Castanha representa uma imaterialidade que promove economicamente a cidade, tornando-se motivo de orgulho regionalmente.

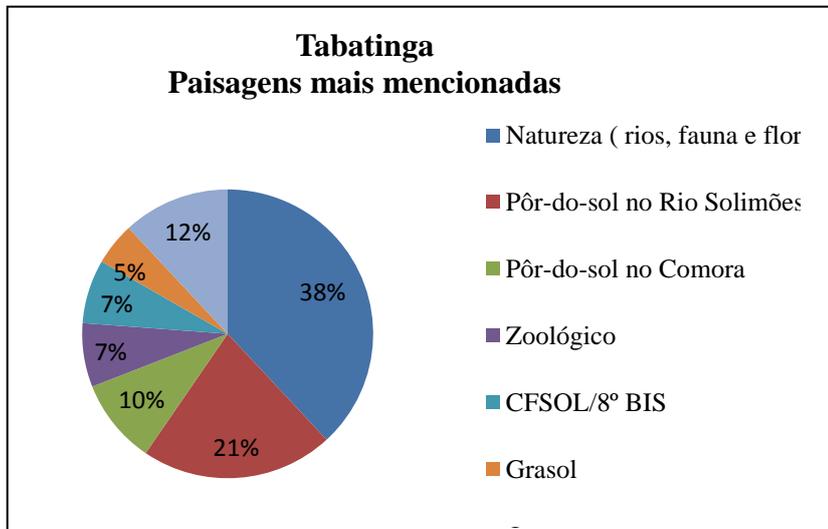


Gráfico 13. Paisagens que melhor representam o município de Tabatinga (Marca/Matriz).

Em Tabatinga, de um total de 42 menções, sobressaiu-se, em primeiro lugar, a Natureza presente na região (rio, fauna e flora) , com 38% das respostas. O pôr-do-sol no Rio Solimões ficou em segundo lugar, com 21% das menções. O pôr-do-sol no COMARA (Comissão de Obras Aeroportuárias da Força Aérea Brasileira), com 10%, O Zoológico de Tabatinga, o Comando de Fronteira do Solimões e o 8º Batalhão de Infantaria de Selva (CFSOL/8º BIS), além do Grêmio Recreativo do Alto Solimões (Grasol) foram bastante citados. Outras respostas perfizeram 12%, cabendo destacar as seguintes: população ribeirinha, sensação de proximidade às estrelas, portos e comidas típicas.

Fazendo uma análise da leitura da paisagem baseado na metodologia de Verdum (2012), percebe-se que, no caso, os elementos elencados pelos alunos como marca/matriz do município envolvem a subjetividade individual e coletiva de acordo com os referenciais da comunidade. Em função disso, as paisagens mais lembradas são aquelas relativas a aspectos naturais (rios, fauna, flora e pôr-do-sol). As outras citadas (COMARA, Zoológico, CFSOL/8º BIS e GRASOL) estão ligadas à atuação das Forças Armadas na região e, portanto, à realidade dos alunos, visto que a maioria são filhos de militares.

4.2.3 PERSPECTIVAS DE MUDANÇAS NA PAISAGEM DOS MUNICÍPIOS DE TEFÉ E TABATINGA

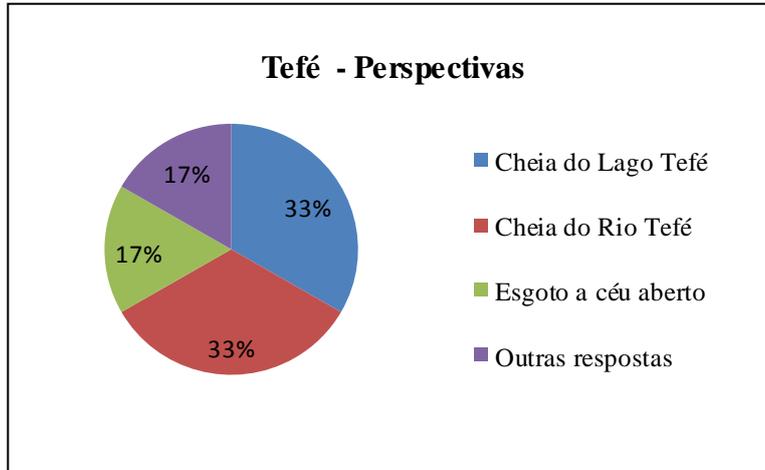


Gráfico 14. As perspectivas de mudanças na paisagem de Tefé.

Na questão 'c' do terceiro tópico da entrevista, a que versa sobre as perspectivas de mudanças nas paisagens dos municípios de Tefé e Tabatinga, observaram-se as seguintes menções sobre Tefé: a cheia no lago e no rio Tefé. Ambas com 33%, num total de 12 menções, foram as mais citadas. Também foi destacada a perspectiva de continuidade do problema do esgoto a céu aberto (17%). As outras respostas, dentre as quais a construção do foro municipal e a não observação de alteração nas paisagens, totalizaram 17%.

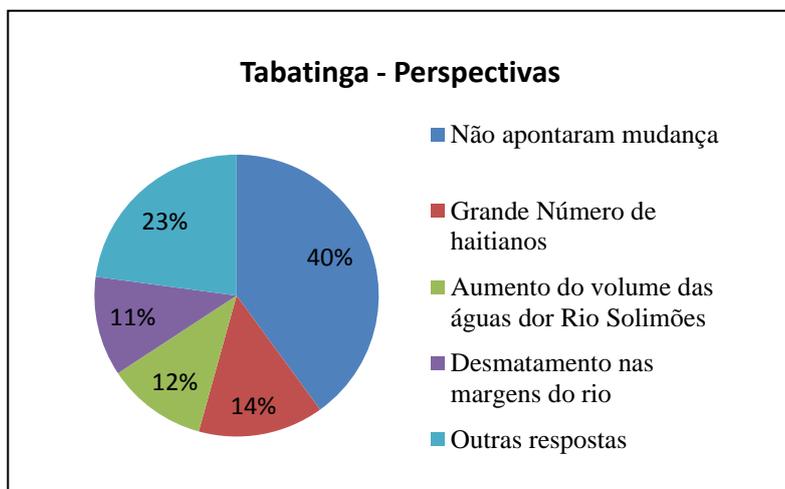


Gráfico 15. As perspectivas de mudanças no município de Tabatinga

Na mesma questão, que versa agora sobre as perspectivas de mudanças nas paisagens do município em Tabatinga, observaram-se os seguintes percentuais num total de 35

menções: 40% dos alunos não apontaram alteração, 14% se reportaram ao grande número de haitianos que ingressaram no município, 12% ao aumento do volume das águas do Rio Solimões, 11% reportaram ao desmatamento nas margens do rio, e 23% citaram diversas respostas. Dentre elas, merecem destaque: diminuição do tráfico de drogas, menos buracos nas ruas, produção de diversos frutos (por exemplo, o jambo), comércio crescendo e poluição.

Para Emídio (2006), a paisagem permite uma leitura do tempo (passado/presente) e traça perspectivas para o futuro. Ao compararmos um ambiente natural com o atual transformado, estamos relacionando o passado com o presente. Algumas paisagens têm a capacidade de se conservarem por mais tempo que outras. As mudanças na fisionomia ocorreriam ou por variação fisiológica natural, ou pela antropização. No caso das perspectivas de mudanças traçadas pelos alunos para os municípios de Tefé e Tabatinga, observamos que é citada a questão da sazonalidade (cheia/vazante dos rios), que são fenômenos cíclicos para a região e que transformam a paisagem naturalmente (enchentes, surgimento de praias, terras caídas, etc.). Por outro lado, a ação antrópica também é citada, destacando-se a problemática da degradação ambiental. Cabe citar que a imigração em massa de haitianos para o município de Tabatinga, um problema social para alguns municípios da região, foi lembrado por 14% dos alunos, sendo apontada como uma alteração da paisagem. Outro dado que chama a atenção é o relativo aos alunos que não apontaram mudanças quaisquer: 40%.

Em suma, através da análise dos resultados, observa-se que os alunos apresentam uma diversidade de percepções acerca da Amazônia e de suas paisagens. Antes de morar nas cidades pesquisadas, a principal representação da Amazônia e sua paisagem era sobre a natureza e os seus recursos naturais, imagem que permanece após o seu convívio no lugar. Porém, novas realidades são percebidas, tais como a degradação ambiental, o atraso econômico-tecnológico e as singularidades socioculturais, além de percepções mais aguçadas sobre a paisagem e sobre sua gente. Essas experiências por que passam os alunos lhes possibilita que novas compreensões enriqueçam seus cotidianos. Assim, mesmo que não possam, no momento em que as vivenciam, formalizar, segundo conceitos da geografia, a realidade que os cerca e na qual também estão inserindo, eles podem conhecer a realidade *in loco*, e isso lhes dá um conhecimento da realidade que extrapola o senso comum veiculado nas mídias e a teoria expressa em livros e manuais.

Considerações Finais

A categoria Paisagem, nos anos de 1970, voltou a ser valorizada na Geografia, sendo submetida a releituras. Nesse sentido, a abordagem cultural sobre a paisagem propicia uma interpretação simbólica bastante enriquecedora. Anteriormente, não havia essa possibilidade já que, na ciência, era dada ênfase aos aspectos que podiam ser mensurados. Cabe enfatizar que a retomada desta categoria possibilitou uma diversidade conceitual, uma articulação entre os saberes e uma abertura para as novas metodologias, dando-lhe nova funcionalidade.

Para que se pudesse analisar a percepção de paisagem pelos alunos CREAD/CMM, foram feitas várias releituras desse conceito, destacando-se as baseadas em Verdum (2012), que afirma que a paisagem é o registro que a visão alcança e nos dá uma noção de mosaico relativamente ordenado de formas e cores. Em Berque (1998), para quem a paisagem é uma marca, já que expressa uma civilização, sendo matriz, pois está relacionada aos esquemas de percepção, de concepção e de ação, expressando os registros das sociedades no espaço. Já para Emídio (2006), a paisagem é definida pelo e de acordo com o significado encontrado nos dicionários, referindo-se ao espaço que abrangemos visualmente, bem como às representações dele nas artes plásticas. Para Cosgrove (1998), a paisagem é um texto cultural que apresenta camadas de significados. Nesta breve releitura, cabe também o conceito de Topofilia de Tuan (1980), que envolve aspectos ligados à cultura, que são a percepção, a atitude, o valor e a visão do mundo. Seria associação do sentimento em relação ao lugar. Para ele, faz-se necessário examinar o papel do lugar ou meio ambiente como produtor de imagens (Paisagem), já que essas categorias da Geografia estão ligadas à percepção humana, logo, à emoção. Uma abordagem contemporânea significativa sobre paisagem é elaborada por Milton Santos (2002), que a define como um conjunto heterogêneo de objetos, uma espécie de marca da história das técnicas. A partir da releitura desses autores, foi possível apreender que o conceito de paisagem está em constante transformação, pois depende de quem a observar, do período histórico e de como foi socialmente construído.

A retomada da ocupação amazônica nas décadas de 1960 e 1970 deixou marcas profundas na paisagem da região. Nesse período, por obra do Estado brasileiro, uma nova agenda se configura no sentido de modernizar, mesmo pagando um preço através do devassamento da Floresta Amazônica. Os grandes projetos de desenvolvimento para essa região com o intuito de desenvolvê-la foram colocados em prática neste período. Segundo

Becker (1997), essa ação governamental não prosperou por completo em função das disputas por interesses de uma gama de atores sociais públicos e privados, que, muitas vezes, extrapolavam o poder do estado. Nessa época ocorreu uma mudança fundamental na estrutura do povoamento na região, que era toda fundamentada ao longo dos rios e que, hoje, se desenvolve ao longo das estradas implantadas. Essa transformação do espaço amazônico despertou o interesse da mídia fazendo com que a preocupação com a questão ambiental adquirisse maior visibilidade no cenário nacional e mundial. Contemporaneamente, tem-se a noção de que a rápida transformação nas paisagens e a perda significativa de recursos ambientais da Amazônia revelam que este modelo de desenvolvimento está esgotado.

A representação que a mídia brasileira transmite da Amazônia dificulta a compreensão das realidades ali existentes. A maneira como essa região é vista e percebida nos dias atuais ainda está bastante impregnada de conceitos, juízos, símbolos, mitos e valores da civilização europeia. A narrativa dos conquistadores europeus influenciou na construção do imaginário percebido até os dias de hoje. Daí o surgimento do discurso midiático sobre a região amazônica que, na maioria das vezes, prioriza a natureza, afirmando que a paisagem seria homogênea, paraíso terrestre, vazio demográfico, reservatório de água, fonte de biodiversidade e recursos naturais. Esse imaginário construído continua se perpetuando, já que a mídia geralmente privilegia as informações baseadas nos estereótipos ligados ao ambiente natural em detrimento, na maioria das vezes das populações.

Os alunos dos diversos estados brasileiros estudantes do curso regular de Ensino a distância do Colégio Militar de Manaus (CREAD/CMM) têm a oportunidade de confrontar uma representação quase sempre midiática da Amazônia com a realidade. Através da pesquisa, percebe-se uma confrontação da imagem anterior sobre a Amazônia, que remete ao tema natureza (floresta, biodiversidade), inclusive, em alguns casos, com concepções errôneas construídas pela mídia como a que afirma que a Amazônia seria o pulmão do mundo. Ao residir nos municípios amazônicos de Tefé e Tabatinga, a maioria dos alunos fica deslumbrada pela natureza seja pela diversidade ou exotismo local, e, ao mesmo tempo, ocorre um estranhamento cultural em relação à pobreza e à carência da região. Percebe-se que os alunos consideram que os modelos ou as soluções de fora da região seriam os mais adequados. Constatase também que, após a vivência no local, os alunos apresentam percepções acerca da Amazônia e de suas paisagens mais diversificadas do que as que a mídia propaga, denotando uma Amazônia plural. Nesse momento, uma visão endógena da Amazônia pode ser constatada quando os alunos elegem os elementos que, na opinião deles,

seriam Marca/Matriz de Tefé e Tabatinga. Durante o convívio com a realidade, surgem novas percepções, tais como a degradação ambiental e o atraso econômico-tecnológico. Percebe-se ser uma situação contraditória, pois, ao mesmo tempo, coexiste uma Amazônia bela e “intocada”, rica em recursos naturais; e uma outra, degradada, fruto de equívocos históricos na sua ocupação.

Espera-se que a dissertação aqui apresentada sirva de inspiração para novas visões que estejam por vir, uma vez que o tema Amazônia oferece uma gama de possibilidades de estudo e pesquisa. Longe de querer traçar um painel definitivo da percepção dos alunos, este estudo aqui apresentado espera trazer contribuições no sentido de que a experiência seja um farol na compreensão que todos os brasileiros devem ter em relação à necessidade de desmistificação da Amazônia, uma região do Brasil ainda vista como depositária de recursos naturais ou simplesmente reserva de biodiversidade que, na verdade, esconde segredos e uma multiplicidade de questões que estão longe de serem abarcadas. Dentre elas, podem-se elencar aspectos da biodiversidade, sociodiversidade, paisagem, urbanização, biopirataria e destruição ambiental. Assim, existe uma única maneira efetiva de se traçar um futuro promissor para esta região que é através do conhecimento.

4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AB'SABÉR, Aziz Nacib. *Amazônia do Discurso à Práxis*. Edusp. São Paulo, 2004
- _____. *Amazônia –Proteção Ecológica e desenvolvimento: Revista de estudos avançados*, USP, São Paulo 1(3): 4-20, 1989
- BECKER, Bertha K. *Amazônia*. 5. Edição. Editora Ática. São Paulo, 1997.
- BECKER, Bertha K. *Amazônia: geopolítica na virada do III milênio*. Rio de Janeiro, RJ. Garamond, 2006.
- BECKER, Bertha K. *A Amazônia e a política ambiental brasileira*. In: *Território, territórios: ensaios sobre o reordenamento territorial*. 3. Ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2011.
- BERNARDES, Júlia; FERREIRA, Francisco P. de M.; *Sociedade e Natureza*. In: CUNHA, Sandra B.; GUERRA, Antônio J. T. *A Questão Ambiental: diferentes abordagens*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil: 2010.
- BERQUE, Augustin. *Paisagem-Marca, Paisagem-Matriz: Elementos da Problemática para uma Geografia Cultural*. In: CORRÊA, Roberto Lobato, ROSENDAHL, Zeny. (Org.) *Paisagem, tempo e cultura*. Rio de Janeiro. Ed. UERJ, 1998.
- BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*; tradução Fernando Tomaz- 8º edição, Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2005.
- BUENO, Magali Franco. *O imaginário brasileiro sobre a Amazônia: uma leitura por meio dos discursos dos viajantes, do Estado, dos livros didáticos de Geografia e da mídia impressa*. Dissertação (Mestrado em Geografia) – USP, 2002.
- CASTELLS, Manuel. *O poder da identidade*. São Paulo: Paz e Terra, 2000. (A era da informação: economia, sociedade e cultura: Volume 2).
- CASTROGIOVANNI, Antônio Carlos. *A Geografia do Espaço Turístico como Construção Complexa da Comunicação*. Porto Alegre. Programa de Pós-graduação em Comunicação. PUCRS (TESE DE DOUTORADO), 2004.
- CLAVAL, Paul. *A Geografia Cultural*. Florianópolis. Editora da UFSC, 1999.
- CLEARY, David. *Problema da interpretação na história moderna da Amazônia*. In: D'INCAO, Maria Ângela e SILVEIRA, Isolda Maciel da (Org.). *A Amazônia e a crise da modernização*, Belém. Museu Paraense Emílio Goeldi, 1994.

- CORRÊA, Roberto Lobato e ROSENDAHL, Zeny. Apresentando Leituras Sobre Paisagem, tempo e cultura. In: CORRÊA, Roberto Lobato, ROSENDAHL, Zeny. (Org.) Paisagem, tempo e cultura. Rio de Janeiro. Ed. UERJ, 1998.
- COSGROVE, Denis. A Geografia Está em Toda Parte: Cultura e Simbolismo nas Paisagens Humanas. In: CORRÊA, Roberto Lobato, ROSENDAHL, Zeny. (Org.) Paisagem, tempo e cultura. Rio de Janeiro. Ed. UERJ, 1998.
- _____. Paisagem, imaginário e espaço. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2001.
- DUTRA, Manuel, Sena. A natureza da mídia: os discursos da TV sobre a Amazônia, a biodiversidade, os povos da floresta. – São Paulo: Annablume, 2009.
- EMÍDIO, Teresa. Meio ambiente e paisagem. São Paulo. Ed. SENAC São Paulo, 2006.
- EUZÉBIO, Emerson Flávio. Fronteira e horizontalidade na Amazônia: As cidades gêmeas de Tabatinga (Brasil) e Leticia (Colômbia). Dissertação (Mestrado em Geografia) – USP, 2011.
- FERREIRA, Antonia M. M.; SALATI, Enéas. Forças de transformação do ecossistema amazônico. In: Estudos Avançados: Dossiê Amazônia Brasileira II. V. 19. N.54. Maio-Ago. São Paulo: USP, 2005.
- FIGUEIRÓ, Adriano S. – Evolução do conceito de paisagem: uma breve revisão, revista Geosul, vol. 13, nº 26, 40-52. Editora da UFSC, 1998.
- FLICK, Uwe. Introdução à pesquisa qualitativa. Tradução: Joice Elias Costa. – 3. Ed. – Porto Alegre. Artmed, 2009.
- GONÇALVES, Carlos Walter Porto. Amazônia, Amazônias. Ed. Contexto. São Paulo. 2001.
- _____. A globalização da natureza e a natureza da globalização. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.
- _____. O novo imperialismo. 2. Ed. São Paulo: Loyola, 2005.
- JÚNIOR, Manuel Diegues. Regiões Culturais do Brasil. Instituto Nacional de Estudos pedagógicos – Centro Brasileiro de Pesquisas educacionais – Série VI – Sociedade e Educação – Vol. 2. Rio de Janeiro, 1960.
- JÚNIOR, Sant-Clair Cordeiro da Trindade, SILVA, Marcos Alexandre Pimentel da e AMARAL, Márcio Douglas Brito. Das “Janelas” às “portas” para os rios: compreendendo as cidades ribeirinhas na Amazônia (p. 27 a 48). In: JÚNIOR, Sant-Clair Cordeiro da Trindade e TAVARES, Maria Goretti da Costa. (Org.). Cidades Ribeirinhas na Amazônia: mudanças e permanências. Belém. EDUFPA, 2008.
- LÉVY, Pierre. A conexão planetária: o mercado, o ciberespaço, a consciência, São Paulo. Ed. 34, 2001.

- _____. Ciberultura. São Paulo. Ed. 34, 1999.
- LIMA, Deborah; POZZOBON, Jorge. Amazônia socioambiental. Sustentabilidade ecológica e diversidade social. In: Estudos Avançados: Dossiê Amazônia Brasileira II. V. 19. N.54.Maio-Ago. São Paulo: USP, 2005.
- LIMA, Maria R. S. de; HIRST, Monica. Brasil, Índia e África do Sul: Desafios e oportunidades para novas parcerias. São Paulo: Paz e Terra, 2009.
- LUCHIARI, Maria Tereza Duarte Paes. A (Re) significação da paisagem no período contemporâneo. In: CORRÊA, Roberto Lobato, ROSENDAHL, Zeny (Org.). Paisagem, Imaginário e espaço. RIO DE JANEIRO. ED. UERJ, 2001.
- MORAES, Antônio Carlos Robert. Ideologias Geográficas – Espaço, Cultura e Política NO BRASIL. SÃO PAULO. ANNABLUME, 2005.
- MOREIRA, Ruy. Pensar e ser em Geografia. São Paulo, Contexto, 2008.
- MORIN, Edgar. Da Necessidade de Um Pensamento Complexo. In: MARTINS, Francisco Menezes e SILVA, Juremir Machado da (Org.). Para navegar no século XXI, Porto Alegre; Sulina/Edipucrs, 2000.
- MOTA, José Aroudo. O Valor da Natureza – Economia e Política dos Recursos Naturais. Rio de Janeiro: Garamond, 2001.
- OLIVEIRA, Francisco de. A reconquista da Amazônia. In: D'INCAO, Maria Ângela e SILVEIRA, Isolda Maciel da (Org.). A Amazônia e a crise da modernização, Belém. Museu Paraense Emílio Goeldi, 1994.
- PEREIRA, Edir Augusto Dias. Faces da cidade ribeirinha de Mocajuba: paisagem e imaginário geográfico amazônico. In: JÚNIOR, Sant-Clair Cordeiro da Trindade e TAVARES, Maria Goretti da Costa. (Org.). Cidades Ribeirinhas na Amazônia: mudanças e permanências. Belém. EDUFPA, 2008.
- SANTOS, Milton. A natureza do espaço. São Paulo: Editora Universidade de São Paulo, 2002, p. 348.
- SANTOS, Milton e BECKER, Bertha K. (Org.). Território, territórios – ensaios sobre o ordenamento territorial. Cap. 2. A Amazônia e Política Ambiental Brasileira. 3ª Edição. Rio de Janeiro, 2007.
- SILVA, Robson Santos da. Um Novo Modo de Ensinar e Aprender: Integração de Mídias e Ambientes Virtuais de aprendizagem para o Desenvolvimento da Educação Básica na Amazônia. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Amazonas, 2008.

- SOJA, Edward W. Geografias pós-modernas: a reafirmação do espaço na teoria social. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.
- STAKE, Robert E. Pesquisa qualitativa: estudando como as coisas funcionam; tradução: Karla Reis; revisão técnica: Nilda Jacks. – Porto alegre. Penso, 2011.
- STEINBRENNER, Rosane A. “Amazônia” na Fronteira entre a Ciência e a Mídia: Submissão ou Superação do Mito? Trabalho apresentado no VII Encontro dos Núcleos de Pesquisa em Comunicação – NP Comunicação Científica – XXX Congresso Brasileiro de ciências da Comunicação, 2007.
- SUERTEGARAY, Dirce Maria Antunes. Espaço Geográfico Uno e Múltiplo. Revista Electronica de Geografia y Ciencias Sociales, Nº 93, 15 de Julho 2001. Universidade de Barcelona. 2001.
- TUAN, Yi-fu, Topofilia – Um estudo da Percepção, Atitudes e Valores do Meio Ambiente. 1974, by Prentice-Hall Inc., Englewood Cliff, New Jersey. Tradução: Difel, 1980.
- UGARTE, Auxiliomar Silva. Margens Míticas: A Amazônia no Imaginário. In: PRIORE, Mary Del e GOMES, Flávio Santos Gomes. (Org.). Os Senhores dos Rios. Rio de Janeiro. Editora Campus, 2003.
- VERDUM, Roberto. Perceber e conceber paisagem. In: VERDUM, Roberto, VIEIRA, Lucimar de Fátima dos Santos, PINTO, Bruno Fleck e SILVA, Luís Alberto Pires da. (Org.). Paisagem: leituras, significados e transformações. Porto Alegre Editora da UFRGS, 2012.

ANEXOS

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA PERCEPÇÃO DA AMAZÔNIA

QUESTIONÁRIO

1. ATORES DA PAISAGEM

Nome:

Sexo: () Masculino () Feminino

Inserção: () Amazônida

() Outro estado do Brasil – Qual? _____

Escolaridade em Curso:

Ensino Médio () Ensino Fundamental ()

Município em que reside: Tefé () Tabatinga ()

2. PERCEPÇÃO DA AMAZÔNIA

- a) O que a Amazônia representava para ti anteriormente?
- b) Qual a percepção ou percepções que tens da Amazônia hoje (frutos, população ribeirinha, indígenas, matas, rios, cheiros, cores e sabores, dentre outras)? Te agrada?
- c) Pelo que percebes no município em que resides quais as perspectivas para o futuro? Te agrada?

3. PERCEPÇÃO DA PAISAGEM AMAZÔNICA

- a) O que é paisagem na tua opinião?
- b) Qual a paisagem ou paisagens que melhor representam este município (que marca/símbolo)? Justifique.
- c) observas alguma alteração rápida ou profunda na paisagem do município que resides? Comente.

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA
PERCEPÇÃO DA AMAZÔNIA**

QUESTIONÁRIO

1. ATORES DA PAISAGEM

Nome:

Sexo: (10) Masculino (15) Feminino

Inserção: (11) Amazônida

(14) Outro estado do Brasil – Qual?

Rio de Janeiro 8, Minas Gerais 3, São Paulo 1, Rio Grande do Sul 1, e Ceará 1

Escolaridade em Curso:

Ensino Médio () Ensino Fundamental (25)

Município em que reside: Tefé () Tabatinga (X)

2. PERCEPÇÃO DA AMAZÔNIA

a) O que a Amazônia representava para ti anteriormente?

- Ela representa um lugar verde, cheio de vida e bonito.
- Um monte de índios nas ruas.
- Uma floresta.
- Um lugar no meio do nada.
- Um lugar aonde tinha muitos animais, um lugar exótico, com várias praias.
- Achava que era um lugar no meio do nada, sem civilização, e com um calor insuportável.
- Eu achava que andava índio pela rua e tinha um monte de mato.
- Um monte de mato, no meio do nada. Com o clima quente e com poucas chuvas.
- Uma floresta.
- Floresta.
- Um lugar calmo, com vários indígenas e muito mato.
- Um mundo cheio de Índios;

- A Amazônia representava uma cidade cheia de indígenas, matas e uma cidade com pouca população.

- Uma floresta.

- Floresta cheia de indígenas.

- Só mato.

- Eu achava que não teria tanta tecnologia.

- Representava e representa uma pequena cidade com muitos bichos e rios com muita dificuldade em manter contato com os familiares.

- Eu achava que só tinha floresta.

- Representava um lugar diferente, com culturas diferentes.

- Que só tinha mato e eu iria morar no meio do Rio Solimões.

- Para mim a Amazônia era um lugar só com floresta, rios, índios e animais.

- Uma floresta com indígenas.

- Uma floresta.

- Uma das maiores representações de floresta, onde obtém uma grande extensão.

b) Qual a percepção que tens a respeito da Amazônia hoje (frutos, população ribeirinha, indígenas, matas, rios, cheiros, cores e sabores, dentre outras)?Essa percepção te agrada?

- Ela é linda, cheia de biodiversidade e de culturas diferentes e sem dúvida me agrada.

- Que é um povo simples, e sim me agrada.

- Povo simples, não.

- Sim.

- Sim, pois é um lugar tranquilo, onde dá para relaxar.

- Me agrada muito viver e conhecer experiências que nunca imaginei.

- Acho que foi legal experimentar novas comidas conhecer pessoas novas, tudo na vida é uma experiência.

- A minha percepção é que aqui, nós encontramos uma cultura nova. Isso não me agrada nem me desagrada, pois é interessante.

- Indígenas.

- Não.

- Eu acho que é um lugar bom para se morar, pois é calmo, cheio de vida. Isso me agrada.

- Preocupo-me com todas as pessoas da região

- Tenho preocupação com a população, que é muito carente em questão de saúde e de educação.

- No começo essas percepções não me agradavam mais, depois de seis meses aqui já me acostumei.

- Me acostumei. Sim e muito.

- Eu acho que é um lugar bom mais também é ruim.

- Eu gosto mais ou menos, porque eu tenho um X-Box e uma bicicleta.

- Sim um pouco mais não tudo.

- Sim, não é tão ruim quanto eu pensava. Gostei muito das frutas e sabores novos.

- Sim eu gosto.

- Que é uma área muito bonita, não muito.

- Que existem diferentes tipos de frutos, cores que em outras regiões do Brasil normalmente não tem. Não me agrada.

- Os indígenas, os rios e matas. Agrada um pouco sim.

- Uma parte é civilizada (desenvolvida) e outra não (não desenvolvida). Não, pois estou na área não desenvolvida.

- Que a população indígena ocupa grande parte, e sim me agrada, pois são oportunidades de obter uma cultura maior.

c) Quais perspectivas de mudanças percebes no município em que resides? Essas perspectivas te agradam?

- Infelizmente não me agrada, pois não houveram muitas mudanças.

- Muda tudo, não me agrada.

- Muda tudo e não agrada.

- O prefeito mudou, sim.

- Antigamente não havia muitos policiais que faziam onda. Sim me agrada.

- Sim. Como por exemplo a segurança, a coleta de lixo, o combate a dengue e grandes mudanças no EAD.

- O Prefeito, as pessoas isso são mudanças que ocorreram em Tabatinga.

- Nada, pois cheguei faz seis meses.

- O prefeito.
- Zoológico.
- Arrumaram algumas ruas, fizeram uma estátua um homenagem ao prefeito.
- Mudou tudo e não me agradou.
- A população é muito precária, não tem shoppings, tem mais motos do que carros.

Sim me agrada.

- Que o município está meio que dividido entre um lado mais pobre e outro mais rico.

Não me agrada.

- Muda tudo. Não.
- Urbanização e o crescimento de lojas.
- Um Mc'Donald's. Um Shopping. Uma praia. Mais restaurantes. Mais clubes.
- As escolas, o nosso município, o hospital e etc. E tudo isso me agrada e ficou bem melhor, percebi também que a cidade desenvolveu melhor que eu esperava.

- Um shopping.

-Não tem nenhuma mudança.

- Urbanização. Sim.

- Não percebo nenhuma mudança...

- As construções mais antigas de escola estão sendo reformadas, mas a cidade ainda precisa de muita ajuda em questão de saúde e educação, então não.

- Não, porque os representantes da cidade deveriam atentar pra as necessidades da população.

- Não houve mudanças.

3) PERCEPÇÃO DA PAISAGEM AMAZÔNICA

a) O que é paisagem na tua opinião?

- É um lugar bonito, cheio de belezas e paisagens.
- É muito bonito.
- Lugares naturais, flores.
- Uma vista linda.
- Lugares exóticos, onde tem praias, animais, cultura, etc...

- Ver ou conhecer um local em que eu me sinta bem. Um local onde sentimos uma grande energia positiva.

- São coisas boas de si ver como o campo.

- É o que os humanos não tem como criar, pois é natural.

- Para mim é uma imagem que a gente acha linda e maravilhosa.

- O que você vê.

- Paisagem é tudo o que se pode ver.

- Repleta de árvores, onde a natureza toma conta.

- É uma imagem na qual pode ser urbana, da natureza, entre outros.

- É agradável.

- É um lugar bonito.

- A vista do lugar.

- Paisagem é uma vista bonita.

- Uma pista de skate muito irada, um local só de show, só de rock internacional e nacional.

- É um lugar tranquilo aonde a pessoas podem descansar em paz só com o barulho dos passarinhos e sem poluição sonora como o bonde das maravilhas.

- É boa do jeito que é, é ter uma floresta bonita. Uma paisagem boa.

- Cidade, natureza.

- Um local muito bonito de se ver e de se admirar.

- Um lugar bonito.

- Uma coisa que pode ser vista como belo ponto de vista.

- uma coisa bonita.

b) Qual a paisagem ou paisagens que melhor representam este município (que marca/símbolo)? Justifique.

- Os grandes portos, pois lá eu tomo banho neles às vezes.

- A cidade toda.

- Zoo e botânico.

- O CFSOL 8º Bis, ele defendem fronteiras.

- O Rio Solimões e os animais, pois vivemos na Amazônia onde há rios e animais.

- O local atrás do aeroporto, onde tem uma vista linda do Rio Solimões.

- Mata, floresta, bichos como a onça e outros.

- A selva, pois representa que aqui é pouco desmatada.
- Os rios, porque eles representam melhor.
- O por do sol. Porque é lindo.
- O Rio Solimões, a onça.

De outros estados:

- Parque Zoobotânico. Pois é muito bonito.
- 8° BIS, porque representa um grande exército a fim de proteger a selva.
- A cidade.
- Os rios e as florestas, pois, quando se pensa em Amazônia, se pensa em rios e florestas.

- Mato.

- Grasol

- As comidas típicas, os restaurantes muito enfeitados com a natureza e tudo mais.

- Grasol.

- A mata e a floresta. Porque aqui é cheio de plantas e bichos.

- Na frente da minha casa só tem Selva.

- O lindo rio e floresta, porque são os fatores mais marcantes.

- florestas.

- As do Zoológico. Porque o município está em uma região onde há diferentes tipos de flora e fauna.

- O 8° BIB, pois é um dos pontos turísticos e é a representação da Amazônia.

c) Observas alguma alteração rápida ou profunda na paisagem do município que resides? Comente.

- Sim, a ida de um grande número de haitianos.

- Os haitianos, quando eu cheguei estava cheio de haitianos e hoje não está mais.

- Não percebo.

- Menos buraco na minha rua, eu gostei muito disso.

- Menos buracos, o prefeito ajudou muito as pessoas ribeirinhas, pessoas sem casa deu muito abrigo para os pobres.

- Não.

- O Rio Solimões e acho que só.

- Não percebi nenhuma alteração.

- O novo prefeito fez muitas mudanças.

- Os Haitianos que vinham do Haiti para se refugiar no Brasil.
- Não vi diferenças.
- Sim a diminuição do tráfico de drogas.
- Diminuição do tráfico de drogas.
- A chegada de vários haitianos.
- Não, não observo nenhuma alteração.
- Não. Porque eu gosto muito, está bom do jeito que é.
- Não.
- Quando cheguei a Tabatinga não tinha nenhum jambo na árvore agora tem.
- No município inteiro praticamente a produção de diversos frutos.
- Não.
- Não.
- Sim, a poluição.
- Não.
- Estava cheia de haitianos. Porque estavam com muitos haitianos.

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA
PERCEPÇÃO DA AMAZÔNIA**

QUESTIONÁRIO

1) ATORES DA PAISAGEM

Nome:

Sexo: (7) Masculino (8) Feminino

Inserção:(5) Amazônida

(10) Outro estado do Brasil – Qual?

Mato Grosso do Sul 1 Mato Grosso 1 Rio de Janeiro 5 Minas Gerais 2 São Paulo 1

Escolaridade em Curso:

Ensino Médio (15) Ensino Fundamental ()

Município em que reside: Tefé () Tabatinga (X)

2) PERCEPÇÃO DA AMAZÔNIA

a) Oque a Amazônia representava para ti anteriormente?

- Nunca representou algo negativo sempre foi um tema de biodiversidade, e a biodiversidade é vida;

- Um lugar cheio de animais e plantas;

- A beleza que Deus criou e mantém para que a humanidade possa ver;

- Grande Instrumento para o desenvolvimento nacional;

- Local com flora e Fauna muito rica;

De outros estados:

- Apenas um local inexplorado com muito potencial de exploração. Que eu não dava à mínima.

- Vida natural e essência econômica.

- Floresta;

-Uma floresta gigante e com muitos rios e animais;

-Anteriormente a Amazônia representava para mim florestas e rios;

- Antigamente achava que aqui só tinha “mato”, floresta, árvore, bichos e coisas do tipo. Achava que aqui não era desenvolvido.

- Anteriormente a Amazônia representava muito verde e muita árvore e rios.
- Um lugar rico em frutas e com uma diversidade de animais e plantas.
- O local mais importante do Brasil.
- Representava o pulmão do mundo, o maior rio e a maior biodiversidade do mundo.
- Imaginava que aqui fosse um lugar pouco desenvolvido, além de ser o pulmão do mundo (com muitas plantas, animais, etc.)

b) Qual a percepção que tens a respeito da Amazônia hoje (frutos, população ribeirinha, indígenas, matas, rios, cheiros, cores e sabores, dentre outras)?Essa percepção te agrada?

- Nunca me agradou o cheiro de peixe e de certas frutas. Mais o resto só tem pontos positivos, tudo é tão lindo.

- Não me agradam, os rios poluídos, desmatamento, o cheiro em alguns lugares são não agradáveis.

- Um pouco de tudo, faz a beleza que a Amazônia é.

- Em relação aos frutos supracitados (frutas, população), tenho a percepção que existem grandes atrasos, tanto social como econômico.

- Populações indígenas agressivas, rios mal cuidados, animais de pequeno e médio porte e muito analfabetismo.

- A Amazônia é pouco aproveitada pelo que ela tem a oferecer. No local onde vivo tenho na verdade pouco contato com a natureza em si. Mas ao viajar pela Amazônia percebe-se o quanto ainda há a explorar.

- indígenas, não.

- indígenas, não muito.

- Não tem nenhum tipo de percepção não. Pois os políticos não têm projetos nem planos futuros para a cidade.

- Indígenas, matas, rios e população ribeirinha. Não.

- Indígenas, matas, rio, cheiro. Claro que essa percepção não me agrada muito. Muitas mudanças devem ser feitas.

- Os Indígenas, matas e rios. Não muito.

- Uma cultura rica, que te oferece uma grande experiência. Sim.

- Apesar de estar sendo desmatada, ainda possui uma grande importância para a manutenção da vida, existem muitos animais e frutas exóticas, a maioria dos indígenas estão urbanizadas e eu me surpreendi quando cheguei aqui.

-Um estado com muitos valores naturais, rico em beleza natural e vegetação (fauna e flora). Sim eu acho que deveria ser mais valorizada.

c) Quais perspectivas de mudanças percebes no município em que resides? Essas perspectivas te agradam?

- Não há muitas mudanças, mais estamos indo em frente.

- Nenhuma faltam reformas em algumas escolas públicas, asfaltamento em alguns bairros.

- O crescimento populacional e urbanização, me agradam, mas poderia ser melhor administrada.

- Não percebo mudanças no município, e esse atraso assusta-me.

- Um local onde existe roubo dos recursos, muitas famílias pobres, infraestrutura precária e falta de funcionários públicos com boas intenções.

- Na cidade de Tabatinga não há nenhum tipo de visão para o futuro por parte da autoridade responsável pela cidade. A infraestrutura é horrível com a internet indigna para o século XXI.

- Aumento do comércio, maior patrulhamento, policiamento, sim me agradam.

- O crescimento da população e crescimento da cidade.

- Nenhuma.

- Não ocorreram mudanças. Não muito.

- Não vejo mudanças.

- Não vejo mudanças. Não.

- Que está evoluindo na questão econômica, ou seja, o crescimento da cidade, sim.

- A prefeitura está investindo no recapeamento das ruas, o que agrada a todos pois facilita o fluxo dos carros.

- Deveriam valorizar mais, por que o município onde eu moro está bastante largado e desvalorizado. Sem perspectiva nenhuma para o município e melhoras. O lazer, a educação e a saúde estão completamente precárias.

3) PERCEPÇÃO DA PAISAGEM AMAZÔNICA

a) O que é paisagem na tua opinião?

- Em minha opinião tudo o que é único e bonito é paisagem.
- A imagem de algum lugar.
- Tudo o que vejo, pode ter um atributo especial e se tornar um marco ou paisagem impactante.

- Paisagem é qualquer imagem que parece agradável à visão do indivíduo. Pode ser natural ou urbana.

- Local sereno e tranquilo.

De outros estados:

- Plano de fundo em relação a uma superfície.

- Campo rural ou os grandes mares.

- É uma visão bonita de um lugar natural.

- O Pôr do sol, com certeza é a paisagem mais bonita.

- É uma visão bonita de uma região.

- Tudo aquilo que podemos ver; que está representado através da natureza e suas modificações (feita pelo homem).

- Uma imagem formada pela natureza.

- Um Lugar bem arborizado, com flores, etc.. A paisagem pode se caracterizar de várias formas, e em vários ambientes diferentes, e essa região são é por essas características, sua flora e fauna.

b) Qual a paisagem ou paisagens que melhor representam este município (que marca/símbolo)? Justifique.

- O Pôr do Sol.

- O Rio Solimões no horário do Pôr do Sol, pois nesse horário o fluxo de pessoas aumenta na área.

- O pôr do sol, no Comara.

- Árvores e Animais, porque ao pensar em Amazônia vem em mente uma floresta.

- A famosa “As pedras do Comora”. Quando o rio baixa. As pedras ficam a amostra, com o pôr do Sol, fica lindo.

- Árvores, rios e a imagem de animais selvagens. Esse lugar apresenta ser rico em todas essas características.

- Pôr-do-sol no Umariáçu (Comara).
- O Rio Solimões e a mata (floresta), porque é a principal característica do local.
- Pôr do Sol. Porque é uma visão muito bonita.
- A população ribeirinha, pois quase toda a população mora nas margens do rio daqui.
- Pôr do Sol. Porque é uma bela visão da região.
- Por do Sol e as Selvas.
- O por do sol e a sensação de proximidade às estrelas.

c) Observas alguma alteração rápida ou profunda na paisagem do município que resides? Comente.

- No meio da mata é muito rica em plantas, mas as margens do rio totalmente desmatadas.

- O processo de desenvolvimento do município é lento, logo, não se percebe nenhuma alteração rápida e/ou profunda.

- O aumento do volume das águas nos rios.
- Desaparecimento das árvores. Em alguns lugares há lixo nas ruas.
- Quando o Rio enche fica uma Catástrofe.

- O desmatamento. Apesar de não ser bem desenvolvido. O desmatamento é algo inevitável nessa região, mas se houve a criação do município eles deveriam se importar em crescer e dar boa condição de vida para população.

- Sim. As plantas crescem muito rápido. A cheia e a vazante do rio.
- Não. O município não fez alteração na paisagem.
- Não.
- Não vejo nenhuma alteração.
- Não.
- O Comércio. Vem crescendo muito nos últimos tempos.
- Desmatamento. Processo que está ocasionando fortes mudanças naturais e drásticas.

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA
PERCEPÇÃO DA AMAZÔNIA**

QUESTIONÁRIO

1. ATORES DA PAISAGEM

Nome:

Sexo: (4) Masculino (3) Feminino

Inserção: (2) Amazônida

(5) Outro estado do Brasil – Qual?

2 do Rio de Janeiro , 1 do Paraná, 1 do Rio Grande do Sul e 1 de Minas Gerais

Escolaridade em Curso:

Ensino Médio () Ensino Fundamental (7)

Município em que reside: Tefé (X) Tabatinga ()

2) PERCEPÇÃO DA AMAZÔNIA

a) O que a Amazônia representava para ti anteriormente?

- Para mim a Amazônia era a floresta brasileira, um lugar cheio de bichos, cobras, onças, macaco andando nas ruas, que a população era praticamente só de índios.

- Em meu pensamento achava que era um lugar onde só tinha índio, que não tinha cidade alguma, que só tinham animais para todos os lados, que eu teria que viver em um casa feita de palha e madeira.

- Pulmão do mundo, floresta tropical e Bichos.

- Representava uma área do Brasil que não era muito desenvolvida, que havia muito verde, e muitos animais, andando nas ruas e um lugar onde não houvesse civilização e só tivesse índios.

- Uma grande floresta com um rio.

- Que tinha nas ruas tinha macacos e “onça”, etc.(Amazônida)

- Tudo de bom. (Amazônida).

b) Qual a percepção que tens a respeito da Amazônia hoje (frutos, população ribeirinha, indígenas, matas, rios, cheiros, cores e sabores, dentre outras)?Essa percepção te agrada?

- Sim.

- Sim porque tem frutas que outros pais ou estados não tem, temos aqui.

- Um lugar bem interessante, onde todo dia é uma descoberta, pessoas, frutos, cores diferentes das que costumava ver. Agradou-me muito.

- Minha Percepção de hoje é completamente diferente do que eu pensava anteriormente. Em minha opinião a cidade está crescendo cada vez mais, suponho que daqui a dois ou três anos já vai ter um shopping. Os habitantes são descendentes de índios.

- Muitas vezes essa percepção é desagradável, mas tem momentos que as tornam agradáveis, tem muitos frutos bons, a população ribeirinha e os indígenas receberam-nos de braços abertos, a paisagem da mata é bonita; Os rios também, porém a cheia é desagradável. Cores e sabores são bons. A pessoa tem que se adaptar eu gostei muito daqui. Foi uma experiência que só estando aqui para ver.

- Sim, pois vi que era totalmente diferente do que eu pensava, que a Amazônia em si é um lugar maravilhoso, onde nós podemos viver com a natureza, e as pessoas que vivem aqui são bem receptivas. Podemos respirar um ar bem mais limpo do que em outras cidades grandes, e fazer coisas que outros lugares como: ficar mais junto das pessoas, porque é uma cidade bem pequena, passear de barco, etc.

- Agrada e muito, hoje vejo que ela precisa de mais cuidados, aqui desde que cheguei eu vi macacos e jacarés, coisas que nunca pensaria que iria ver tão de perto.

c) Quais perspectivas de mudanças percebes no município em que resides? Essas perspectivas te agradam?

- Muitas mudanças, algumas agradam, outra não. Quando cheguei aqui pensava que a cidade tinha internet, produtos de ótima qualidade, bons não são muito diferentes; a internet é muito ruim, mas a cidade em si é boa. Eu acho que só falta um pouquinho mais de consciência dos cidadãos tefeenses em cuidar da sua cidade, pois aqui você vê o esgoto a céu aberto, cheio de lixo, e também falta um pouco de diversão, pra que vem do Rio, Brasília, Belo Horizonte, fica chocado com Shopping da cidade, não é um Shopping, é uma galeria, mas a cidade é muito boa só tem que aprender a viver nela.

- A construção de novas lojas, condomínios fechados, a vinda de outras pessoas de outros lugares a procura de trabalho como professores, pois trabalhar como professor aqui rende um bom salário. Sim, pois vai ajudar no desenvolvimento da cidade de Tefé.

- Bem percebo que Tefé esta evoluindo, crescendo e desenvolvendo acho que isso não agrada só a mim como a todos, agora em Tefé (presente) esta se construindo o primeiro condomínio e acho que isso é bom para a cidade evoluir.

- A criação de novas lojas, de condomínios, a cidade está crescendo. Só acho que devia ter mudanças no aspecto de beleza e de higiene. Aqui o esgoto é a céu aberto e exala mau cheiro.

- Que está evoluindo. Lojas, restaurantes e até condomínios fechados estão sendo construídos. Sim, me agradam.

- Queria que reformassem os colégios públicos em Tefé e estaduais. E também as ruas. A feira municipal.

- Sim.

B) PERCEPÇÃO DA PAISAGEM AMAZÔNICA

a) O que é paisagem na tua opinião?

- Na Amazônia tem várias paisagens, são todas bonitas.

- É uma coisa muito bonita e muito interessante para as pessoas de outros estados que acham que a Amazônia é uma coisa feia, mas tem pessoas que vem para Ca ficam surpresas com a paisagem da Amazônia.

- A paisagem da minha cidade não é muito agradável, pois há esgoto a céu aberto, a limpeza da cidade é feita por urubus e etc. Mas a paisagem amazônica em si é muito bonita.

- A paisagem Amazônica é rica em fauna e flora, nos passeios de barcos vemos paisagens exuberantes que só existem na Amazônia. A paisagem amazônica tem benefícios e malefícios; os malefícios são a presença de urubus nas ruas, urubus atravessando a rua, o esgoto a céu aberto, algumas que não são asfaltadas e a feira de Tefé que exala muito fedor e a presença de ratos e baratas nos mercados.

- Paisagem em minha opinião é tudo aquilo que somente a natureza pode nos dar, a vista, as frutas e tudo mais, isso tudo é o que torna lindo a paisagem.

- São lindos, rios imensos, o encontro das águas, árvores de todos os tipos e tamanhos, pássaros de todas as cores e cantos, iguanas gigantes (um metro, mais ou menos) na porta da sua casa, onças, jacarés. Peixes gigantes, uma das paisagens maravilhosas do mundo.

- A paisagem da Amazônia em minha opinião é uma das mais lindas que eu já vi, pois existe muitas árvores gigantes de centenas de anos que embelezam esta terra maravilhosa, a grande quantidade de água que faz com que a floresta se mantenha viva. Quando eu vim de avião vi uma parte da imensidão dessa floresta, vi como se fosse um desenho feito por deus uma paisagem inexplicável bela.

b) Qual a paisagem ou paisagens que melhor representam este município (que marca/símbolo)? Justifique.

- A floresta e os lagos.

- Como o símbolo da cidade de Tefé é a Castanheira... que ela que as pessoas mais comem em Tefé...É chamada a Terra da Castanha.

- A Castanheira. Pois existe uma considerável quantidade dessa majestosa árvore nessa região.

- A árvore Castanheira, aqui em Tefé tem até Cesta da castanha, a castanha aqui é um alimento muito usado em Tefé. Em diversas áreas da alimentação.

- A Festa da Castanha, vem cantores de todos os lugares do Brasil, o ano passado veio o Skank; já passaram por aqui: Thiaguinho, Bruno e Marrone entre outros.

- A Castanheira, ela representa muito bem a cidade, uma árvore maravilhosa, ela que representa a cultura da cidade, a maior festa da cidade é feita em torno dela, a festas da castanha que acontece em setembro.

- As paisagens que mais marcam Tefé para mim são a Castanheira e o rio que se encontra em frente a Tefé. A castanheira, pois é o símbolo de Tefé é um dos frutos que mais dá nessa cidade, e também existe uma festa da castanha; O rio, pois ele sempre seca e enche em varias estações do ano.

c) Observas alguma alteração rápida ou profunda na paisagem do município que resides? Comente.

- Profunda: a troca de prefeito mudou bastante a cidade de Tefé. Rápida- a cada dia nasce um bebê em Tefé.

- Em Tefé existe muito esgoto a céu aberto o que interfere na feira municipal passam muitos ratos e morcegos comendo os legumes, frutas e verduras etc. E também o esgoto nos rios.

- A cheia dos rios. No período de chuvas o rio enche entrando em casas, lojas e etc. modificando a paisagem natural.

- O nível do lago Tefé, em certa época do ano o nível da água fica muito elevado, esse período é chamado da época da cheia, em outro período o nível da água diminui e esse período se chama seca.

- Esgoto a céu aberto, o mau cheiro prejudica a nós, além de atrair ratos e baratas que geram doenças transmissíveis, o porto é sujo em vez de cuidar o pessoal joga lixo nas águas e nos rios de Tefé, mas Tefé está evoluindo cada vez mais rápido e isso é bom não só pra mim, mas para todos.

- Sim, no mês de dezembro o rio fica baixo, pode atravessar de Tefé ao Abiol de carro (que é uma ilha que fica próxima a cidade); já em maio o rio sobe de uma maneira assustadora, como se nunca tivesse descido. As matas também são assim, um dia você vê o abiol; ou ribeirinho cortando os galhos todos e um mês e pouco, as árvores já estão altas e bonitas. Acho que é só isso aconselho as pessoas a conhecerem a cidade de Tefé; é uma cidade boa, que com o tempo, passa a ser a cidade do coração.

- Sim, o rio que sempre em diferentes estações muda o seu nível de água, em algumas estações ele enche e em outras ele seca, mais seca tanto que da para atravessar a pé ele, etc.

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA
PERCEPÇÃO DA AMAZÔNIA**

QUESTIONÁRIO

1. ATORES DA PAISAGEM

Nome:

Sexo: (3) Masculino (2) Feminino

Inserção:(1) Amazônida

(4) Outro estado do Brasil – Qual?

3 do Rio de Janeiro e 1 do Paraná

Escolaridade em Curso:

Ensino Médio (5) Ensino Fundamental ()

Município em que reside:Tefé (X) Tabatinga ()

2. PERCEPÇÃO DA AMAZÔNIA

a) O que a Amazônia representava para ti anteriormente?

- Representava o coração do território brasileiro e uma das maiores florestas intertropical do planeta;

- Uma área com uma grande biodiversidade, muitas floretas, muitos rios, etc.

- Que aqui nesta região há muitas espécies de animais, de frutas, de plantas e de árvores;

- Uma região simples com vasta fauna e flora; Problemas com tecnologia; e problemas climáticos (seca e enchente).

- Ela representava uma floresta, um lugar onde morei quando tinha um ano de idade.

b) Qual a percepção que tens a respeito da Amazônia hoje (frutos, população ribeirinha, indígenas, matas, rios, cheiros, cores e sabores, dentre outras)? Essa percepção te agrada?

- um local limitado, sem muita tecnologia disponível; a população é bastante simples. Porém só quem reside aqui sabe da importância da Amazônia para o planeta. É uma região muito rica em diversidade de frutas, animais, cores, sabores e cheiros.

- É uma região com uma grande quantidade de recursos naturais, porém ainda está em desenvolvimento.

- Os frutos são bons, a população é calma, os rios são bem utilizados, é um lugar de muitas cores, e os sabores da alimentação são muito bons. Isso tudo me agrada, pois é um lugar de se viver.

- As pessoas são bastante simples, não são tão simpáticas, têm bastantes frutas, peixes e animais diferentes, o povo sofre muito com as secas e as chuvas fortes, a população vive da pesca e do comércio, a alimentação é cara, a flora prevalece em toda a cidade.

- Às vezes não me agrada muito, os frutos alguns me agradam, a população não me agrada na maioria das vezes e a floresta não me agrada.

c) Quais perspectivas de mudanças percebes no município em que resides? Essas perspectivas te agradam?

- Muitos empresários têm planos para a cidade, condomínios serão feitos, planos de grandes construções... Não muito, pois será uma mudança drástica e o charme de Tefé e ser uma cidade pacata.

- Ainda não percebi nenhuma mudança aqui neste município.

- O município está ficando mais desenvolvido pois estão construindo um fórum municipal, um condomínio e asphaltando as estradas.

- A construção de um Fórum municipal e a construção de um condomínio residencial, próximo ao pólo Sepé Tiarajú. Essas perspectivas me agradam, pois ao poucos a cidade está evoluindo.

- Não me agradam. Eu percebo que tem uma grande diferença comparada com o Rio de Janeiro, não tem cinemas e áreas de lazer e é como se eu estivesse em outro país.

B) PERCEPÇÃO DA PAISAGEM AMAZÔNICA

a) O que é paisagem na tua opinião?

- Na minha opinião paisagem é tudo que eu posso ver, como por exemplo, as árvores, os mares e etc.

- É tudo aquilo que nós podemos ver.

- É tudo aquilo que representa a Amazônia. As florestas, os rios, as árvores, etc.
- Paisagem é a que forma o local. A paisagem daqui da cidade é muito bela.
- Tudo aquilo que representa a cidade e seu povo.

b) Qual a paisagem ou paisagens que melhor representam este município (que marca/símbolo)? Justifique.

- O Rio. Por que quando ocorre a enchente traz grandes problemas.
- O Rio Tefé – Representa o maior meio de alimentação e de renda da população. Encontro das águas – É um lugar lindo e diferente. O porto – É o meio mais utilizado pelos comerciantes. A feira de Tefé – onde a população vende os seus produtos. – Os flutuantes – grande parte vive em pequenas casas no rio. - Festas regionais – onde todos mostram a cultura da cidade.
- A paisagem que melhor representa o município é os moradores da cidade, os moradores que também vivem no rio.
- A festa da castanha. Porque é uma festa típica da cidade de Tefé onde várias pessoas de outras cidades comparecem.
- O Rio Negro e Solimões – representa a região Amazônia e a sua diversidade, além de ser um símbolo da região amazônica.

c) Observa alguma alteração rápida ou profunda na paisagem do município que resides? Comente.

- A cheia do Lago Tefé e a construção de um Fórum Municipal.
- Sim. Do mês de agosto até o final do ano, Tefé passa pela época da seca. Nessa época o rio Tefé começa a esvaziar, o calor aumenta, as cheias diminuem. Pelo fato do lago esvaziar, os barcos não conseguem chegar até a cidade e a passagem do rio serve como estrada para outros municípios.
- Não, nenhuma.
- Quando é época de cheia a paisagem muda drasticamente, muitas casas e ruas ficam alagadas, os carros e motos evitam trafegar pelos rios, as chuvas fortes destroem várias plantações, árvores caem...Na seca animais morrem, tem grande número de virose, fica muito quente, o lago seca muito impedindo de barcos chegarem nos portos...
- Sim. Quando enche o rio vejo uma enorme mudança e a chuva e varias outras coisas.

FOTOS DE TABATINGA

Figura 2. Sede do Polo do CREAD/CMM Tabatinga.



Fonte: Foto cedida por Jaqueline Camargo Lima, 2013.

Figura 3. Sala de aula do CREAD/CMM Tabatinga.



Fonte: Foto cedida por Jaqueline Camargo Lima, 2013.

Figura 4. Pôr do sol no Rio Solimões.



Fonte: Foto cedida por Emerson Euzébio, 2004.

Figura5. Mercado Municipal.



Fonte: Foto cedida por Emerson Euzébio, 2011.

Figura6. Rio Solimões vista do Umariáçu.



Fonte: Foto cedida por Emerson Euzébio, 2005.

Figura7. Cyber Café.



Fonte: Foto cedida por Emerson Euzébio, 2011.

Figura8. Agência bancária.



Fonte: Foto cedida por Emerson Euzébio, 2011.

Figura9. Centro Comercial.



Fonte: Foto cedida por Emerson Euzébio, 2011.

Figura10. Embarcação típica –“ Voadeira”.



Fonte: Foto cedida por Emerson Euzébio, 2011.

Figura 11. Barco Recreio.



Fonte: Foto cedida por Emerson Euzébio, 2011.

Figura 12. Revenda de telefonia móvel.



Fonte: Foto cedida por Emerson Euzébio, 2011.

Figura 13. Fronteira de Tabatinga e Leticia (Colômbia).



Fonte: Foto cedida por Emerson Euzébio, 2011.

Figura 14. Vista da rua da Amizade sentido Leticia.



Fonte: Foto cedida por Emerson Euzébio, 2013

Figura 15. Aeroporto de Tabatinga.



Fonte: Foto cedida por Emerson Euzébio, 2009.

FOTOS DE TEFÉ

Figura 16. Polo do CREAD/CMM de Tefé



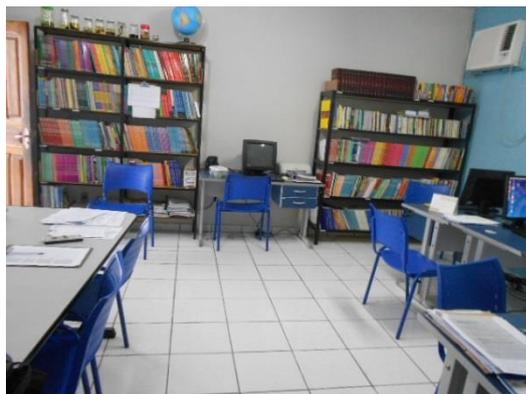
Fonte: Francisco Carlos Kirchmeyer Vieira, 2013.

Figura 17. Sede do Polo do CREAD/CMM de Tefé



Fonte: Francisco Carlos Kirchmeyer Vieira, 2013.

Figura 18. Biblioteca do Polo do CREAD/CMM de Tefé



Fonte: Francisco Carlos Kirchmeyer Vieira, 2013.

Figura 19. Sala de aula do Polo do CREAD/CMM de Tefé



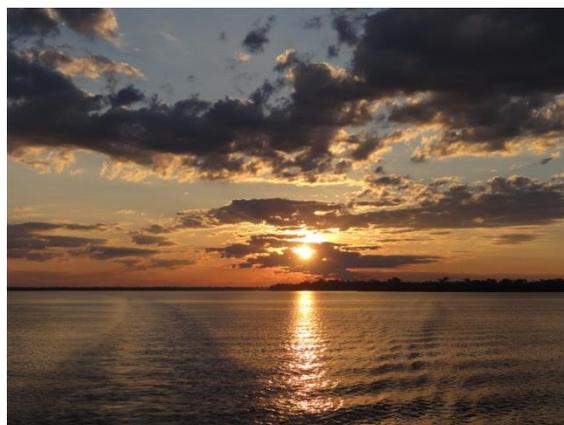
Fonte: Francisco Carlos Kirchmeyer Vieira, 2013.

Figura 20. Sala de aula do Polo do CREAD/CMM de Tefé



Fonte: Francisco Carlos Kirchmeyer Vieira, 2013.

Figura 21. Por do Sol em Tefé



Fonte: Dirce Maria Antunes Suertegaray, 2013.

Figura 22. Reserva de Mamirauá em Tefé



Fonte: Dirce Maria Antunes Suertegaray, 2013.

Figura 23. Reserva de Mamirauá em Tefé



Fonte: Dirce Maria Antunes Suertegaray, 2013.

Figura 24. Comunidade ribeirinha em Tefé



Fonte: Dirce Maria Antunes Suertegaray, 2013.

Figura 25. Terra da Castanha (Tefé)



Fonte: Dirce Maria Antunes Suertegaray, 2013.

Figura 26. Feira de artesanato em Tefé



Fonte: Dirce Maria Antunes Suertegaray, 2013.

Figura 27. Feira Municipal em Tefé



Fonte: Dirce Maria Antunes Suertegaray, 2013.

Figura 28. Moto-táxi em Tefé



Fonte: Dirce Maria Antunes Suertegaray, 2013.

Figura 29. Casa de forró em Tefé



Fonte: Dirce Maria Antunes Suertegaray, 2013.

Figura 30. Comida típica da Amazônia: caldeirada



Fonte: Dirce Maria Antunes Suertegaray, 2013.